Universidade de São Paulo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA APARECIDA DA BABILÔNIA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

ANA RITA CORRÊA



SÃO CARLOS
2022

Ana Rita Corrêa

Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura.

Área de Concentração: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Ângela Pereira de Castro e Silva Bortolucci.

Co-orientadora: Profa. Dra. Joana D'Arc de Oliveira.

Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

SÃO CARLOS-SP
2022

VERSÃO CORRIGIDA

VERSÃO ORIGINAL ENCONTRA-SE NA UNIDADEQUE ALOJA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) local da ficha

Corrêa, Ana Rita
C824s Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural / Ana Rita Corrêa; orientadora Maria Angela Pereira de Castro e Silva Bortolucci; co-orientadora Joana D'Arc de Oliveira. - São Carlos, 2022.
132 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. 2. São Carlos. 3. Patrimônio Religioso. 4. Patrimônio Imaterial. 5. Patrimônio Cultural. I. Bortolucci, Maria Angela Pereira de Castro e Silva, orient. II. Oliveira, Joana D'Arc de, co-orient. III. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2: Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

Projeto Gráfico: Paul Newman dos Santos

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidata: **Ana Rita Corrêa**

Título da dissertação: "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

Data da defesa: **30/03/2022**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ângela Pereira de Castro e Silva Bortolucci

Comissão Julgadora: **Resultado:**

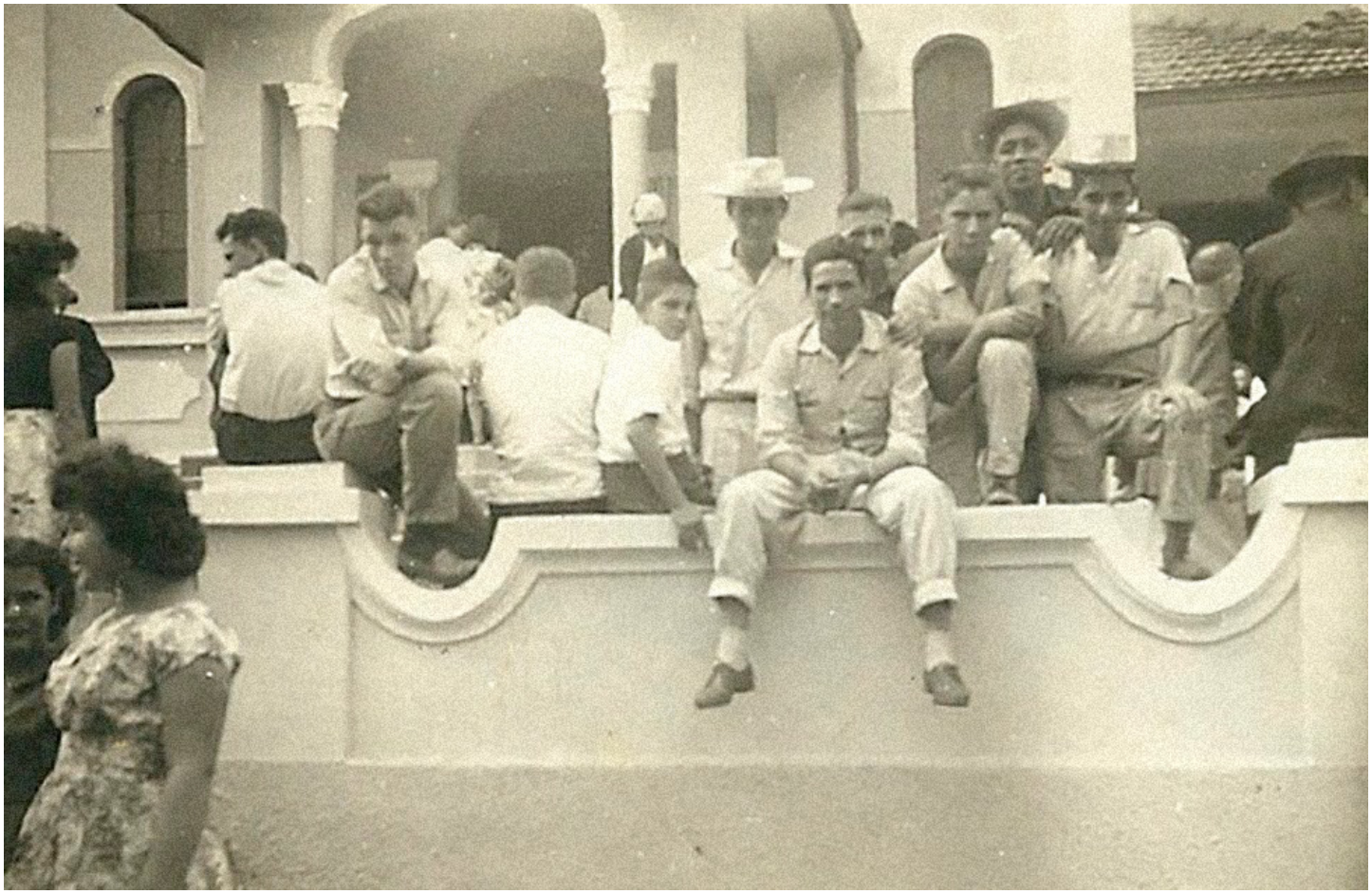
Profa. Dra. Maria Ângela Pereira de Castro e Silva Bortolucci **Não votante**
(IAU/USP)

pp. **Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka** APROVADA
(IAU/USP)

pp. **Prof. Dr. Vladimir Benincasa** APROVADA
(UNESP)

pp. **Profa. Dra. Débora Marques de Almeida Nogueira Mortati** APROVADA
(UNICEP)

Coordenador e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: **Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira.**



Dedico este trabalho à memória dos meus pais, Zuza e Neusa, e memória de Padre Antônio Tombolato.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. (CANDAU, 2019 p. 16)

Agradecimentos

Foram muitos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e expresso aqui minha gratidão a todos. Primeiramente quero agradecer à minha querida mãe Neusa, que hoje não está mais entre nós, mas foi uma grande incentivadora e motivadora para os primeiros passos tomados nesta jornada. Agradeço ao meu companheiro Bruno, pela confiança depositada e pelo investimento creditado a mim, pela paciência e suporte que permitiram realizar este trabalho. Agradeço à minha filha Manuela, grande companheira no processo de produção desta pesquisa, e que estando ao meu lado trouxe alívio à solidão da escrita. Agradeço ao meu irmão Toco e minha cunhada Fabiana, que sempre me deram o suporte necessário não medindo esforços que possibilitaram a realização desse trabalho.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Maria Angela Pereira de Castro e Silva Bortolucci, pelo carinho e desvelo com que conduziu as orientações, e mais que isso, foi amiga e companheira desde o início. Agradeço à minha co-orientadora Prof. Dra. Joana d'Arc de Oliveira que, da mesma maneira não poupou esforços para orientar este trabalho, mostrou-se grande amiga e incentivadora. Agradeço ao Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka que, desde a entrevista para ingresso no mestrado, acompanhou e contribuiu para a construção da pesquisa, da mesma forma que me recebeu como estagiária do programa PAE, onde tive a oportunidade de aprender e aprofundar a temática de proteção, conservação e manutenção do patrimônio cultural. Ao Prof. Dr. Paulo Cesar Castral que foi grande incentivador e entusiasta durante o processo seletivo.

Ao Prof. Me. Ralf José Castanheiras Flores, meu primeiro orientador durante a graduação, com quem tive contato inicial na pesquisa com a iniciação científica e muito me incentivou a seguir a carreira acadêmica. Expresso aqui meus sinceros agradecimentos pelos primeiros ensinamentos e, principalmente, por acreditar que poderia seguir em frente.

A todos os amigos e professores que de alguma forma contribuíram para a construção e conclusão deste trabalho.

Agradeço ao Arquivo Diocesano de São Carlos, em especial ao Diácono Carlos Alberto Pavan, que abriu suas portas não impondo barreiras e foi de grande auxílio na busca

da documentação primária, tão importante para realização deste trabalho. À Cúria diocesana de São Carlos e à Fundação Pró-Memória de São Carlos, sempre dispostos na busca por documentação. Agradeço ao fotógrafo Paulo Ceneviva, por permitir o acesso ao acervo fotográfico de Thomaz Ceneviva.

Agradeço a todos que concederam entrevistas e colaboraram com suas preciosas histórias: Antônio Beltrame, Cristina Soligon, Lauriberto Bertocco de Oliveira e Rickoff Aidar.

Meu agradecimento especial ao Padre Antônio Tombolato, que faleceu um ano após nos ceder sua entrevista, e que foi de grande colaboração para esta pesquisa.

Agradeço ao grupo de pesquisa "Patrimônio, Cidades e Territórios", pelo acolhimento, apoio e discussão que foram de grande pertinência para o trabalho.

Aos integrantes da comissão julgadora da banca de qualificação, Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka, Prof. Dr. Andrea Piccini, pelos apontamentos feitos a respeito do trabalho.

Especialmente ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), que ofereceu todo suporte necessário à pesquisa, com seu corpo de funcionários sempre atencioso, orientando e auxiliando, principalmente no momento crítico pandêmico atual.

E, por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que respaldou financeiramente este trabalho, sendo fundamental para que tivesse a possibilidade de desenvolvê-lo.

Resumo

CORRÊA, Ana Rita. **Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural**. 2022. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2022.

Ao alimentar o imaginário coletivo há mais de 100 anos, o mito sobre o achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, conhecida como Aparecidinha, se encarrega de sustentar o patrimônio cultural religioso do município e da região. Desde a construção da primeira capela no final do século XIX, a imagem tem tido sua história firmada em diversos elementos simbólicos que solidificam, transformam e atualizam o mito do achado da imagem a cada celebração, a cada festa. Paulatinamente têm sido modificados os suportes materiais e imateriais que abrigam todo esse universo religioso popular, resultando na crescente importância do local como lugar de memória, hoje visto como significativo representante do turismo religioso, especialmente no dia da Santa, comemorado em 15 de agosto, quando atrai mais de 40 mil pessoas. Dessa forma, este trabalho busca identificar, através da história documental, utilizando fontes primárias e secundárias, e da história oral, entrevistando agentes e participantes das festividades e celebrações, os elementos formadores desse patrimônio cultural religioso.

Palavras-chave: Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. São Carlos –SP. Patrimônio religioso. Patrimônio Cultural.

Abstract

CORRÊA, Ana Rita. **Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural**. 2022. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2022.

Feeding the collective imagination for over 100 years, the myth about the finding of the image of Nossa Senhora da Conceição Aparecida, known as Aparecidinha, is responsible for sustaining the religious cultural heritage of the municipality and the region. Since the construction of the first chapel at the end of the 19th century, the image has had its history established in several symbolic elements that solidify, transform and update the myth of the finding of the image at each celebration, at each party. Gradually, the material and immaterial supports that house this entire popular religious universe have been modified, resulting in the growing importance of the place as a place of memory, today seen as a significant representative of religious tourism, especially on Saint's Day, celebrated on August 15, when attracts more than 40 thousand people. In this way, this work seeks to identify, through documentary history, using primary and secondary sources, and oral history, interviewing agents and participants of the festivities and celebrations, the forming elements of this religious cultural heritage.

Keywords: Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. São Carlos –SP. Religious heritage. Cultural Heritage.

Lista de Figuras

Figura 1: Questionário aplicado aos participantes da festa no dia da Santa em 15 de agosto de 2019. 24

Figura 2: Análise dos resultados obtidos a partir do questionário realizado em 15 de agosto de 2019. 24

Figura 3: Carta de Izabel Aguiar e sua transcrição (1992). 33

Figura 4: Imagem de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. 34

Figura 5: 'Lista de proprietários e produção de café por propriedade. 35

Figura 6: Certidão de óbito de Procópio Davidoff, 1914. 36

Figura 7:Lista de proprietários e produção de café por propriedade em 1916-1917. 37

Figura 8: Lista de proprietários e produção de café por propriedade em 1928. 37

Figura 9: Loteamento CAIC 1963, Vila Santa Maria projeto de Vila Rural. 38

Figura 10:Relação de Compra e Venda da propriedade rural na região da Babilônia pela Mitra Diocesana de São Carlos. 39

Figura 11: Esquema de localização do Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. 40

Figura 12: Registro da inauguração da Igreja Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. 42

Figura 13: Capa e contracapa do folheto sobre o achado da imagem por Cônego Antônio Tombolato. 44

Figura 14: Reconstituição gráfica das primeiras capelas que existiram ao longo da história do Santuário com base nos manuscritos de Padre Tombolato da década de 1960. 45

Figura 15: Capela inaugurada em 1947 por Dom Ruy Serra. 45

Figura 16: Implantação do Santuário com indicação dos edifícios e instalações. 47

Figura 17: Implantação do Santuário incluindo imagens dos edifícios e instalações atuais. 47

Figura 18: Inventário sobre o patrimônio da Babilônia. 48

Figura 19: Vista de uma das cruzes em madeira instalada no percurso da subida do morro representando as doze estações da Via Crucis e, ao lado, vista do radier em concreto que abrigará a capela no alto morro. 49

Figura 20: Fachada principal da igreja década de 1970. 51

Figura 21: Anexo realizado na gestão do Padre Tombolato. 52

Figura 22: Interior da Igreja Nossa Senhora aparecida da Babilônia. 53

Figura 23: Ícone bizantino: Cristo Pantocrator, por Wander Claiton Barbosa. 55

Figura 24: Iéio executando arabescos para aplicação de folhas de ouro. 55

Figura 25: Ícones bizantinos: Cristo Pantocrator, Virgem e o incêndio na Babilônia e Virgem pescada em Aparecida–SP, por Wander Claiton Barbosa. 56

Figura 26: Totem instalado na Avenida Comendador Alfredo Maffei: terceiro Totem a partir da Catedral. 57

Figura 27: Cartão Postal utilizado para divulgação. 58

Figura 28: Caneca distribuída no dia da Festa da Aparecidinha, em 15 de agosto. 59

Figura 29: Túmulo do Padre Antônio Tombolato sob as escadarias da entrada do SNSAB. 60

Figura 30: Festa da Cavalgada: em primeiro plano pai e filho levando seus cavalos para serem abençoados. 71

Figura 31: Interior da sala dos ex-votos no Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. 76

Figura 32: Sala dos ex-votos, ou Sala dos Milagres, como é reconhecida no SNSAB. 77

Figura 33: Sala dos Milagres e Sala das Velas. 78

Figura 34: Interior da Sala dos Milagres. 79

Figura 35: Livro de registro dos fiéis e devotos pelas graças alcançadas. 79

Figura 36: Interior da Sala das Velas no dia 15 de agosto de 2018. 80

Figura 37: Interior da Sala dos Ex-votos, ou Sala dos Milagres, do Santuário Nacional Nossa Senhora Aparecida - Aparecida (SP). 81

Figura 38:Peregrinos deslocando-se a pé até o Santuário. 88

Figura 39: TraTVtorada realizada no SNSAB no ano de 2018, com a tradicional procissão de tratores, benção dos tratores, leilão de animais e exposição de máquinas e tratores novos. 93

Figura 40: Membros da atual Comissão Paixão Sertaneja. 95

Figura 41: Cavalgada da Babilônia reuniu milhares de cavaleiros e amazonas. 96

Figura 42: Trajeto realizado pela Cavalgada no ano de 2019. 96

Figura 43:Cavaleiros durante a Cavalgada no ano de 2019 e paisagem do trajeto. 97

Figura 44: Cartaz da Festa de São Cristóvão. 100

Figura 45: Benção dos veículos na Procissão de São Cristóvão. 101

Figura 46: Peregrinações iniciadas ainda na madrugada. 102

Figura 47: Romeiros e Peregrinos na estrada SP-215 a caminho do Santuário. 102

Figura 48: Caminhos para chegar ao Santuário. 103

Figura 49: Frota de ônibus disponibilizada para atender participantes da festa. 104

Figura 50: Base da Polícia Militar e unidade de pronto atendimento no Santuário. 105

Figura 51: Vista do alto do morro onde será construída a capela da Via Crucis. 105

Figura 52: Cartaz de divulgação da festa de Nossa Senhora Aparecida no SNSAB. 106

Lista de Siglas

CAIC – Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COMDEPHAASC – Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Artístico e Ambiental de São Carlos

FPMSC – Fundação Pró-Memória de São Carlos

HO – História Oral

IAU/USP – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MASP – Museu de Arte de São Paulo

PAB – Pastoral Ambiental da Babilônia

PAE–IAU/USP – Programa de Aperfeiçoamento de Ensino do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

PPGAU–IAU/USP – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

SNSAB – Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Sumário

Introdução 19

CAPÍTULO 1

Babilônia: entre a história e a memória 29

1.1 O achado da imagem 29

1.2 De singela capela a igreja e santuário 40

1.3 As marcas do tempo 49

CAPÍTULO 2

A tradição que se manteve 63

2.1 Babilônia como patrimônio cultural 63

2.2 O patrimônio religioso como lugar de encontro 68

2.3 Ex-voto como elemento cultural e comunicacional 75

CAPÍTULO 3

Turismo religioso na Babilônia 83

3.1 Aspectos do turismo religioso popular 83

3.2. As motivações do turismo religioso 88

3.3. Festas como produtos consumidos pelo turismo religioso 92

3.3.1 – Tratorada 92

3.3.2 – Cavalgada 93

3.3.3 - Procissão de São Cristóvão 99

3.3.4 – Festa da Santa 101

3.3.5 – Festa de Nossa Senhora Aparecida – Padroeira do Brasil 105

3.3.6 – Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição 107

Considerações Finais 109

REREFÊNCIAS 114

ANEXOS 123

APÊNDICES 127



Introdução

A pesquisa parte do achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, por volta de 1866, que se tornou, logo em seguida, a santa de grande popularidade na região e, por vezes chamada simplesmente Aparecidinha. Seus ditos milagres atraíram um número crescente de fiéis, o que contribuiu para a formação da religiosidade popular da comunidade local e da região. Geograficamente, a capela está localizada na área rural do Município de São Carlos–SP, e leva o nome de Santuário de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia (SNSAB), popularmente conhecido como Santuário de Aparecidinha da Babilônia.

E o interesse em trabalhar no mestrado com o tema do patrimônio material e imaterial no SNSAB ocorreu a partir de uma das mais remotas memórias afetivas que me recordo. Desde criança frequentava a Aparecidinha, e ali acontecia um grande evento. Minha avó Assumpta, muito religiosa, devota de Santa Luzia, nunca faltou em nenhuma festa da Nossa Senhora da Babilônia. No dia 15 de agosto costumávamos ir em família até lá: minha avó, minhas tias, meus irmãos, primos e eu. Para mim era pura diversão, pois ficávamos o dia todo entre uma missa e outra, corríamos entre as árvores, subíamos no morro, atravessando o rio só pelas brincadeiras, já que ainda não sabia o que era fé e devoção naquela época. Lembro-me da sala de ex-votos e ficava impressionada em ver cabeças, pés e pernas de cera por todos os lados, fotografias, garrafas, brinquedos e os mais diversos objetos. Era um mundo desconhecido, mas que me despertava muita admiração. A sala das velas com suas chamas acesas e a lembrança de que jamais poderíamos ir embora sem ter acendido uma. Também me recordo das memórias dos meus pais. Filho de lavradores, meu pai cresceu na região, e conhecia a Babilônia desde sua infância, repleta de histórias das festas da "sua época", quando ia de caminhão "lotado". Havia música e era um grande evento em que se encontravam todos os amigos. Já a minha mãe me traz a memória dos piqueniques, ocasiões em que ela dizia que acordavam muito cedo para preparar alimentos que seriam levados, carregavam-os numa cesta e subiam o morro para lanchar. Com o passar dos anos o local tornou-se para mim lugar de passeio e contemplação em meio à natureza, sem nunca deixar de participar das festividades. Hoje, talvez com menor frequência do que era habitual à minha família, ainda sinto satisfação em levar minha filha.

No ano de 2010, em meio ao desdobramento do trabalho final de graduação, o Santuário foi meu objeto de pesquisa. Durante seu desenvolvimento surgiram muitos questionamentos sobre o referido patrimônio, que culminaram no projeto proposto para este mestrado. Motivada pela sua importância para mim e para a população local, pude ver o quanto é fundamental a manutenção e preservação da memória para as gerações futuras.

Assim, tomando em consideração as definições de Gil (2008), verificamos que a igreja Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, que teve seu surgimento atrelado ao achado da imagem de Nossa Aparecida Conceição, exige para sua compreensão a abordagem de vários aspectos: simbólico, cultural e popular, sendo fundamental entender a formação das bases que levaram ao surgimento da igreja e de todo esse universo envolvido:

> Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. Ou em outras palavras, determinar o método que possibilita chegar a esse conhecimento (...) esses métodos esclarecem acerca dos procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade, são, pois, métodos desenvolvidos a partir de elevado grau de abstração, que possibilitam ao pesquisador decidir acerca do alcance de sua investigação, das regras de explicação dos fatos e da validade de suas generalizações. (GIL, 2008, p. 8, 9)

A dimensão simbólica é um dos caminhos para entender os processos que tornam uma "manifestação", uma "aparição", ou um "achado", em fenômeno que mobiliza multidões, seja por curiosidade ou por crença. Esses processos envolvem diferentes agentes, pessoas, grupos, ou instituições, possibilitando a existência de elementos simbólicos, que sustentam a memória coletiva em torno da aparição, que, desde o início, caracteriza-se como elemento de "construção" simbólica nas relações estabelecidas pelos agentes envolvidos, criando elementos que permitem a manutenção do mito e sua perpetuação através do tempo, e ultrapassando as relações para além do Santuário.

Após o achado, acontecem as peregrinações, reconhecidas como práticas da religiosidade popular, que alcançam os dias de hoje com a inclusão do Santuário no "Caminho da Fé", rota do turismo rural religioso regional, justificando um interesse dos responsáveis pelo Santuário em valorizar tais eventos como manifestações turísticas religiosas, bem como em capacitá-lo para absorver um contingente significativo de visitantes.

Desse modo, compreendemos que o SNSAB tem seu percurso protagonizado no cenário do patrimônio imaterial e esta pesquisa, através da história cultural, buscou abordar este fenômeno religioso popular surgido com a aparição da imagem da Santa, a Nossa Senhora da Conceição Aparecida, estudando os modos pelos quais alguns grupos sociais se estabelecem para vivenciar suas relações com o sagrado. Fixamos as análises na dimensão subjetiva do patrimônio cultural, entrando não apenas no campo das relações entre fiéis, agentes e agências religiosas, mas também no plano das relações entre o homem e o transcendente, procurando entender, através do achado da imagem, símbolos e práticas coletivas, e todo o universo simbólico resultante desse imaginário religioso e coletivo.

Temos como foco de análise, ainda, o patrimônio imaterial, onde o valor de um objeto é visto na relação da sociedade com sua cultura. Sendo assim, procuramos entender como o achado da imagem contribuiu para a constituição do SNSAB, através dos eixos de análise: da fé, devoção e tradição, também do patrimônio cultural, do turismo religioso e dos agentes envolvidos.

A Igreja Católica tem sido parte preponderante da ação que dá sustentação e legitimidade ao mito sobre o achado da imagem, com longa duração no imaginário católico local, afirmando e reafirmando elementos simbólicos que contribuíram para sua constituição e fortalecimento. Por sua vez, a existência desses elementos simbólicos tem assegurado sua continuidade, pois seu reconhecimento pela população está apoiado exatamente na aceitação do mito sobre o achado (HARRIS, 2001). De acordo com Souza, "o catolicismo popular é uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte " (SOUZA, 2013, p. 6).

> O catolicismo popular foi estruturado, afinal, a partir de sua vocação para o sincretismo e para a absorção de elementos exógenos, que são moldados às suas crenças e aos seus rituais. Com isto, o que aparenta ser local_ um ritual praticado em uma região específica_ é, na realidade, universal em toda a sua gama de contatos e influências: em sua capacidade de assimilar o que veio de longe e o que veio de outros tempos. (SOUZA, 2013, p. 6)

Ao refletir sobre as colocações de Souza, verificamos como as festas católicas têm um papel fundamental, no sentido de construir uma identidade partilhada pelos fiéis, bem como o papel de agregar novos fiéis à religião. As festas católicas operavam, e ainda operam, conforme constatamos no Santuário, como um instrumento de pertencimento e posse em relação ao local, conferindo-lhe um sentido simbólico e de pertencimento. Segundo Souza,

> As festas católicas são, em síntese, imprescindíveis para a compreensão da religiosidade brasileira no período colonial. A vida social na América Portuguesa tinha a Igreja como centro e as festas religiosas como momentos centrais. Elas desempenhavam, com isto, um papel social, cultural, político e econômico que transcendia em muito sua origem religiosa, embora a expressão da fé permanecesse como o núcleo que as sustinham. Pensar as festas religiosas no período, portanto, permite o estabelecimento de conexões que iluminam a sociedade de uma forma ampla [...]. Elas criavam, assim, um espaço de socialização onde se desenrolavam atividades desvinculadas da expressão religiosa que as motivava; transações econômicas. (SOUZA, 2013, p. 17)

O autor ainda aponta que:

> Pensar as festas cristãs, portanto – refletir sobre elas – deve tomar como base a necessidade de as considerarmos como expressões da religiosidade popular, como manifestações religiosas estruturadas a partir da ação institucional, como rituais que representam e simbolizam o poder político e a dominação social, mas que também podem contestar a ambos. São fenômenos sócio religiosos, portanto, que devem ser compreendidos a partir de seus múltiplos sentidos e significados, mas que possuem, em sua base, a ideia de renovação. (SOUZA, 2013, p. 43)

Para Souza (2013), a peregrinação também simboliza o pertencimento do fiel à Igreja e pode ocorrer tanto por meio de uma festividade, ou de um ato de penitência. As procissões também caracterizam demonstrações de fé, "fonte de diversão e instrumento de socialização relativamente democrática em uma sociedade rigidamente hierárquica".

> A procissão simboliza o pertencimento dos fiéis à Igreja, mas é feita no espaço externo ao templo, nas ruas e não em seu interior, o que demonstra a ambiguidade inerente ao ritual: cerimônia ao mesmo tempo eclesiástica e profana, controlada pela Igreja e absorvendo elementos profanos. Ao mesmo tempo, a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano, incorpora-o à autoridade da Igreja e faz com que a identidade cristã dos que dela participam seja afirmada perante eles próprios e perante quem se mantenha alheio à fé. (SOUZA, 2013, p. 44)

Para alcançar os objetivos e responder às inquietações propostas pela pesquisa, buscamos o caminho da pesquisa histórica, da pesquisa documental, da pesquisa de campo e da história oral. A pesquisa histórica compreendeu ampla revisão bibliográfica sobre os temas abordados (em livros, dissertações, teses, artigos, bases eletrônicas de dados, etc.), constituindo um instrumental teórico utilizado de subsídio às investigações e às análises, nos capacitando para discutir a temática proposta. A pesquisa documental teve início em março de 2018, em arquivos públicos e privados, incluindo, jornais, periódicos, monografias, notas de viagem, mapas, fotografias, contou com consultas regulares à Diocese de São Carlos, consultando documentação primária, como os livros tombo, além de periódicos da igreja e jornais da época. A consulta aos acervos e bases de dados foi feita a partir da definição de palavras-chave relativas aos temas pertinentes à pesquisa: patrimônio cultural, cultura popular, história e memória, memória coletiva, catolicismo popular, entre outros. Destacamos que, dentre as bibliotecas, arquivos, bases de dados, documentos, mapas, fotografias antigas ou recentes de outros autores, foram pesquisadas fontes fotográficas e documentais. A intenção foi reconstituir o processo histórico ocorrido desde a construção da primeira capela, entre 1860 e 1870 por iniciativa da comunidade local, abordando também seu cotidiano de práticas religiosas, até a compra pela Mitra Diocesana, que constrói em 1944 a igreja que conhecemos atualmente. Os livros tombo nos deram grande embasamento para entender o percurso do SNSAB desde o achado da imagem. A pesquisa primária ajudou a essa história, como, por exemplo, no caso do primeiro livro tombo da Paróquia de Santa Isabel, no bairro de vila Isabel em São Carlos, à qual Aparecidinha está subordinada[1], onde encontramos a descrição espacial da igreja e sua data de inauguração.

Boa parte do material consultado, como livros tombo, mapas, desenhos, fotos, documentos manuscritos e trechos de alguns livros, foi fotografado com uma câmera digital, chegando a mais

1 O Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia é subordinado a paróquia de Santa Isabel criada em 03/03/1962. Foi a segunda a ser desmembrada da Catedral e a padroeira escolhida foi Santa Isabel, ,cujo padre na época era Antônio Tombolato que já estava designado pároco da igreja de 1961 onde atou até 2003.

de 3.000 arquivos (vídeos, fotografias jpeg, textos em doc e pdf) obtidos em todos os órgãos pesquisados. Todo o material coletado foi renomeado a partir da informação a que se refere e organizado em pastas por assunto. Dessa forma, todo o material coletado foi separado por instituição, e à medida que novos documentos foram inseridos, subpastas foram criadas dentro da pasta principal, reunindo todo o material digital coletado de forma hierarquizada e de fácil identificação.

O levantamento gráfico do conjunto inclui a elaboração de croquis de estudos e de detalhes das edificações e da paisagem, uma vez que as peças gráficas referentes às edificações do local (corte, plantas, fachadas, mapas...) não foram encontradas, talvez por se tratar de uma área rural, era desnecessária a obtenção de licença e aprovação de projetos na prefeitura municipal, o que nos exigiu um maior esforço na reconstituição das diversas fases do edifício da igreja e demais mudanças do local a partir de documentação primária, fotografias e história oral.

A pesquisa de campo foi realizada através de inúmeras visitas ao SNSAB, uma vez que o mesmo havia sido o nosso tema do trabalho final de graduação no ano de 2010. Foram feitas fotografias (com câmera digital) da paisagem e de todas as instalações, com especial destaque à igreja (espaço sagrado), onde foram observadas sucessivas reformas que aconteceram ao longo destes mais de dez anos de visitas. Também foram fotografadas diversas festas que fazem parte do calendário do Santuário, notadamente a Festa da Aparecidinha no dia 15 de agosto. A observação de campo incluiu a oportunidade de participar do **Inventariamento da Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Babilônia, quando pudemos** acompanhar: a peregrinação do dia 15 de agosto de 2017, em todo o seu percurso de 17 km, saindo da rotatória da avenida Getúlio Vargas, em São Carlos, indo até o Santuário a pé; e da cavalgada realizada em abril de 2018, desde a saída até a chegada ao Santuário, com a missa de bênçãos. A nossa participação nas festividades do Santuário abertas ao público se deu em diversas oportunidades e de diferentes formas. Assim, é que pudemos participar da festa do dia da Santa, comemorada em 15 de agosto, no ano de 2017, fazendo o percurso da peregrinação a pé junto com os romeiros que se deslocam para o Santuário todos os anos. Em 2018, fizemos o percurso de ônibus, ou seja, utilizando o transporte público disponibilizado, de meia em meia hora, pela Prefeitura Municipal de São Carlos. E também tivemos a oportunidade de participar da primeira festa junina ocorrida no Santuário em junho de 2019.

Ao participar das festividades foi possível uma aproximação com os moradores da região que nos contaram diversas histórias sobre o local. Pudemos observar como as pessoas se relacionam em dias festivos, além da fé da devoção e da tradição, muitos estavam ali se divertindo e interagindo de forma saudável. No ano de 2019, aplicamos um questionário para 50 pessoas (exemplificado na figura 1). O questionário foi elaborado com as seguintes questões: nome, profissão, idade e cidade; na primeira questão de múltipla escolha poderia ser assinalada mais de uma alternativa em que se perguntava: por que você participa do dia de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia em 15 de agosto? Foram oferecidas as seguintes alternativas: pela fé e devoção à Santa, pela tradição em família, pela festa e pela curiosidade. A segunda questão era uma pergunta em que o entrevistado responderia o

significado desse dia: o que este dia representa para você? O objetivo do questionário foi entender as motivações que levam as pessoas até o Santuário. A análise do resultado nos permitiu verificar, com dados reais, as representações simbólicas que motivam o indivíduo, como é possível observar na figura 2, sendo a devoção e a fé o grande motivador, abrangendo 86% do público, seguidos pela tradição em família com 54%, e festa do dia da Santa, com 52%, e, por fim, atingimos também os curiosos com 14 %, legitimando o sentimento de pertencimento e alimentando esse imaginário coletivo. As festas também propiciaram valiosos depoimentos espontâneos de participantes, bem como permitiram também aprofundar o conhecimento de todo o trabalho de organização desses eventos.

Figura 1: Questionário aplicado aos participantes da festa no dia da Santa em 15 de agosto de 2019.

Nome: _____

Profissão: _____

Idade: _____

Cidade: _____

Porque você participa do dia de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia em 15 de agosto?

(__) pela fé e devoção a Santa

(__) pela tradição em família

(__) pela festa

(__) pela curiosidade

O que este dia representa para você?

_____

_____

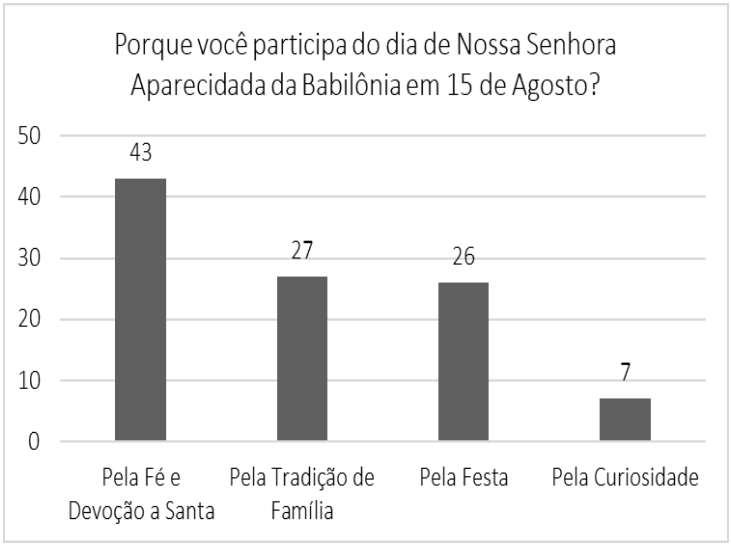
_____

_____

_____

Fonte: Ana Rita Corrêa (2019)

Figura 2: Análise dos resultados obtidos a partir do questionário realizado em 15 de agosto de 2019.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2019)

A história oral apresentou-se com uma grande aliada na realização da pesquisa, uma vez que nos interessava o fenômeno cultural popular a partir do achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida na região da Babilônia. Através da história oral pudemos contribuir para a reconstrução da memória dos agentes envolvidos e excluídos da história oficial. As entrevistas e depoimentos realizados foram um recurso fundamental no desenvolvimento das análises e confrontações, uma vez que os documentos relacionados a estes fatos ocorridos desde final do século XIX eram insuficientes e, às vezes, até mesmo inexistentes. Segundo Meihy (2005):

> "A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. " (MEIHY, 2005, p. 19)

Foram realizadas entrevistas com moradores do local, fiéis e religiosos. Esse recurso foi importante para revelar a história do fenômeno religioso sobre o achado da imagem. As entrevistas aplicadas permitiram compreender e conhecer a história do Santuário, encontrando, na história oral, o referencial teórico metodológico que possibilita a investigação da memória de todos esses agentes que, de alguma forma, contribuíram para a formação dessa narrativa. As análises desses depoimentos, aliadas aos documentos pesquisados, permitiram a compreensão e aproximação do objeto. Dessa forma, buscamos na história oral elementos importantes, e, a partir das narrativas desses sujeitos entrevistados, foram obtidos relatos de suas vivências e significações. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com agentes envolvidos direta ou indiretamente com o Santuário, como o Padre Antônio Tombolato, que nos concedeu uma longa entrevista aos 92 anos de idade, vindo a falecer um ano depois. Ele foi o primeiro padre do Santuário e atuou por mais de quarenta anos no local. Outro entrevistado, Antônio Beltrame, frequentou o Santuário desde pequeno, chegando a ser administrador do local por muitos anos, e, atualmente é ainda colaborador. Já Cristina Soligon, devota de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, começou a frequentar o Santuário na infância com sua mãe, que ajudava nas barracas das festas da igreja. Lauriberto Bertocco de Oliveira é membro da Comissão Paixão Sertaneja, sitiante da região, e que também frequentou o local desde criança. Junto com seu tio foram fundadores da Festa da Cavalgada. E ainda Rickoff Aidar, diretor do Departamento de Fomento ao Turismo, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável, Ciência e Tecnologia, da Prefeitura Municipal de São Carlos, também membro da Comissão Paixão Sertaneja, devoto de Nossa Senhora Aparecida e frequentador do Santuário desde criança. Além de João, Marina e Clarice, nomes fictícios dados aos entrevistados e participantes da festa no dia da Santa em 15 de agosto de 2019, que colaboraram respondendo nosso questionário e decidimos preservar suas identidades. Destacamos ainda a valiosa colaboração da nossa co-orientadora, Profa. Dra. Joana D'Arc de Oliveira, que gentilmente nos disponibilizou todo o material de entrevistas obtido através do curso Oficina Métodos e Técnicas para Registro do Patrimônio Imaterial, ministrado com o apoio da Fundação Pró-Memória de São Carlos - FPMSC, em 2016. Além de

outras pessoas que de alguma forma contribuíram para a obtenção de dados e relatos da história local. Todas as entrevistas foram documentadas em áudio, através do uso de um gravador digital, e também em vídeo, através do uso de câmera digital. Todo o conteúdo obtido foi transcrito em meio digital, o que gerou uma rica compilação de dados focada na história oral local.

Uma vez que nos interessava compreender o surgimento e a constituição do SNSAB em sua complexidade material e imaterial foi necessário abordar um período de longa duração nesta pesquisa, conforme colocado por Braudel (1965), onde o "tempo longo", ou a história de longa, ou de muito longa duração, se configura como o tempo das estruturas "estáveis" que podem ser observadas na vida social, ou seja, a história estrutural seria a história do que tem uma permanência secular, portanto, daquilo que leva tempo para se transformar. Ainda no que diz respeito ao embasamento teórico deste trabalho, recorremos a autores que abordam a história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, como a obra de Nolasco (2010), que recebe o título de *Patrimônio Cultural Religioso: a herança portuguesa nas devoções da Cuiabá colonial*. Esta obra permitiu a compreensão da presença estratégica da devoção católica no processo de colonização e cristianização brasileira, no caso de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, cuja imagem tem grande incidência na casa das pessoas, fortalecendo-a como "padroeira do reino e suas colônias", oficializando sua festa por todo o império, e tornando-a um dos cultos mais difundidos no Brasil. A obra de Brustoloni (1998), *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida – A imagem, o Santuário e as Romarias,* traz o contexto histórico e religioso em torno da devoção à Nossa Senhora Aparecida. O autor também analisa o desenvolvimento das romarias feitas pelos devotos ao Santuário de Aparecida, desde o século XVIII até os tempos atuais. Já sobre a história local, utilizamos Piccini (1996) em sua obra *A Casa de Babylônia – Estudos da Habitação no Interior de São Paulo*, quando estuda a comunidade rural na região da Babilônia no município de São Carlos-SP, resultante do desmembramento da antiga fazenda de café denominada Santa Maria da Babylônia. Nesta obra o autor analisa a origem e transformações das relações sociais, econômica e culturais que resultaram na ocupação do espaço nessa comunidade rural.

No campo do Patrimônio Histórico e Cultural e religioso recorremos a diversos autores que trabalham a origem e a evolução do conceito de patrimônio, em seus aspectos históricos, sociais e culturais, dentre eles, destacam-se autores consagrados, como: Françoise Choay (2006), Alois Riegl (2014), François Hartog (2014). Dentre autores brasileiros foram utilizados Funari e Pelegrini (2006), que apresentam um completo histórico da trajetória do patrimônio no contexto mundial, onde o patrimônio deve ser entendido e concebido por uma visão social e cultural ampla. Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes (1992), um dos maiores nomes, no país, no campo dos estudos sobre cultura material, cultura visual e museus. Beatriz Mugayar Kühl (2010), que aborda questões teóricas da conservação e restauração dos monumentos históricos. Márcia Regina Romeiro Chuva (2006) abordando as concepções que fundamentaram as práticas brasileiras de preservação cultural. Sobre a discussão de patrimônio religioso físico e simbólico, enquanto espaço do sagrado, lugar de memória e símbolo de identidades, buscamos autores, como: Pierre Nora (1993), com a noção de lugares de memória, Joël Candau (2014) com a abordagem sobre memória e identidade, Jacques

Le Goff (2013) e Maurice Halbwachs (2003), autores que se destacam sobre a memória individual e coletiva.

No que se refere ao turismo religioso recorremos à obra de Dias e Silveira (2003), intitulada *Turismo Religioso: ensaios e reflexões,* onde os autores organizam diversas discussões em torno do turismo religioso em seus múltiplos aspectos, como a conceituação de turismo religioso, os choques possíveis quando se privilegia um aspecto ou outro, conflitos atuais e potenciais, os impactos que podem causar na localidade, o caráter e a relação entre peregrinação e turismo, as diversas categorias de motivações religiosas, os diferentes tipos de atrativos turísticos religiosos. No que se refere às relações entre peregrinação e turismo, recorremos a Steil (1998), que analisa o *Natal Luz de Gramado e Sonho de Natal em Canela no Rio Grande do Sul*, e identifica o turismo religioso entrelaçado a elementos considerados sagrados que se deslocam do cotidiano, para figurar em atividades festivas, voltadas ao consumo e lazer.

Com base no exposto, definimos como principal objetivo para esta investigação problematizar o processo que levou o Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia a tornar-se patrimônio cultural local, tendo como foco de análise o patrimônio imaterial. Dessa forma, procuramos compreender a constituição espacial do Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia desde sua formação, seu universo simbólico, cultural e popular até o turismo religioso dos dias atuais; buscamos ainda verificar as práticas religiosas e culturais que ocorrem neste espaço e que alimentam a religiosidade local; e, também, identificar os fatores que levaram o Santuário a tornar-se um local de turismo religioso. Elegemos eixos de análise para estimular o processo de reflexão, são eles: I- solidificação do mito do achado da imagem na memória local e regional; II- elementos formadores do patrimônio cultural local; III- amplitude e estruturação do turismo religioso.

Dessa forma, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, foi abordado o achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida na região conhecida como Babilônia, localizada na área rural do município de São Carlos-SP. Discutimos os elementos formadores do mito do achado da imagem, e do universo religioso popular, desde a construção da primeira capela até a compra das terras que vieram a constituir o Santuário pela Mitra Diocesana de São Carlos, quando a partir de então o mito do achado da imagem é reconhecido pela Igreja Católica. No segundo capítulo foi apresentada a discussão sobre o SNSAB enquanto patrimônio cultural religioso, onde elementos como a fé, a tradição, a devoção e as festas aparecem como formadores da memória local e da região, atuando na conservação e manutenção do mito até os dias atuais. Por último, no terceiro capítulo, foi abordado o SNSAB como importante representante do turismo religioso, atraindo grande contingente todos os anos, movimentando o setor econômico local e gerando recursos para o próprio Santuário, e se apropriando de estruturas próprias do turismo. Em seguida, o foco esteve ligado às transformações contínuas que o Santuário tem passado desde o achado da imagem, onde elementos imateriais e materiais são constantemente recriados, nem sempre com o devido cuidado e respeito pela sua história e sua memória. Dessa forma, procurou-se entender como tem sido a conservação e a manutenção do Santuário ao longo de sua história, com vistas a sua contribuição para a cultura material e imaterial local.



CAPÍTULO 1

Babilônia: entre a história e a memória

Neste capítulo analisamos uma história de cunho popular solidificada na memória local de São Carlos e região. Trata-se do achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, que envolve representações e uma série de significações para a religiosidade popular da comunidade local e da região, congregando elementos como a devoção e a fé, que o perpassam desde o achado em si à instituição do santuário.

Serão abordadas as marcas, vestígios e vivências, impressos e justapostos no tempo e que colaboram para a permanente valorização e ressignificação do achado da imagem. Com mais de 150 anos de história, o achado da imagem tem alimentado até hoje a memória de inúmeros indivíduos, sendo comemorado a cada dia 15 de agosto, há várias décadas, com uma festa que atrai grande contingente de pessoas, tornando-o um dos mitos mais conhecidos da região.

1.1 O achado da imagem

As lendas e os mitos são maneiras que o povo encontra para explicar os fenômenos religiosos, conforme nos esclarece Brustoloni:

> Muitos Santuários têm lendas para explicar sua origem. Elas seguem geralmente um lugar comum, isto é, um esquema padrão de narrativa popular com essas características: o encontro de uma imagem ou de um medalhão em circunstâncias misteriosas; o peso excessivo da imagem que não permite continuar a transportá-la a imagem para outro lugar; uma imagem devolvida pelas ondas do mar ou pela correnteza de um rio, um crucifixo ou imagem de Nossa Senhora ou de algum Santo, diante dos quais, numa gruta ou no alto de um penhasco, um ermitão inicia sua vida profético-penitencial. As pessoas envolvidas interpretam esses fatos como um sinal de Deus, de Nossa Senhora ou do Santo que desejam que se construa naquele lugar uma igreja. (BRUSTOLONI, 1998, p. 102)

Sem fugir ao esquema padrão dado por Brustoloni, o início do SNSAB, confirmado em seus primeiros relatos no final do século XIX, ocorre em meados da década de 1860, quando se deu quando um grande incêndio que consumiu matas da região da Babilônia, em São Carlos-SP. Após o incêndio, uma parte da mata restou intacta e nela foi encontrada, numa das árvores, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Segundo Nolasco (2010 p. 113), Nossa Senhora da Conceição Aparecida é um dos nomes conferidos a Maria, mãe de Jesus Cristo. É uma das várias representações que existem das Nossas Senhoras espalhadas pelo mundo. A autora afirma que:

> À origem e devoção no Oriente, em Constantinopla, vem desde o século VIII, e no Ocidente, a partir do século XI, entre os beneditinos ingleses. Conhecida também como Nossa Senhora da Conceição, foi trazida ao Brasil pelos portugueses, onde a devoção remete à Padroeira do Reino Português, a primeira imagem da santa foi trazida para o Brasil por Pedro Álvares Cabral, com as ações missionárias dos frades franciscanos. Em 1646 o rei português Dom João IV passara a afirmar o culto nacionalista a Nossa Senhora da Conceição. [...] oficializara, pois, definitivamente, Nossa Senhora da Conceição como padroeira do Reino e suas colônias, o que fez com que sua festa se oficializasse também em todo o Império, tornando-se o culto mais difundido nas fundações primitivas da América portuguesa. (NOLASCO, 2010, p. 113)

Sobre a representação iconográfica de Nossa Senhora da Conceição a autora ainda aponta que:

> Na maioria das vezes sua representação iconográfica a traz com aparência jovem, cabelos longos e esvoaçantes, de pé sobre o globo terrestre, mãos unidas em prece e olhos voltados para cima; os pés esmagam uma cobra ou dragão (que simbolizam o pecado). A túnica branca e manto azul com uma coroa real ou auréola com doze estrelas. Sob os pés (na peanha), a lua crescente, que quando invertida nos remete ao símbolo dos otomanos (derrotados nas Cruzadas pelos cristãos) e algumas vezes sob cabeças de querubins. (NOLASCO, 2010, p. 115)

Brustolini (1998), ao tratar do assunto, expõe que a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi tema de inspiração para muitos artistas, desde escultores a pintores, e também foi explorada em diferentes materiais, como madeira e terracota, gerando um incalculável acervo de imagens, "a imagem de Aparecida faz parte do rico acervo de escultura cerâmica religiosa do Brasil. Entre os diversos períodos de arte religiosa brasileira, o seiscentista ficou marcado pela diversidade e riqueza de seu acervo " (BRUSTOLONI, 1998, p.18) e a mais famosa e conhecida é a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida no município de Aparecida - SP.

Ainda segundo o autor, em 1646, por determinação de Dom João IV, a imagem devia ser "policromada: tez branca do rosto e das mãos, com manto azul escuro e forro vermelho granada" (BRUSTOLONI, 1998, p. 18). Sobre a imagem de Nossa Senhora em Aparecida, Brustoloni mostra que, em 1978, a imagem foi levada para o MASP para ser restaurada após um atentado, no qual ficou completamente despedaçada. A equipe responsável pela restauração era composta por Pietro

Maria Bardi, João Marino e a restauradora Maria Helena Chartuni[2], que assinam o relatório do restauro apresentado ao Sr. Arcebispo de Aparecida daquele ano: "constatamos, pelos fragmentos da imagem em terracota, que ela é da primeira metade do século XVII de artista seguramente paulista, tanto pela cor como pela qualidade do barro empregado e, também, pela própria feitura da escultura" (BRUSTOLONI, 1998, p. 20). No entanto, a equipe acrescenta que:

> [...] pelo fato de ficar por muitos anos submersa no lodo das águas, e posteriormente exposta ao lume e à fumaça dos candeeiros, velas e tochas, quando ainda se encontrava em oratório particular dos pescadores na capelinha do Itaguaçu, a imagem de Nossa Senhora Aparecida adquiriu a cor que hoje conserva: castanho brilhante. (BRUSTOLONI, 1998, p. 18)

Ainda sobre a cor da imagem, Pedro de Oliveira (1970 p.173 apud BRUSTOLONI, 1998 p.18) coloca que "sob a pátina morena da imagem, como verniz criado pelo uso e pelo tempo, fica escondido o barro paulista". E no que diz respeito à execução da imagem, conta ser: "obra de um dos discípulos do célebre santeiro baiano Frei Agostinho da Piedade:

> A imagem de Nossa Senhora Aparecida é paulista, de arte erudita, feita provavelmente na primeira metade de 1600, por discípulos, mas não pelo mestre, do beneditino Frei Agostinho da Piedade". Como a imagem não traz o nome do escultor, o jeito foi apelar para o estilo da mesma. Os estudiosos são unânimes em afirmar que, pelas suas características de estilo, a imagem é obra de Frei Agostinho de Jesus, discípulo do mestre santeiro e monge beneditino, Frei Agostinho da Piedade. Provavelmente foi esculpida pelo ano de 1650, no mosteiro beneditino de Santana de Parnaíba. . (OLIVEIRA 1970 p.173, apud BRUSTOLONI, 1998, p. 21)

Sobre o manto e a coroa, Brustoloni afirma serem colocados "quando o culto à imagem se tornou público, não só para disfarçar a quebra do pescoço, mas também como um gesto de carinho e amor dos devotos" (BRUSTOLONI, 1998, p. 18). Segundo o autor, o manto e a coroa da imagem já constavam no inventário da capela desde o ano de 1750. Porém, o relatório feito pelo MASP traz em sua essência a tentativa de branqueamento da imagem, no entanto, a imagem que a essas alturas já estava amplamente difundida pelo país, manteve a cor preta em referência à cultura negra presente no país. E assim são percebidas as semelhanças com o objeto desta pesquisa, o SNSAB, conforme depoimento do Padre Antonio Tombolato:

---

2 Pietro Maria Bardi (La Spezia, Itália, 1900 - São Paulo, São Paulo, 1999). Museólogo, crítico e historiador da arte, jornalista, marchand, colecionador e professor. Diretor do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), inaugurado em outubro de 1947, sua experiência européia, põe em prática no MASP um programa inovador no meio museológico brasileiro. Fonte: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa83/pietro-maria-bardi.

João Marino, grande colecionador e estudioso de arte brasileira, museólogo da maior competência. Foi coordenador-geral da mostra Tradição e Ruptura, na Fundação Bienal de São Paulo, em 1984, dirigiu o Museu de Arte Sacra de 1990 a 1997. Fonte: http://www.oexplorador.com.br/joao-marino-grande-colecionador-e-estudioso-de-arte-brasileira-e-um-museologo-da-maior-competencia/

Maria Helena Chartuni (São Paulo SP 1942). Escultora, pintora, restauradora, desenhista e ilustradora. Estuda pintura com Luigi Zanotto (1919 - 1989). Com prêmio obtido em concurso de estamparias visita a Europa em 1967. Anos mais tarde retorna para fazer um curso de restauração de pintura em Londres (Inglaterra). No Brasil, trabalha como restauradora do MASP, São Paulo, onde recupera a imagem de Nossa Senhora Aparecida, destruída durante um atentado em 1978. Fonte: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10733/maria-helena-chartuni.

> [...] outra coisa importante também, eu sempre falo porque é a imagem da Nossa Senhora, é Nossa Senhora da Conceição Imaculada, é uma devoção introduzida pela rainha santa Izabel em Portugal, em 1320, por isso foram os portugueses que trouxeram essa devoção para o Brasil. A da Aparecida do Norte também é que deram o nome de Aparecida, mas a imagem é Nossa Senhora Imaculada Conceição. É, é a mesma, só que lá é preta, foi quebrada, essa daqui foi encontrada inteira na árvore. Não era preta, depois uma criança que quebrou, puxou a fita, estava num pedestal lá, alto naquele tempo não se tinha o recurso que se tem hoje para refazer então puseram essa aí, essa daí foi Dom Gastão que mandou buscar na Aparecida do Norte para colocar ali. (TOMBOLATO, 2019)

Dessa forma, os relatos sobre o achado da imagem encontrada na região da Babilônia se assemelham muito às narrativas que envolvem a primeira imagem pescada por Felipe Pedroso, que, após o achado, teria levado a imagem em culto inicial a sua casa, tendo sido abrigada em uma capela posteriormente. Notamos nesse relato sobre a imagem que o achado rapidamente se espalhou e o lugar se tornou objeto de romarias e peregrinações. Vale destacar que as casas em que as imagens foram acolhidas receberam uma pequena capela, edificada com o objetivo de oferecer às respectivas imagens das santas e aos devotos um edifício religioso.

Em São Carlos, o local ficou popularmente conhecido como Aparecidinha da Babilônia. Procuramos perceber a relação mítica desta santa por meio dos estudos de Chauí, explorando a compreensão do "mito fundador", tendo em vista que "a história" sobre o achado da imagem é repassada de geração em geração, principalmente por meio da memória oral dos mais velhos.

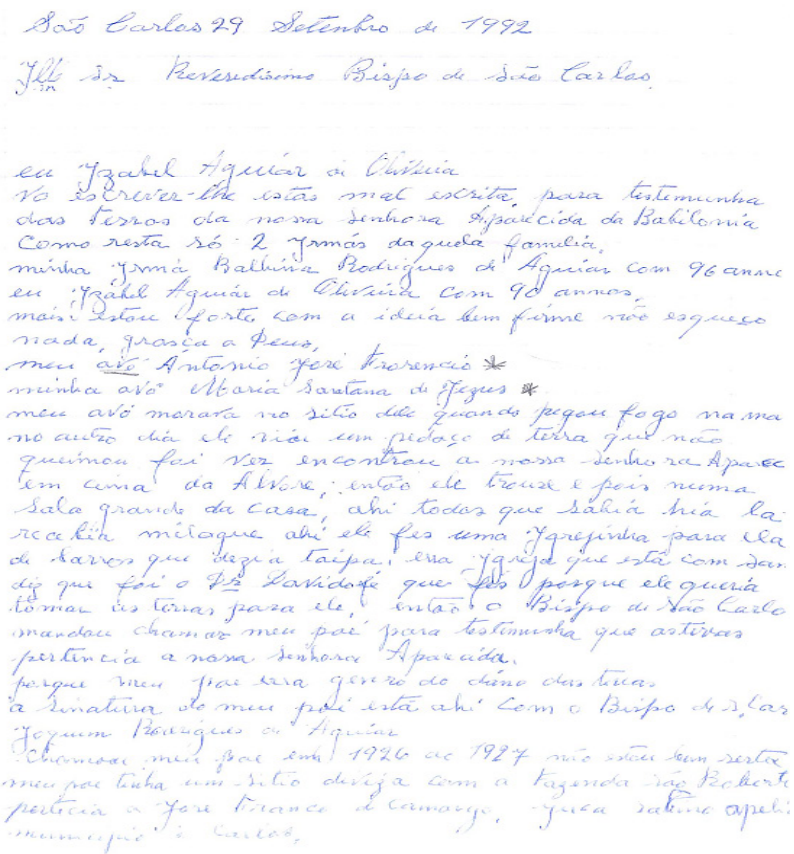
> Se também dizemos mito fundador é porque, à maneira de toda fundation, esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. (CHAUÍ, 2007, p. 9)

Também em Aparecidinha da Babilônia percebemos que o mito sobre o achado de sua imagem permitiu que o passado fosse conservado, ano após ano, perpetuado por séculos. O achado da imagem se apresenta como "um mito fundador", procurando "encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo" (CHAUÍ, 2007, p. 9). Para Campos (1940, *apud* CHAUÍ, 2007, p. 57), "criamos nosso mito. O mito é uma crença, uma paixão. Não é necessário que seja uma realidade. É realidade efetiva, porque estímulo, esperança, fé, ânimo. Nosso mito é a nação; nossa fé, a grandeza da nação". E ainda segundo Chauí,

> O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimentam-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente. (CHAUÍ, 2007, p. 10)

Assim, com a popularidade já firmada, o testemunho sobre o incêndio foi relatado por escrito mais de 100 anos após o surgimento do mito de origem, em 1992, quando Izabel Aguiar de Oliveira, aos 90 anos, escreveu uma carta de próprio punho ao bispo de São Carlos para testemunhar os fatos ocorridos na região da Babilônia. Nesta carta Izabel conta que o avô, Antônio José Forêncio, que era morador do local fora quem encontrou a imagem, levando-a para dentro de sua casa, colocando-a em uma grande sala. Devido ao número crescente de fiéis e curiosos se deslocando até o local, mais tarde, o próprio Antônio José Florêncio construiu uma pequeníssima capela, muito simples e em taipa, para abrigar a imagem. Izabel explica em sua carta que as terras onde foi encontrada a imagem faziam divisa com as posses do Dr. Procópio Davidoff[3], que, posteriormente, passou a reivindicar as terras em que Antônio José Forêncio havia construído a capela, alegando serem de sua propriedade e construindo, assim, uma nova capela no local, afirmando dessa maneira sua posse sobre a capela e a imagem. Esse fato evidencia disputa, não só envolvendo Antônio Forêncio e Procópio Davidoff, como anos mais tarde também a Cúria Diocesana de São Carlos e o posterior proprietário das terras, Justo Picchi. Antônio Forêncio, em 1927, foi convocado pelo bispo Joaquim Rodrigues de Aguiar para testemunhar que as terras pertenciam a Nossa Senhora, conforme consta no testemunho de Izabel na figura 3.

Figura 3: Carta de Izabel Aguiar e sua transcrição (1992).



"São Carlos, 29 de setembro de 1992

Ilb. Sr. Reverendíssimo Bispo de São Carlos, eu Izabel Aguiar de Oliveira no escrever-lhe está mal escrita para testemunha das terras da Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como resta só duas irmãs daquela família minha irmã Balbuína Rodrigues de Aguiar com 96 anos eu Izabel Aguiar de Oliveira com 90 anos, mas estou forte com a ideia bem firme não esqueço nada, graças a Deus. Meu avô Antônio José Forêncio minha avó Maria Santana de Jesus meu avó morava no sitio dele quando pegou fogo na mata, no outro dia ela viu um pedaço de terra que não queimou foi ver encontrou a Nossa Senhora Aparecida em cima da arvore, então ele trouxe ela e pôs numa sala grande da casa, aí todos que sabia ía lá recebia milagre aí ele fez uma igrejinha para ela de barro que dizia taipa, essa igreja que esta com a santa que foi o Dr. Davidoff que fez porque ele queria tomar as terras para ele, então o bispo de São Carlos mandou chamar meu pai para testemunhar que a terra pertencia a Nossa Senhora Aparecida porque meu pai era genro do dono das terras assinatura do meu pai esta aí com o bispo de são Carlos Joaquim Rodrigues de Aguiar chamou meu pai em 1926 ou 1927 não estou bem certa meu pai tinha um sitio divisa com a fazenda São Roberto pertencia a José Francisco de Camargo, Juca Sabino apelido. Meu pai faleceu em 1932, Maria Rita de Jesus mãe com 74 anos meu pai Joaquim Rodrigues de Aguiar faleceu em 1933 com 84 anos tiveram 12 filhos todos batizados na igreja de São Carlos. Escrevo-lhe esta para testemunhar para não tirar a Santa de lá, meu gosto se puderem fazer mais conforto para os romeiros que vão lá. Desculpe das letras porque não tive escola, mais quis escrever com minha mão para testemunhar.

Agradeço muito obrigado

Izabel Aguiar de Oliveira"

Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de São Carlos, 2019.

3 "Dr. Davidoff", médico de nacionalidade russa, casado com Maria Nazareth Figueiredo, herdeira de uma das sesmarias que deu origem ao munícipio [...] a difusão da propriedade rural entre imigrantes, [...] apenas a propriedade do Dr. Davidoff é maior que todas as propriedades pertencentes a italianos. Fonte: Fontes estatísticas - nominativas da propriedade rural em São Carlos (1873 – 1940) /organização por Oswaldo Mário Serra Truzzi – São Carlos: EdUFSCAR, 2004. (Coleção Nossa História 212 p.)

Cabe ressaltar que o achado da imagem de Nossa Senhora é permeado por outras versões e, dentre elas, a do relato de Cincinato Braga, em 1893, publicado no Almanaque de São Carlos de 1894. Na ocasião, em entrevista realizada com Sr. José Rodrigues da Cunha, zelador da capela da Babilônia que abrigava a imagem naquela época, afirmava a existência de uma capela com o nome de Nossa Senhora Aparecida a quatro quilômetros da estação de trem Babilônia, localizada na fazenda do mesmo nome. Segundo o autor do relato, José lhe contou que Ângelo Dias, cidadão cuiabano, desertou do corpo militar no ano de 1842 e, em data não especificada, ficou hospedado na casa de Dona Querubina Maria Barbosa, moradora da região da Babilônia. Durante sua hospedagem, Ângelo Dias fez com suas próprias mãos uma imagem de barro de Nossa Senhora Aparecida e a presenteou à mãe de Dona Querubina, dona Cândida Barbosa, sob a condição de que dois alqueires de suas terras fossem doados para o patrimônio de Nossa Senhora. A doação teria sido feita através de escritura particular, desaparecendo com o tempo. Em posteriores desmembramentos a respeito das terras da fazenda, o local da igreja teria ficado sob propriedade de Dr. Procópio Davidoff (BRAGA, 1893 p. 137). Mesmo nessa versão as tensões em torno da capela já era algo existente. Sobre a imagem, Cincinato ainda diz que dona Querubina a levou à cidade de Descalvado para ser benta, o que foi recusado pelo padre sob a alegação da imagem não ser perfeita. Porém, a essas alturas, a imagem já ganhara popularidade e sua fama de milagrosa atraía romeiros da região. A imagem em determinada época foi danificada e sua restauração foi realizada na capital paulista, como escreve Cincinato Braga no Almanaque de São Carlos para 1894, na página 137, que "consta que a imagem da Santa está presentemente em São Paulo, a fim de sofrer reparos de que necessitava: esse cuidado é devido aos sentimentos pios da esposa do Dr. Davidoff". Em decorrência disso, sofreu extravio de seu destino, perdendo-se no tempo... O que há de seguro é que a imagem que hoje está no Santuário foi adquirida pelo Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida em meados da década de 1950, por intermédio do Padre Romeu Tortorelli, e pode ser observada na figura 4:

Figura 4: Imagem de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia.



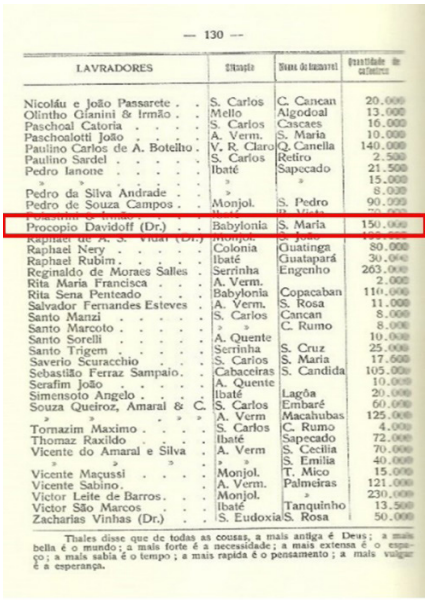
Fonte: Ana Rita Corrêa (2019)

Dessa forma, foi possível supor que as terras onde aconteceu o achado da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida eram de propriedade de Dr. Procópio Davidoff. Piccini (1991) o identifica como proprietário das terras da fazenda Santa Maria da Babilônia, constando nas atas de lançamento de impostos criada pela lei nº 16 de 1880, confirmado também por TRUZZI, 2004.

> De Proprietários e Produção de 1883, tem-se no levantamento das atas da junta de classificação de lavradores sujeitos a contribuição de imposto de café e açúcar (1883) que: Dr. Procópio Davidoff (1º Proprietário) – com 150.000 pés de café no valor de Réis 100$000. Relação nominal dos cidadãos coletados: imposto Acta de instalação e primeira reunião da junta do lançamento do imposto criada pela Lei nº 16 de junho de 1880 sobre café fabricado neste Município de São Carlos do Pinhal, no exercício 1890-1891. (PICCINI, 1991, p. 72)

Ainda segundo Piccini, Davidoff construiu a primeira sede da Fazenda Santa Maria em 1865, mantendo suas características originais até 1928 (PICCINI, 1991, p.72). Os almanaques publicavam em suas edições a relação de lavradores, sua localidade e nome do imóvel, listados por ordem alfabética. Dessa maneira, buscamos confirmar o percurso dos proprietários das terras da Fazenda Santa Maria da Babilônia e, assim, encontramos no Almanaque de São Carlos de 1915, o Dr. Procópio Davidoff descrito como proprietário da Fazenda Santa Maria da Babilônia com 150 mil pés de café, assim como consta na figura 5.

Figura 5: Lista de proprietários e produção de café por propriedade.



— 130 —

LAVRADORES			
Nicoláu e João Passarete	S. Carlos	C. Cancan	20.000
Olintho Gianini & Irmão	Mello	Algodoal	13.000
Paschoal Catoria	S. Carlos	Cascaes	16.000
Paschoalotti João	A. Verm.	S. Maria	10.000
Paulino Carlos de A. Botelho	V. R. Claro	Q. Canella	140.000
Paulino Sardel	S. Carlos	Refiro	2.500
Pedro Ianone	Ibaté	Sapecado	21.500
»	»	»	15.000
Pedro da Silva Andrade	»	»	8.000
Pedro de Souza Campos	Monjol.	S. Pedro	90.000
[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
Procopio Davidoff (Dr.)	Babylonia	S. Maria	150.000
Raphael de A. S. Vidal (Dr.)	Monjol.	S. João	120.000
Raphael Nery	Colonia	Guatinga	80.000
Raphael Rubim	Ibaté	Guatapará	30.000
Reginaldo de Moraes Salles	Serrinha	Engenho	263.000
Rita Maria Francisca	A. Verm.		2.000
Rita Sena Penteado	Babylonia	Copacaban	110.000
Salvador Fernandes Esteves	A. Verm.	S. Rosa	11.000
Santo Manzi	S. Carlos	Cancan	8.000
Santo Marcoto	»	C. Rumo	8.000
Santo Sorelli	A. Quente		10.000
Santo Trigem	Serrinha	S. Cruz	25.000
Saverio Scuracchio	S. Carlos	S. Maria	17.600
Sebastião Ferraz Sampaio	Cabaceiras	S. Candida	105.000
Serafim João	A. Quente		10.000
Simensoto Angelo	Ibaté	Lagôa	20.000
Souza Queiroz, Amaral & C.	S. Carlos	Embaré	60.000
» » » »	A. Verm	Macahubas	125.000
Tornazim Maximo	S. Carlos	C. Rumo	4.000
Thomaz Raxildo	Ibaté	Sapecado	72.000
Vicente do Amaral e Silva	A. Verm	S. Cecilia	70.000
» »	» »	S. Emilia	40.000
Vicente Maçussi	Monjol.	T. Mico	15.000
Vicente Sabino	A. Verm.	Palmeiras	121.000
Victor Leite de Barros	Monjol.	»	230.000
Victor São Marcos	Ibaté	Tanquinho	13.500
Zacharias Vinhas (Dr.)	S. Eudoxia	S. Rosa	50.000

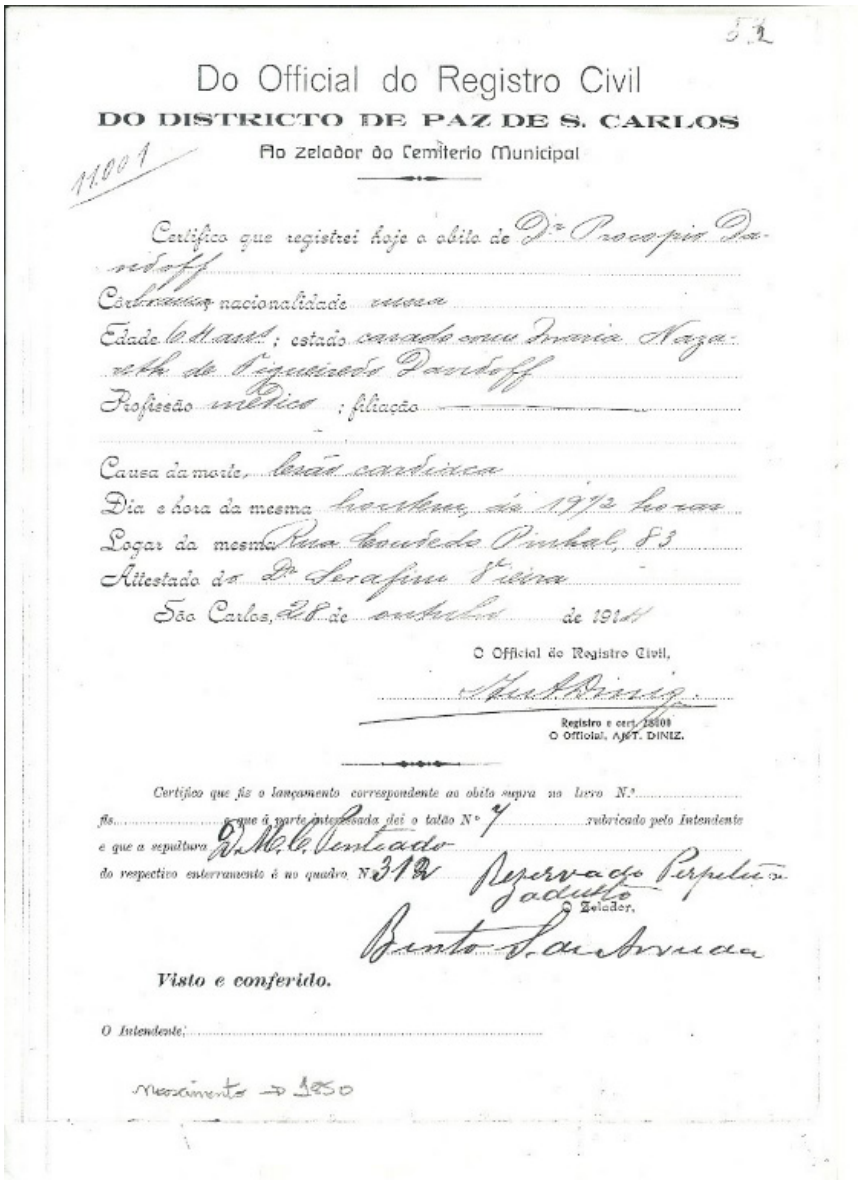
Thales disse que de todas as cousas, a mais antiga é Deus; a mais bella é o mundo; a mais forte é a necessidade; a mais extensa é o espaço; a mais sabia é o tempo; a mais rapida é o pensamento; a mais vulgar é a esperança.

Fonte: Almanaque de São Carlos (1915, p. 130)

O fazendeiro Dr. Procópio Davidoff morreu em 1914 como se pode verificar na figura 6, e seu filho Boris Davidoff herdou a fazenda que foi vendida no ano seguinte. "A venda se deu em 1915 através do filho, Boris Davidoff, que tinha hipotecado a propriedade" (PICCINI, 1991, p. 73). A família Picchi adquire a propriedade descrita no contrato de compra e venda, como aponta Piccini:

Através do documento de contrato de compra onde são inventariados os bens da Fazenda que se compunha o seguinte patrimônio: "667 alqueires contendo as seguintes benfeitorias: casa de moradia, uma dita para administração uma dita para empregados, uma dita com nove quartos para empregados. 34 ditas na colônia, 3 ditas abandonadas, casa de machinas com tulhas anexas, machinismo de beneficiar e despolpador e acessórios movidos a agua, terreiro para café , serra vertical e acessório, engenho para cana com utensílios para fabricação de assucar e aguardente, moinho, paiol com rancho, anexo para vehiculos, serra, pomar, cachoeira, encanamentos de água para todos os serviços da fazenda pastos e invernadas, pedras, cerca de 250.000 cafeeiros de diferentes estados e idades, uma olaria em mau estado no sítio "Desidério" e duas casas de palha no mesmo sítio, e duas casas na estação Babylônia, sendo uma para negócios. SÃO CARLOS (SP) Cartório de Registro de Imóveis. Contrato de compra e venda, 1915. Registro em: - Livro 3 E - 1915 - Justo Picchi (e Co.) *apud* PICCINI, 1991, p. 73.

Figura 6: Certidão de óbito de Procópio Davidoff, 1914.



Do Official do Registro Civil

DO DISTRICTO DE PAZ DE S. CARLOS

Ao Zelador do Cemiterio Municipal

1001

Certifico que registrei hoje o obito de Dr Procopio Davidoff

Côr nacionalidade

Edade ; estado casado com Maria Nazareth de Siqueira Davidoff

Profissão ; filiação

Causa da morte,

Dia e hora da mesma

Logar da mesma

Attestado do

São Carlos, de de 1914

O Official do Registro Civil,

Registro e cert. 1810
O Official, ANT. DINIZ.

Certifico que fiz o lançamento correspondente ao obito supra no Livro N.º fls. e que á parte interessada dei o talão Nº 7 rubricado pelo Intendente e que a sepultura do respectivo enterramento é no quadro N 312 Reservado Perpetuo adulto

O Zelador,

Visto e conferido.

O Intendente,

Fonte: Fundação Pró-Memória de São Carlos, 2018.

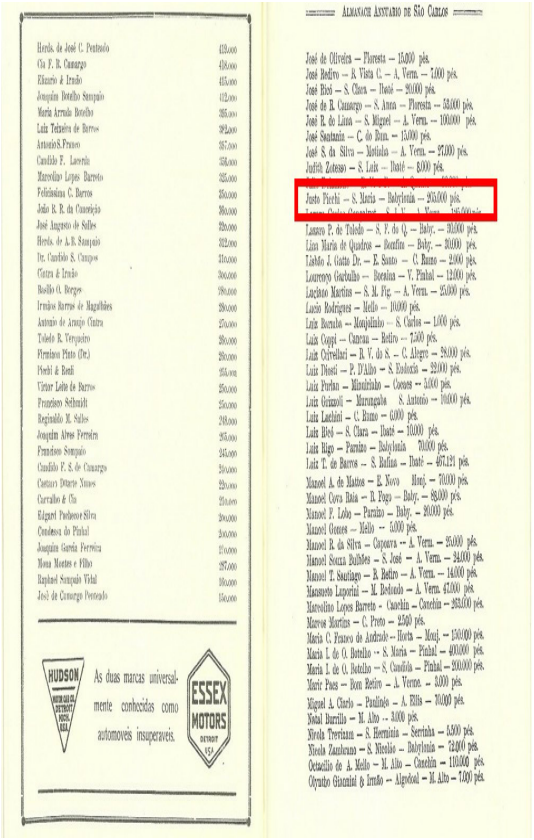
Ainda segundo a relação de proprietários de terras publicadas nos almanaques, o Almanaque de 1916 indica Sr. Justo Pichi & Reali como donos da Fazenda Santa Maria da Babilônia com 250 mil pés de cafés. Constatamos por meio dos almanaques que a propriedade pertenceu a Sr.Picchi & Reali até 1927 com 250 mil pés de café, como observado na figura 7. Entretanto, no ano seguinte, a propriedade aparece na relação de fazendeiros do Almanaque de 1928 apenas em nome de Justo Picchi com 205 mil pés de café, identificado na figura 8.

Figura 7: Lista de proprietários e produção de café por propriedade em 1916-1917.

FAZENDEIROS	Situação e nome do immovel		Numero de mil cafeeiros	FAZENDEIROS	Situação e nome do immovel		Numero de mil cafeeiros
	Situação	Nome			Situação	Nome	
Picchi & Reali	Babylonia	S. Maria	250	Souza Queiroz A. & Cia.	S. Carlos	Embaré	60
Raphael A. S. Vidal (Dr.)	Monjol.	S. João	130	« « « «	A. Verm.	Macahuba	125
Raphael Nery	Colonia	Quatinga	80	Sebastião Batalha	«	Campo	5
Raphael Rubino	Ibaté	Guatapará	30	Thomazino Maximo	S. Carlos	C. Rumo	4
Reginaldo de M. Salles	Serrinha	Engenho	236	Thomaz Raxildo	Ibaté	Sapecado	72
Rita Maria Francisca	A. Verm.		2	Valerio & Luporini	A. Verm.	M. Redon.	30
Rita Serra Penteado	Babylonia	Copacab.	110	« «	«	Lagoa	6
Salvador Fernandes Esteves	A. Verm.	S. Rosa	11	Valentim Doto	Cancan		4
Santo Manzini	S. Carlos	Cancan	18	Vicente do Amaral e Silva	A. Verm.	2 Fazendas	110
Santo Sorelli	A. Quente		10	Vicente Masucci & Filhos	Monjol.	T. Mico	15
Santo Trevizam	Serrinha	S. Cruz	25	Vicente Sabino	A. Verm.	Palmeiras	121
Saverio Scuracchio	S. Carlos	S. Maria	17	Victor Leite Barros	Jacaré	«	230
Sebastião F. de Sampaio	Cabaceira	S. Candida	105	Victor São Marcos	Ibaté	Tanquinho	13
Serafim João	A. Quente		10	Zacharias Vinhas (Dr.)	S. Eudoxia	S. Rosa	50
Simensoto Angelo	Ibaté	Lagoa	20				

Fonte: Almanaque de São Carlos (1916-1917).

Figura 8: Lista de proprietários e produção de café por propriedade em 1928.



Fonte: Almanaque de São Carlos (1928)

Os anos seguintes foram acometidos com a grande crise do café de 1929-1930, período em que os fazendeiros são-carlenses assistiram de perto o agravamento da cultura cafeeira (TRUZZI, 2007, p. 116). Dessa forma, esse período foi marcado por significativos desmembramentos de fazendas, onde o proprietário vendia, especialmente os lotes de terras improdutivas, a colonos que se tornavam pequenos proprietários rurais. Essa fragmentação da terra na região da Babilônia foi fortemente estimulada pela atuação da Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização (CAIC)[4], quando, no ano de 1936, foi realizado o loteamento dos alqueires restantes da Fazenda Santa Maria, como pode-se observar no desenho da figura 9, e ainda segundo PICCINI (1996).

> No auge da produção, entre 1915 - 1917, a fazenda Santa Maria da Babilônia ocupava uma área de 1.400 alqueires com uma produção de 250 mil pés. Esta fazenda representava 65% da área de toda a Babilônia, que tinha uma extensão total de 2.135 alqueires (considerando o alqueire paulista de 24.200 m²). Em 1928, a fazenda Santa Maria apresentava-se com área bastante reduzida. Eram 740 alqueires dos quais 100 cultivados com 205 mil pés de café. (PICCINI, 1996, p. 64)

Figura 9: Loteamento CAIC 1963, Vila Santa Maria projeto de Vila Rural.



Loteamento CAIC 1963, Vila Sta. Maria.
Projeto de vila rural, esc. 1:2.000.

atividade principal, ao contrário do que aconteceu em alguns casos, como na fazenda Dumont em Ribeirão Preto. Aqui a intervenção da CAIC com o loteamento da fazenda implicou duas mudanças:

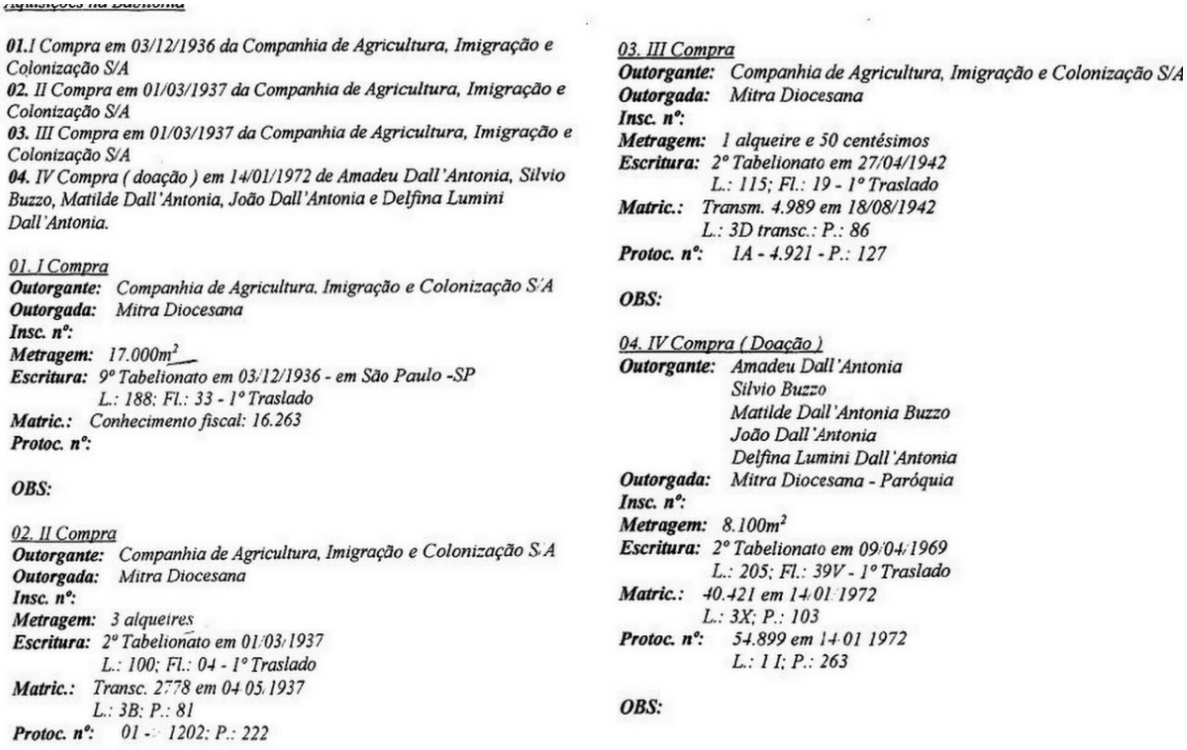
- a remodelação da estrutura agrária pela substituição total das culturas com a transformação das atividades rurais; e
- as modificações se refletiram no "desenvolvimento urbano" da localidade onde, antes do loteamento, quase inexistiam os serviços destinados à comunidade (Silvio Perni Zamboni, 1979).

Fonte: PICCINI (1996, p. 100)

4 Ver mais em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772006_9ae47b092d6934aaf384a73da58713d7.pdf

Dom Gastão Liberal Pinto, segundo bispo da Diocese de São Carlos, compra da CAIC, em 13 de dezembro de 1936, uma área que compreendia 17.000m². No entanto, a Mitra Diocesana efetuou mais duas compras da CAIC, uma realizada em primeiro de março de 1937, que compreendia três alqueires, e outra, em 18 de agosto de 1942, somando um alqueire e 50 centésimos, como apontado na figura 10. Depois de algumas décadas, a nove de abril de 1969, Amadeu Dell' Antônia doou à Mitra Diocesana as terras do morro existente em frente à capela, do outro lado do córrego, conforme documento do Arquivo da Cúria Diocesana na figura 10.

Figura 10: Relação de Compra e Venda da propriedade rural na região da Babilônia pela Mitra Diocesana de São Carlos.



01. *I Compra em 03/12/1936 da Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização S/A*
02. *II Compra em 01/03/1937 da Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização S/A*
03. *III Compra em 01/03/1937 da Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização S/A*
04. *IV Compra (doação) em 14/01/1972 de Amadeu Dall'Antonia, Silvio Buzzo, Matilde Dall'Antonia, João Dall'Antonia e Delfina Lumini Dall'Antonia.*

01. I Compra
Outorgante: *Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização S/A*
Outorgada: *Mitra Diocesana*
Insc. nº:
Metragem: *17.000m²*
Escritura: *9º Tabelionato em 03/12/1936 - em São Paulo -SP*
L.: 188; Fl.: 33 - 1º Traslado
Matric.: *Conhecimento fiscal: 16.263*
Protoc. nº:

OBS:

02. II Compra
Outorgante: *Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização S/A*
Outorgada: *Mitra Diocesana*
Insc. nº:
Metragem: *3 alqueires*
Escritura: *2º Tabelionato em 01/03/1937*
L.: 100; Fl.: 04 - 1º Traslado
Matric.: *Transc. 2778 em 04/05/1937*
L.: 3B; P.: 81
Protoc. nº: *01 - 1202; P.: 222*

03. III Compra
Outorgante: *Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização S/A*
Outorgada: *Mitra Diocesana*
Insc. nº:
Metragem: *1 alqueire e 50 centésimos*
Escritura: *2º Tabelionato em 27/04/1942*
L.: 115; Fl.: 19 - 1º Traslado
Matric.: *Transm. 4.989 em 18/08/1942*
L.: 3D transc.: P.: 86
Protoc. nº: *1A - 4.921 - P.: 127*

OBS:

04. IV Compra (Doação)
Outorgante: *Amadeu Dall'Antonia*
Silvio Buzzo
Matilde Dall'Antonia Buzzo
João Dall'Antonia
Delfina Lumini Dall'Antonia
Outorgada: *Mitra Diocesana - Paróquia*
Insc. nº:
Metragem: *8.100m²*
Escritura: *2º Tabelionato em 09/04/1969*
L.: 205; Fl.: 39V - 1º Traslado
Matric.: *40.421 em 14/01/1972*
L.: 3X; P.: 103
Protoc. nº: *54.899 em 14/01/1972*
L.: 1 I; P.: 263

OBS:

Fonte: Arquivo da Cúria Diocesana de São Carlos (2018)

Nesse período de aquisições de terras pela Cúria, a região da Babilônia ainda sofria as consequências da crise cafeeira e, sem perspectiva de trabalho na área rural, muitos se deslocaram para a área urbana em busca de melhores oportunidades, como aponta Truzzi:

> No município de São Carlos o período de 1934 e 1950 foi marcado por inequívoco retrocesso do setor agrícola. A maior parte dos cafezais já se encontrava 20 anos antes em estado de decadência, de forma que o abalo sofrido pela economia cafeeira se refletiu de modo decisivo nas plantações da região são-carlense. Principalmente depois da grande crise cafeeira, que fez convergir para o centro urbano grande número de antigos colonos atraídos pelo trabalho nas fábricas, a nossa indústria incrementou-se consideravelmente. (TRUZZI, 2007, p. 116 – 117)

Dessa forma, desde 1936, a Mitra Diocesana de São Carlos tornou-se proprietária das terras onde está localizado o SNSAB. A construção da capela, independentemente da disputa que tenha acontecido sobre a posse das terras e as diferentes versões, foi o elemento material que permitiu à comunidade local expressar sua identidade, em concordância com Borges, quando diz que "definidos

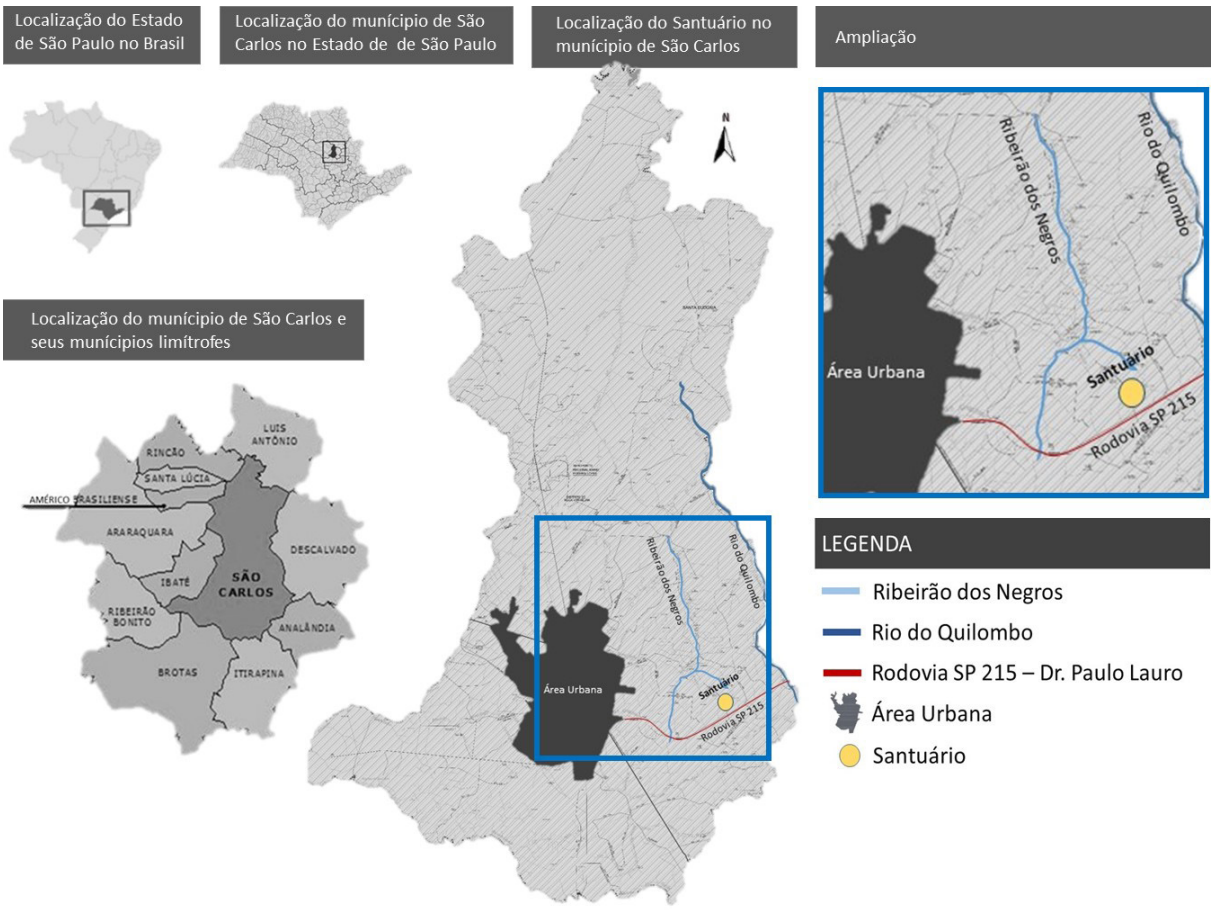
os locais sagrados, e recebida a provisão para a construção das igrejas e capelas, edificados os templos, estes passam a constituir uma nova referência para suas memórias" (BORGES, 2010, p. 130).

1.2 De singela capela a igreja e santuário

Localizada na área rural do município de São Carlos-SP, conforme esquema apresentado na figura 11, e distante aproximadamente 17,6 km da catedral do município, a região da Babilônia tem sua população formada em meados do século XIX, por pequenos produtores rurais, fazendeiros, imigrantes. É, portanto, parte de um território em constantes transformações, como descreve TRUZZI:

> Os relatos atuais destoam em muito dos de então, seja pelo simples fato de tantos caprichos naturais não mais existirem, seja porque a percepção destes é amiúde abafada por tantos outros sinais ditos de progresso e de civilização. Dos frontes de sudeste acima referidos até o noroeste, cruzando todo o município, acomoda-se a serra que recebe as denominações de serra da Fortaleza, da Água Vermelha, da Babilônia etc. E que separa os afluentes do Mogi-Guaçu, dos do Tietê, Ribeirões do Feijão, Lobo, Onça, Pinhal, Quebra- Canela, Mello, Monjolinho, Chibarro, Mineirinho e Pacau desembocam no ribeirão do Jacaré, afluente da margem direita do Tietê. Ribeirões das *Águas* Turvas, dos Negros e Quilombo levam suas águas ao Mogi-Guaçu. (TRUZZI, 1986, p. 4).

Figura 11: Esquema de localização do Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia.



Fonte: Extraído dos mapas do Plano Diretor da prefeitura municipal de São Carlos – anexo 01, adaptado por Ana Rita Corrêa (2021)

A Babilônia está localizada entre a ligação dos rios Jacaré e Mogi, tendo como um de seus afluentes o rio do Quilombo, à margem de um dos caminhos que ligava a principal rota até Goiás. O local, que hoje constitui parte do município, no passado eram terras dos índios Guayanazes[5], que foi posteriormente ocupado por negros. Conforme o Almanach de São Carlos de 1894, "as proximidades da estação Babylonia, fora anteriormente habitada por escravos fugidos", o que faz muito sentido se considerarmos a toponímia[6] local, já que a ligação entre a região da Babilônia e o distrito de Santa Eudóxia é conhecida como Vale do Quilombo, devido ao rio do Quilombo, clara referência à presença de negros fugidos ou libertos que ocuparam a região, da mesma maneira que o Ribeirão dos Negros, principal afluente do rio Quilombo. Dick (1990), estudiosa da toponímia no Brasil, diz que:

> A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atenuantes, que se intercruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (DICK, 1990, p. 19)

A autora identifica, através do estudo toponímico, fatores culturais de uma região, como por exemplo, diferentes tipos de acidentes toponímicos como os naturais relacionados a acidentes geográficos e antropoculturais relacionados à cultura humana, criando assim o quadro taxonômico para a classificação toponímica. A partir dessa discussão, Faggion, Dal Corno e Frosi (2008) defendem que:

> Os topônimos são sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo. Ditos ou escritos, os topônimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram, bem como daqueles que mereceram sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções, traduzem sentimentos. Assim, saber o exato significado do nome de uma cidade, bem como de suas ruas, praças e parques, significa, verdadeiramente, conhecer essa cidade e reconhecer seus valores. (FAGGION, DAL CORNO, FROSI, 2008, p. 278)

Dessa maneira verificamos que os topônimos, entrelaçados à História, como colocado pelos autores, "são também veículo de ideologias e, como tal, permeiam ou dirigem a memória, a vivência e o imaginário do grupo social que os utiliza" (FAGGION, DAL CORNO, FROSI, 2008, p. 278). Portanto, é possível apontar que a região da Babilônia, em sua formação, foi ocupada por diferentes povos, índios e negros, nacionais e estrangeiros, resultando em uma população bastante diversificada e trazendo consigo diferentes crenças e culturas, como evidencia a própria toponímia

5 Ver mais em: Alamanach/Editora da Universidade Federal de São Carlos. Ano 1, N.1 São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Carlos (SP): EDUFSCAR, 2007. Facsimile de: Almanach, São Carlos (SP) EduFSCAR, 1894.

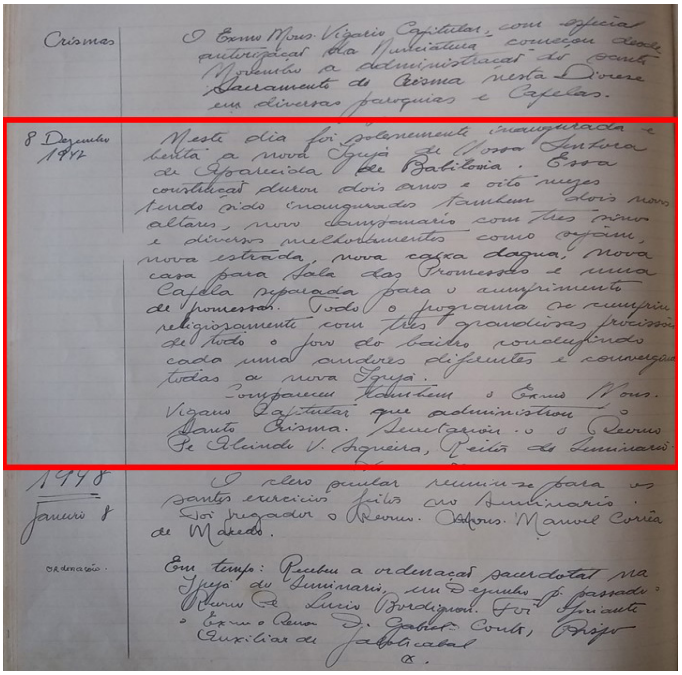
6 Toponímia (estudo dos nomes de lugares); entende-se por topônimo o nome atribuído a um determinado local, seja uma rua, bairro, cidade, praça, curso d'água, acidente geográfico.

da região. Somou-se a esse cenário o culto e a devoção ao mito da imagem, que teve sua história passada por diversas gerações e pode manter por algum tempo seu caráter de manifestação cultural eminentemente popular. No entanto, a partir do momento de inclusão da capela de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, em 1937, na jurisdição da Diocese de São Carlos, que constatamos que houve um grande empenho da Igreja Católica em oficializar o mito.

A Diocese de São Carlos, no referido período, com pouco menos de 30 anos de existência e regida por Dom Gastão Liberal Pinto que exercia uma gestão como bispo coadjuvante desde o afastamento do primeiro bispo de São Carlos, Dom Marcondes Homem de Mello. Após sua morte em 1945, tornou-se, por eleição, o segundo bispo do município, ademais foi grande incentivador na oficialização do mito. Dom Gastão, ao comprar as terras da família Picchi, recebeu também o projeto da nova capela, como indica Piccini (1996, p. 29), "que a família Picchi, inclusive, doou também o projeto da capela executado pelo Professor João Tonissi, quando estava na Itália estudando arquitetura". No entanto, não foi possível confirmar a fonte de tal informação, nem mesmo a família do suposto arquiteto se recorda da existência do projeto[7], mas, de certo, houve uma preocupação arquitetônica evidenciada nos elementos que indicam seu estilo neocolonial.

Também obtivemos acesso a relatos da memória local de que a igreja ficou em obra por aproximadamente dez anos, entre os anos de 1937 a 1947 (Tombolato, 2019). Ainda constatamos que Dom Gastão Liberal Pinto, nomeou como seu secretário, o Padre Romeu Tortorelli que foi designado para dar prosseguimento à reforma da igreja, solenemente inaugurada e benta no ano de 1947, como mostra a figura 12, em Registros encontrados no livro tombo da Diocese de 1908 a 1967 em que apontam que a construção durou dois anos e oito meses.

Figura 12: Registro da inauguração da Igreja Nossa Senhora Aparecida da Babilônia.



Neste dia foi solenemente inaugurada e benta a nova igreja de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. Essa construção durou dois anos e oito meses tendo sido inaugurado também dois novos altares, um campanário com três sinos e diversos melhoramentos como sejam nova estrada, nova caixa d'água, sala para casa das promessas e uma capela separada para o cumprimento de promessas. Todo programa se cumpriu religiosamente com três grandiosas procissões de todo o povo do bairro, conduzindo cada uma andores diferentes e convergindo todos a nova igreja. Compareceu também o Excelentíssimo Monsenhor Vigário Capitular que administrou o Santo Crisma. Secretariou o Recreio Pe. Olcinde V. Siqueira reitor de Limeira. (ARQUIVO DA DIOCESE DE SÃO CARLOS, Livro Tombo da Diocese de São Carlos de 1908 a 1967, p. 80).

Fonte: Arquivo da Diocese de São Carlos, Livro Tombo da Diocese de São Carlos de 1908 a 1967, p. 80

7 Entramos em contato com família do suposto arquiteto João Tonissi, conversamos com Rafael Tonissi, que gentilmente buscou saber entre seus familiares a possibilidade de seu antepassado ter projetado a igreja, no entanto, ninguém tinha conhecimento do fato, da mesma forma que não conseguimos saber se João Tonissi era realmente arquiteto.

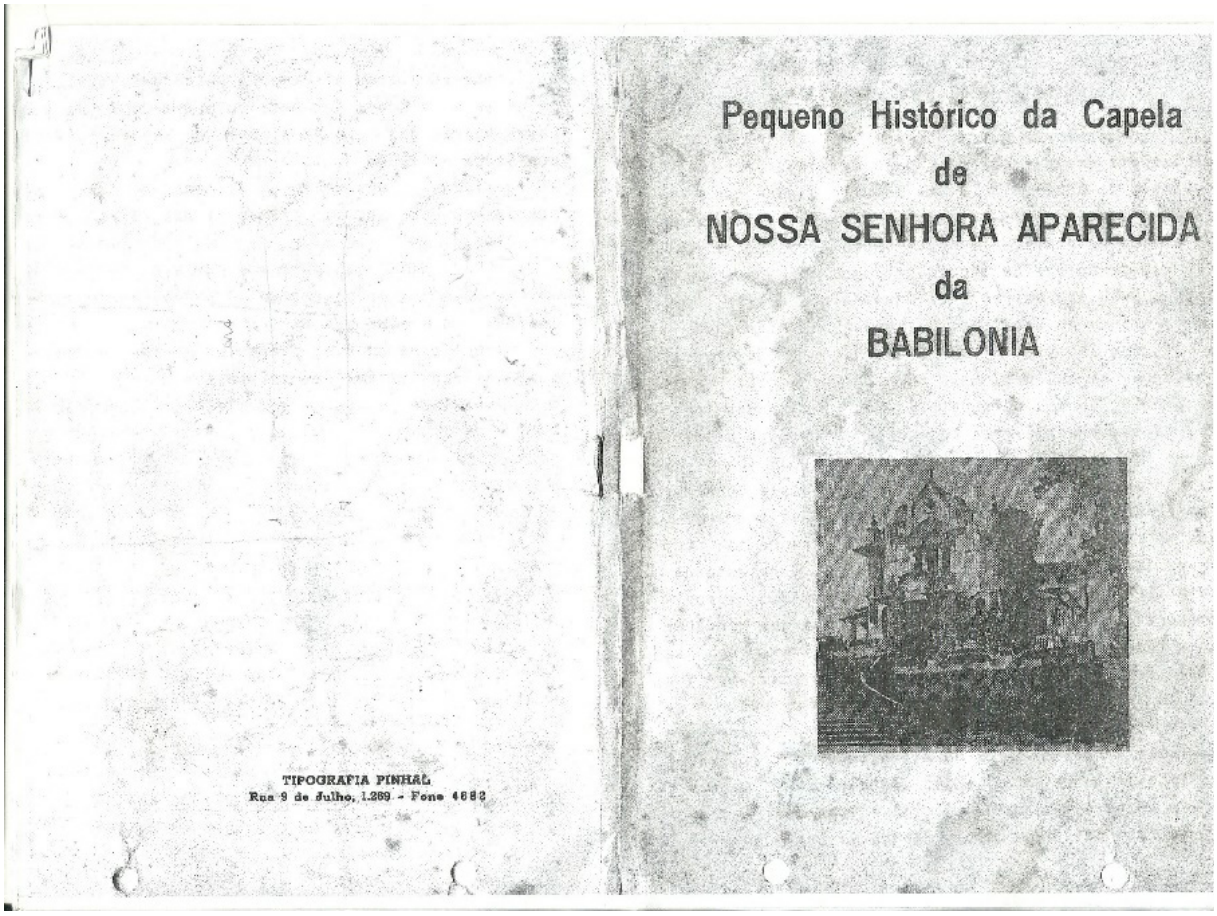
Dom Gastão Liberal Pinto faleceu em 24 de outubro de 1945, tendo como seu sucessor o terceiro bispo Dom Ruy Serra. Entretanto, segundo Padre Tombolato[8] (2019), foi ainda em decorrência de um pedido de Dom Gastão que, no ano de 1946, foi produzido um relato por Pedro Altenfelder Cintra e Silva, um jornalista local, que coletou depoimentos dos moradores mais antigos do bairro rural da Babilônia e devotos que afirmavam conhecer a história. Ainda segundo Tombolato (2019), o Monsenhor Romeu Tortoreli junto a Cintra e Silva foram os responsáveis pela investigação de reconstituição da história local, desde o achado da imagem da Aparecidinha da Babilônia. Após diversas tentativas, não nos foi possível encontrar os registros desses depoimentos. De qualquer modo, este é o relato reconhecido pela Igreja Católica, desde o momento em que o bispo Dom Ruy Serra, no dia 3 de março de 1962, oficializa a Aparecidinha como capela subordinada à paróquia de Vila Isabel, criada também na mesma data, no âmbito da Diocese de São Carlos e tendo como pároco o Padre Antônio Tombolato, primeiro padre do SNSAB e que atuou desde essa data até o ano de 2003.

O Padre Tombolato, logo ao chegar à Aparecidinha em 1962, procurou saber sobre a origem da capela e deu continuidade à consolidação sobre o achado da imagem, em que afirma ter utilizado os tais dados colhidos por Cintra e Silva. Assim, ele reescreve, em meados da década de 1960, logo após assumir a paróquia, um detalhado relato sobre a história de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, como é possível observar na figura 13, mais uma vez reforçando o mito sobre o achado da imagem. Ainda hoje, o texto completo se encontra arquivado na igreja de Vila Isabel e, durante muitos anos, uma versão resumida se tornou um folheto, amplamente distribuído ao final das missas, como nos informou Tombolato:

> Eu escrevi quatro edições daquele primeiro documento. Foi espalhado pelo povo. Eu distribuía uma lembrança aos pés da imagem ao pessoal que passava por lá. Por isso eu cansei, no último ano eu estive lá às seis horas da manhã para dar só para gente adulta, eu tinha uma pessoa que distribuía isso daí, só para gente adulta das seis horas da manhã até as três horas já tinha passado 10 mil pessoas. (TOMBOLATO, Antônio. Entrevista concedida à autora da dissertação na casa do entrevistado no bairro Boa Vista, São Carlos, 2019).

8 Cônego Antonio Tombolato nasceu em 22 de janeiro de 1928, na Fazenda São Vicente, propriedade dos pais, o italiano Juliano Tombolato e a brasileira Joana Cândida de Oliveira, entre os municípios de Brotas e Torrinha. A mãe morreu quando ele tinha apenas um ano de idade e do segundo casamento do pai nasceram as irmãs, Geni e Elisabete. A vocação para seguir a vida religiosa surgiu na infância. "Senti o chamado e percebi muito cedo minha vocação. Não tinha ninguém da família que fizesse parte da Igreja e ainda criança fui para São Paulo onde comecei meus estudos no Liceu Salesiano Coração de Jesus. A sequência da preparação aconteceu em Lorena, Lavrinhas e Pindamonhangaba". Depois disso, Antônio Tombolato voltou para Lorena onde estudou filosofia e pedagogia. "A partir daí passei a lecionar, morei em Campo Grande, depois no Alto Araguaia, e lecionei também no seminário em São Carlos. Depois me formei em teologia em São Paulo". Foi seminarista de 1943 até 1958, após a ordenação tornou-se presbítero na cidade de Matão. Em outubro de 1960, o bispo Dom Ruy Serra trouxe o padre Tombolato para a Catedral de São Carlos. Fonte: https://www.diocesesaocarlos.org.br/conego-antonio-tombolato-celebra-90-anos- de-vida/ acessado em 31/01/2021.
Tombolato faleceu em 29 de abril de 2021 aos 93 anos de Covid-19. Seu enterro foi marcado por grande comoção no município, e mesmo em meio à pandemia mundial, houve grande carreata acompanhando o corpo que foi enterrado sob a escadaria principal do Santuário.

Figura 13: Capa e contracapa do folheto sobre o achado da imagem por Cônego Antônio Tombolato.

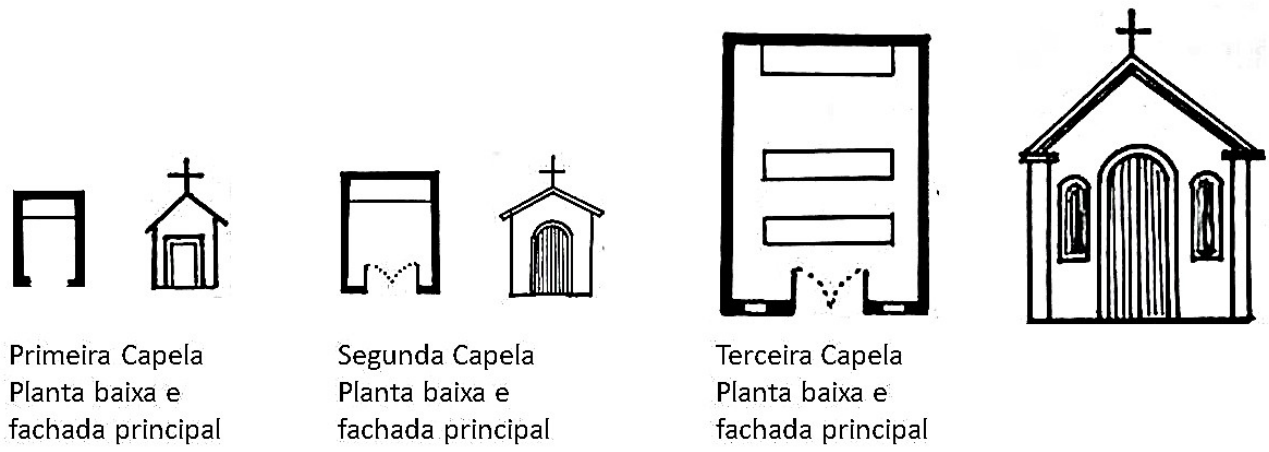


Fonte: Arquivo da Paróquia de Vila Isabel (2018).

Ao reescrever a história sobre a Aparecidinha, Tombolato, na década de 1960, relata que desde sua existência as instalações que ali estavam passaram por várias transformações. Ele conta que a primeira capela, feita para abrigar a imagem, não possuía mais que 1,5 m², era feita de pau a pique com telhado de sapé, e refere-se a ela como "capela de servidão". No entanto, num determinado período a capela sofreu um incêndio, devido a uma vela deixada por um devoto, e mais uma vez, a imagem se salvou. Diante do acontecimento, o povo se uniu e reconstruiu a capela ampliando-a para 2 m², mas ainda com características de "capela de servidão". Porém, anos mais tarde, uma imensa seca tomou conta da região e provocou um incêndio de grandes proporções no qual novamente a capela foi afetada, mas, desta vez, a reconstrução foi financiada pela esposa de Dr. Davidoff, Dona Maria Nazaré de Figueiredo. Sem haver precisão sobre a data que teria ocorrido tal incêndio, todavia, Tombolato escreve que Dona Maria Nazaré não só pagou pela reconstrução da capela, como mandou fazer um altar de mármore, fabricado no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Ainda segundo Tombolato (2019), esta terceira capela possuía 12 m² e resistiu, nessa feição, até o começo da década de 1930, quando foi iniciada sua substituição por um novo edifício já em posse da família Pichi. A obra ficou inacabada por aproximadamente 10 anos, sendo finalizada por Dom Ruy Serra, em 1947.

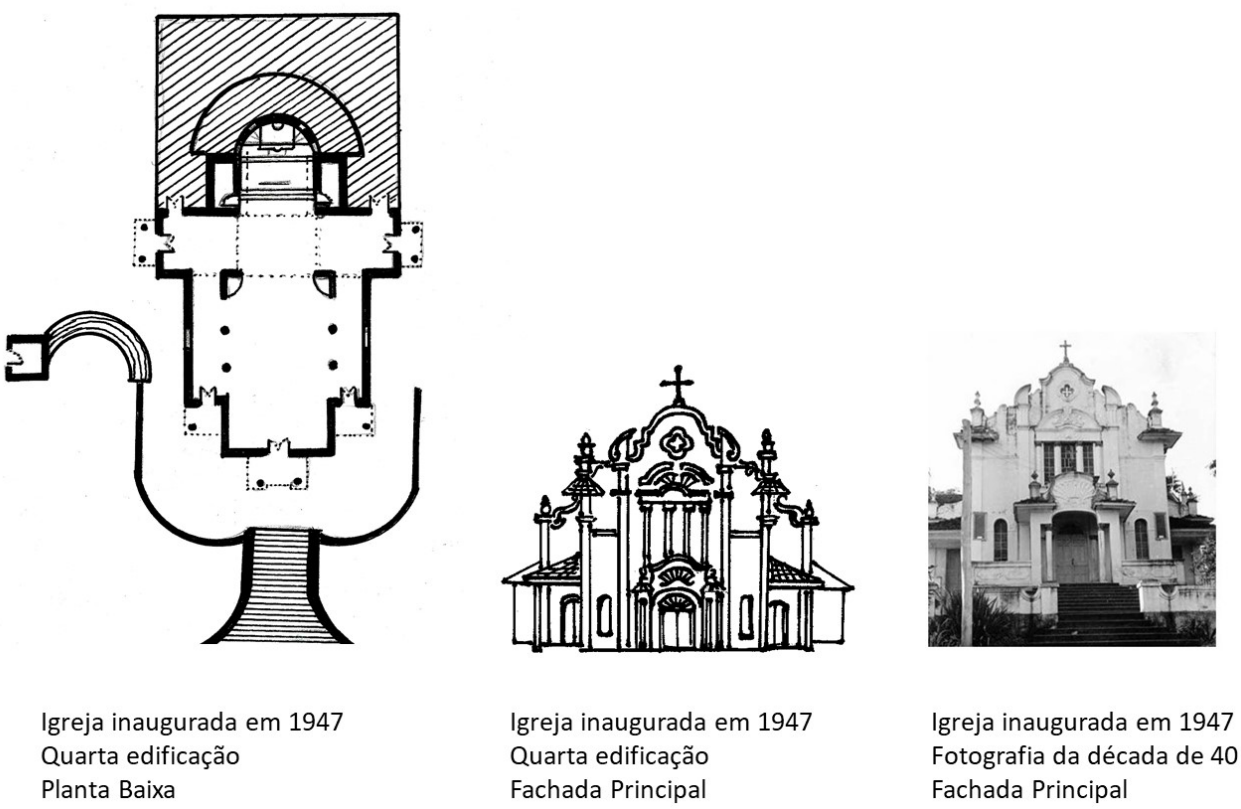
Com base nos manuscritos de Tombolato (década de 1960) foram extraídos dados que possibilitaram a reconstituição gráfica das diversas capelas que existiram aos longos dos anos de 1860 até os dias atuais, com o fim de abrigar a imagem de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, como é possível observar nas figuras 14 e 15.

Figura 14: Reconstituição gráfica das primeiras capelas que existiram ao longo da história do Santuário com base nos manuscritos de Padre Tombolato da década de 1960.



Fonte: Desenhos de Ana Rita Corrêa (2020)

Figura 15: Capela inaugurada em 1947 por Dom Ruy Serra.



Fonte: Desenhos de Ana Rita Corrêa e fotografia FPMSC (década de 1940).

Na última versão da capela de Aparecidinha foi adotado o estilo neocolonial[9], que, embora tenha predominado no Brasil entre os anos 1920 e 1930, sua popularização avança até as décadas de 1950 e 1960. Este edifício com planta em forma de cruz era composto por campanário, sala dos milagres, sala das velas e três altares, como foi apontado anteriormente, na página 17, na citação retirada do Livro Tombo de 1908 -1967.

Segundo PINHEIRO (2011), o estilo neocolonial foi utilizado na construção de diferentes tipologias arquitetônicas dos mais diversos usos. No entanto, foi também muito empregada na construção de edifícios religiosos, tendo sido preconizado em ofício circular aos bispos brasileiros em 1924 por Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro neste período. O estilo neocolonial da Aparecidinha revela o cuidado e o estudo na elaboração do projeto, no qual podemos observar em sua volumetria, suas aberturas e entalhes, a presença de largos beirais e falsos balcões, com balaústres no piso superior do altar mor, e na fachada principal uma grande concha chama a atenção. Ao longo do tempo, a igreja recebeu diversas intervenções e adequações de elementos que poderiam muito bem ser de uma igreja catedral, como vitrais, pinturas parietais, trocas de pisos e forro.

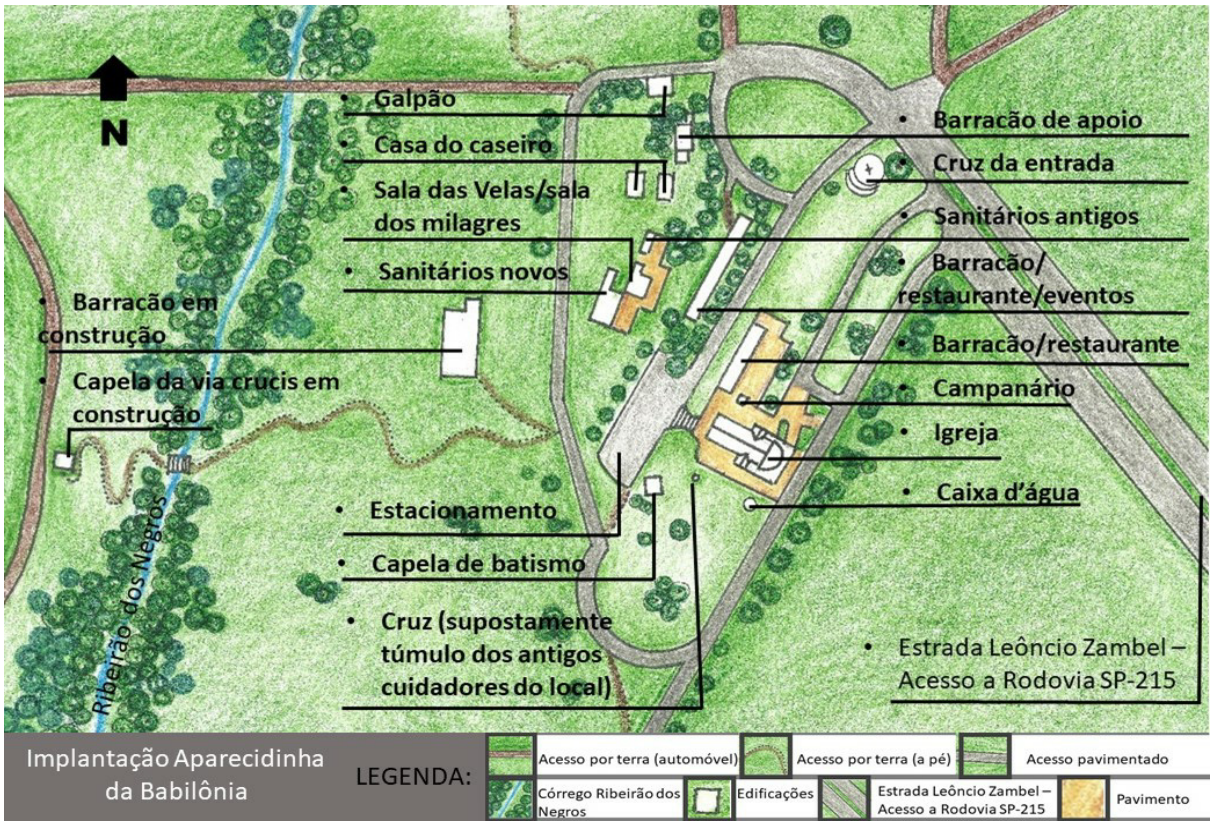
Recentemente, no ano de 2017, o SNSAB foi objeto da primeira ação em relação a sua proteção, quando a Fundação Pró-Memória de São Carlos - FPMSC iniciou um inventariamento da peregrinação, que primeiramente partiu de uma demanda pública para a preservação e a proteção do Caminho de Babilônia, como patrimônio material e imaterial de São Carlos. Em publicação recente em sua página na internet, a FPMSC informou que o referido inventário será uma descrição detalhada do patrimônio, material e imaterial.

> É um estudo minucioso de todas as características, paisagens, bens materiais, tradições, modos e costumes relacionados ao bem. Tem por objetivo colher o maior número de informações possíveis para que se possa, a partir dele, fazer estudos de preservação, arquivar informações e criar leis e instrumentos legais de preservação.... Trabalha-se com fontes arquivísticas, bibliográficas, levantamentos em campos, fotos, entrevistas e tudo que possa gerar o quadro mais completo. (FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS, 2021)

No entanto, o local seguiu sendo modificado, recebendo novas instalações e mesmo novas intervenções no edifício da igreja, sem considerar as características neocoloniais da década de 1940, como é possível observar nas figuras 16 e 17 e que são mais aprofundadas no próximo item.

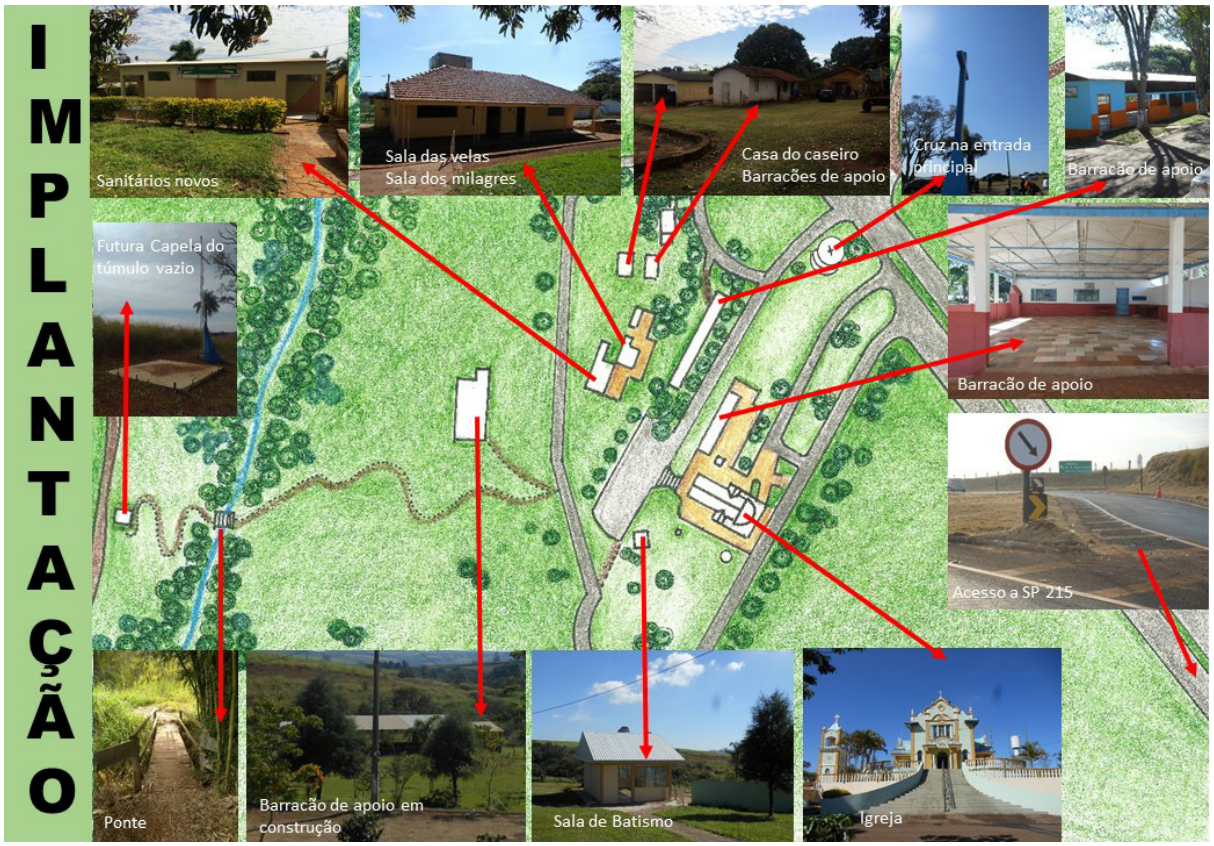
9 O estilo neocolonial no Brasil resulta das mudanças radicais e estruturais que vão ocorrer na cidade e seus edifícios na passagem do século XIX para o XX, em consequência do rápido crescimento urbano, introduzindo novas tecnologias, conceitos e estilos arquitetônicos. Entre esses novos estilos, o neocolonial, tem sua origem no Brasil como o movimento iniciado pelo engenheiro Ricardo Severo, que durante uma palestra em 1914 propõe: "a valorização do passado arquitetônico brasileiro. Permeada por um viés arqueológico, sua leitura da arquitetura colonial brasileira - por ele denominada "arte tradicional" – enfatizava sua capacidade de adequação ao meio, bem como a natureza dos materiais e da técnica construtiva empregada, gerando uma produção arquitetônica nova e peculiar, que alcançou grande popularidade durante boa parte da primeira metade do século XX". (PINHEIRO, 2011, p. 78). Disponível em: https://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/21683.pdf

Figura 16: Implantação do Santuário com indicação dos edifícios e instalações.



Fonte: Desenho Ana Rita Corrêa (2019).

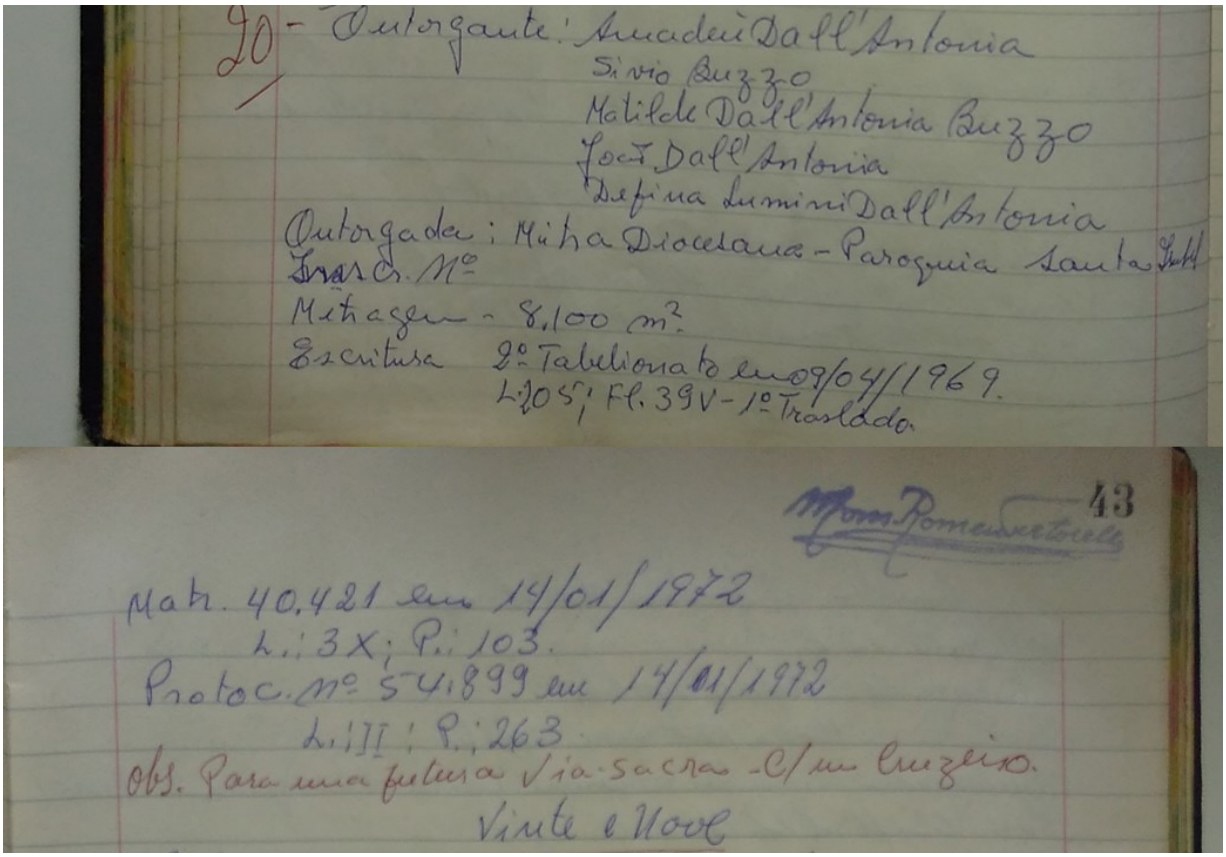
Figura 17: Implantação do Santuário incluindo imagens dos edifícios e instalações atuais.



Fonte: Desenho e fotografias de Ana Rita Corrêa (2019).

As diversas iniciativas para a proteção e a manutenção dos bens que formam o conjunto do SNSAB foram frequentes. E muitas medidas partiram da própria comunidade local, como quando ocorreu a doação do morro em frente à igreja, do outro lado do rio. Segundo Antônio Beltrame[10], era da vontade de Amadeu Dell' Antônia que a sua doação viesse a abrigar a *Via Crucis*, para que, principalmente no dia da festa em homenagem à Nossa Senhora Aparecidinha, pudesse ser utilizado pelos fiéis em suas orações ou cumprindo penitências. Tal fato se confirma no registro do primeiro livro tombo da Paróquia de Vila Isabel de 1962 a 2004, página 43, sobre o inventário do patrimônio da Babilônia, constando o número do processo da doação do morro e logo abaixo escrito tinta vermelha: "Obs. Para uma futura Via Sacra com um cruzeiro", conforme exposto na figura 18.

Figura 18: Inventário sobre o patrimônio da Babilônia.



Fonte: Trecho do primeiro livro Tombo da Paróquia de Vila Isabel (1962 - 2004, p. 42 e 43).

No entanto, há relatos obtidos pela memória oral que sustentam a versão de que o morro já era utilizado pelos fiéis, antes mesmo de ser doado para essa finalidade, e buscando em minhas próprias memórias as histórias que meus pais contavam de sua juventude: subir o morro na Aparecidinha no dia da Santa era uma forma de socialização, minha mãe falava saudosa dos piqueniques que

10 Antônio Beltrame ocupou o cargo de administrador do Santuário durante longo período e hoje atua como colaborador de eventos, é irmão do Padre José Luiz Beltrame que atuou como Padre do Santuário, onde juntos atuaram colaborando para as transformações realizadas no local.

realizavam lá no alto do morro, já no final das décadas de 1950 e meados de 1960. Porém, só mais recentemente, no ano de 2018, é que a administração do Santuário iniciou as obras para construir uma pequena capela no alto morro, que abrigará uma imagem de Nossa Senhora, e o percurso da subida foi marcado com doze cruzes em madeira representando as estações da *Via Crucis*, como se observa na figura 19.

Figura 19: Vista de uma das cruzes em madeira instalada no percurso da subida do morro representando as doze estações da Via Crucis e, ao lado, vista do radier em concreto que abrigará a capela no alto morro.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

1.3 As marcas do tempo

As sucessivas e diferentes gestões responsáveis pelo SNSAB deixaram marcas, pequenas ou grandes, que paulatinamente contribuíram para a formação do patrimônio construído que alcança os dias atuais. Talvez a mais intensa delas tenha sido a gestão do Padre Antônio Tombolato, responsável pela execução do edifício anexo à parte posterior da capela, descaracterizando visivelmente sua volumetria, especialmente nos ângulos de visada das fachadas laterais e posterior. Porém, durante todo o período de sua gestão, o interior da capela se mantinha em sua originalidade, quanto a pisos, revestimentos, forros e pinturas. As intervenções realizadas pelo padre sempre se restringiram apenas ao entorno da capela com o objetivo de melhorar as instalações do

conjunto, construindo barracões de apoio e sanitários para atender aos romeiros em dias festivos (TOMBOLATO, 2018). E, particularmente no que se refere à capela, o posicionamento do Padre Tombolato era de que uma igreja não precisava ser bonita, ornamentada, requintada, mas sim uma estrutura para atender o povo, e seu refinamento poderia resultar até em um distanciamento desse objetivo. No entanto, consideramos que sua autenticidade acabaria sendo visivelmente prejudicada em decorrência das intervenções externas, feitas durante a gestão do Padre Tombolato, e seria mais ainda devido às alterações internas promovidas após seu afastamento do cargo. Segundo Kühl (2010, p. 306), autenticidade deve ser entendida como "respeito pela configuração da obra e pela sua materialidade, como transformadas ao longo do tempo". Neste sentido, a autora sugere que, no campo da conservação e do restauro, ao se interferir em uma obra é necessário se pautar pelo respeito aos materiais originais, e aos documentos autênticos, e que acréscimos necessários mantenham a integridade do edifício.

> Aqui está enunciado o princípio da distinguibilidade da ação contemporânea: ou seja, qualquer nova inserção deverá colocar-se como novo estrato, que não induza o observador ao engano de confundi-la com a obra como estratificada antes da intervenção, não propondo o tempo como reversível e devendo documentar a si mesma. Isso já aparecia de forma explícita nas formulações de Boito, em que acréscimos e renovações, se necessários, deveriam ter caráter diverso do original, mas de modo a não destoar do conjunto; completamentos de partes deterioradas ou faltantes deveriam, mesmo seguindo a forma primitiva, ser de material diverso ou ter incisa a data de sua restauração ou, ainda, no caso das restaurações arqueológicas, ter formas simplificadas. (KÜHL, 2010, p. 312)

Não há dúvidas de que a autenticidade da capela foi prejudicada com as intervenções externas promovidas pelo padre, porém sua identidade e seu valor documental resistiram ao tempo, durante os muitos anos em que o templo foi para os frequentadores apenas uma simples capela, como desejava o Padre Tombolato. Ao falar de seu trabalho como padre no SNSAB costumava frisar que durantes todos os anos de sua atuação, dedicados à Aparecidinha, seu empenho foi no sentido de arrebanhar fiéis, nas palavras dele *"acolher esse povo mais simples"*. Em sua opinião o *"*embelezamento" da igreja resultaria no afastamento do *"*povo mais simples", e com isso, seus propósitos na manutenção dos fiéis poderiam ganhar outro sentido, deixando clara sua intenção de deixar ali uma "igreja povo", como costumava dizer.

> Porque eu sou meio contra igreja muito bonita, eu falei que é um pecado mortal você fazer uma igreja muito bonita e deixando todo o povo morrer de fome. Quando eu saí de lá... não construí igreja nova, só aqueles salões, aquela igreja foi a que encontrei lá... fizemos um salão grande justamente o apoio da construção da igreja, é o que falei há pouco eu nunca fiz questão, eu preferia atender o povo do que fazer igreja, mas deixei uma igreja povo até hoje. (TOMBOLATO, 2019).

Através de uma fotografia da década de 1970, verificada na figura 20, que mostra a fachada principal da capela da Aparecidinha ainda durante a gestão do Padre Tombolato, é possível notar o

início de algumas mudanças, como a colocação da porta de acesso principal em ferro, substituindo a original em madeira, a exemplo do que se pode observar nas portas de acesso lateral. Na mesma fotografia, notamos também que a cobertura do edifício começava a ser alterada pela troca de telhas nos pequenos alpendres de acesso, enquanto o telhado com as telhas originais ainda pode ser observado no corpo principal do edifício. Outro aspecto relativo às mudanças que a imagem nos permite observar é a alteração da cor das paredes externas, que irão passar de rosa para o azul, provavelmente no momento da construção do anexo na parte posterior da capela. A construção deste anexo à capela para servir de casa paroquial foi um ponto de conflito entre o Padre Tombolato e a gestão administrativa, que não concordava com a descaracterização que acarretaria à volumetria do edifício, como pode ser observada na figura 21. Segundo Beltrame,

> Aquele anexo foi feito no tempo do Tombolato, e também foi uma pena. Ele não quis ceder, mas nós que estávamos juntos não queríamos aquilo lá, mas ele pretendia morar e falou que ele pretendia ficar perto da igreja que era para poder atender, e como a última palavra é do pároco então ficou, mas foi uma iniciativa do Tombolato fazer a casa paroquial lá, anexo à capela. (BELTRAME, 2021)

Figura 20: Fachada principal da igreja década de 1970.



Fonte: FPMSC- fundo Otavio Damiano

Figura 21: Anexo realizado na gestão do Padre Tombolato.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2009)

Conforme já foi mencionado, o Padre Tombolato se aposentou em 2003 e, portanto, se afastou da administração do SNSAB. Após sua aposentaria, quem assume seu cargo é o padre José Carlos Federigi, que após alguns anos é substituído pelo Padre José Luiz Beltrame, assim, nos conta Antônio Beltrame:

> Eu fui convidado justamente a fazer isso, a reconstruirmos a capela em si, porque ela estava muito deteriorada, então foi o que foi feito, começamos lá a reconstruir desde forro, piso, vitrais, que não havia os vidros eram comuns. Então o que fizemos com os vitrais, procuramos por fatos ligados à vida de Nossa Senhora, pois já que ela é uma capela dedicada a Virgem Imaculada Conceição, então fazer do Santuário algo, chamativo e alusivo a todas as coisas da Nossa Senhora. E foi isso que nós fomos fazendo, fazendo banheiro, que não tinha mais, os banheiros eram muito precários, por causa do grande número de pessoas que vão lá. (BELTRAME, 2019)

As transformações que ocorreram no Santuário, principalmente referentes à capela, infraestrutura e novas obras, foram posteriores à administração do Padre Tombolato. As primeiras alterações, logo após 2003, resultaram na pintura externa, na troca das telhas e, em meados de 2009, ocorreu a troca do forro da igreja, a renovação dos púlpitos laterais, assim como a reparação de rachaduras internas, observados na figura 21.

Figura 22: Interior da Igreja Nossa Senhora aparecida da Babilônia.



Fonte: Ana Rita Corrêa, 2009

Até 2010, o piso da capela se mantinha original, com ladrilhos hidráulicos que revestiam todo o interior do templo. E os vitrais, em sua maioria, eram vidros coloridos e transparentes, sem representações de cenas ou personagens, guardavam a simplicidade de sua composição original (BELTRAME, 2021).

É importante destacar que ao longo dos anos a igreja foi se transformando, não só pelas mãos de todos os párocos que passaram pela Aparecidinha, como também de Toninho Beltrame, uma vez que ele é quem esteve por mais tempo no trabalho da administração, e ainda pela atuação de toda a comunidade que vive nos arredores da igreja. Estes paroquianos também são cúmplices do processo de mudanças ocorrido na capela e seu entorno. Conforme assegurou Toninho, existe um grupo de pessoas que participa ativamente de reuniões com o pároco e o administrador do SNSAB, ocasião em que são discutidas as demandas a serem atendidas. Estas pessoas atuam de forma a escolher desde pequenas benfeitorias a obras de infraestrutura. Assim como foi no caso do trabalho artístico que envolveu a substituição dos antigos vitrais, tudo foi decidido coletivamente por esse grupo da comunidade, inclusive no âmbito financeiro, todos colaboraram para a realização de tais intervenções:

> É porque existem no Santuário muitos sítios, então, as pessoas que ali estão, são pessoas simples, e que nós temos então um grupo de pessoas. Por exemplo, segunda feira eu tenho reunião com eles, então a gente lança uma ideia, todos abraçam a ideia, todos colaboram com doações e mais o pároco que faz parte junto com a equipe do Santuário. (BELTRAME, 2019)

Em continuidade às obras executadas no SNSAB neste período que se seguiu ao término da gestão do Padre Tombolato, ou seja, após 2003, constatamos que em fevereiro de 2012 as paredes laterais da nave principal e da abside da igreja receberam pinturas de ícones bizantinos, expostas na figura 23, realizadas pelo ex-monge beneditino camaldulense, Wander Claiton Barbosa[11] Wander é são-carlense e estudou iconografia bizantina enquanto esteve no Mosteiro da Transfiguração em Mogi das Cruzes – SP, e juntamente com outro artista são-carlense, Sérgio Luiz Roda, popularmente conhecido como Iéio (ver figura 24), executaram este trabalho na igreja (Revista Kappa Magazine. Edição 50, n° 26 p. 67-68). O ícone a ser pintado na parede da abside escolhido pela administração do SNSAB com a anuência do grupo da comunidade foi o do Cristo Pantocrator. E este trabalho que foi realizado exclusivamente com recursos provindos de doações. Já os ícones bizantinos das paredes laterais da nave, que também foram encomendados ao mesmo artista, são dois quadros em madeira medindo 1,70m por 2,80m, em que um deles representa a cena do achado da imagem no incêndio da Babilônia, e o outro, a cena dos pescadores resgatando a imagem de Nossa Senhora no rio Paraíba, em alusão à crença nacional que deu origem à Basílica de Aparecida– SP, como é possível verificar na figura 25.

11 O artista utiliza técnicas estabelecidas em cânones da Igreja Católica, desde o Concílio de Niceia, e é um dos poucos iconógrafos brasileiros autorizados pela Igreja a produzir ícones bizantinos.

Figura 23: Ícone bizantino: Cristo Pantocrator, por Wander Claiton Barbosa.



Fonte: Revista Kappa Magazine. Edição 50 nº 26. 26/06/2012. p.67-68. Reportagem: GURIAN, Vanessa. Fotos: MOTTA, Mauricio.

Figura 24: Iéio executando arabescos para aplicação de folhas de ouro.



Fonte: Extraído da página http://www.estudioieio.blogspot.com/2012/

Figura 25: Ícones bizantinos: Cristo Pantocrator, Virgem e o incêndio na Babilônia e Virgem pescada em Aparecida–SP, por Wander Claiton Barbosa.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2020).

Estas recentes pinturas de ícones bizantinos assinalam a continuidade de feitos anteriores no interior da igreja: troca de telhado, forro, pisos e bancos. Entretanto, percebemos que, neste processo de reformas e transformações da estrutura física do Santuário, além das imposições decorrentes da necessidade de manutenção, paralelamente há o empenho para reforçar o mito sobre o achado, que continua sendo renovado e atualizado. As paredes da igreja passaram a relatar, através das pinturas dos ícones, o mito sobre achado da Santa no incêndio. Dessa forma as transformações ocorrem não só no campo material como também no imaterial. Entre outros investimentos, em ambos os campos, o SNSAB passou por obras de acessibilidade, e recentemente, junto ao Departamento de Fomento ao Turismo, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável, Ciência e Tecnologia, da Prefeitura Municipal de São Carlos, a partir de um chamamento público para pessoas físicas e jurídicas que desejassem fazer a doação de 15 totens de identificação em vias públicas e rurais para demarcar o caminho da Oficial da Fé no município[12], tendo seu ponto de partida na Catedral de São Carlos e seguindo até o Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como ponto final. A proposta foi viabilizada e os totens estão instalados e distribuídos a um quilômetro de distância um do outro, desde a Catedral até chegar ao SNSAB, executados em concreto, com formato triangular para lembrar a silhueta de Nossa Senhora e estampas dos passos da via sacra, como verificamos na figura 26.

12 É considerado caminho oficial da fé, o caminho administrado pela Associação Amigos do Caminho da Fé, sediada no município de Águas da Prata - SP, idealizadora deste percurso oficializado em 2005, que consiste em um trajeto de peregrinação inspirado no caminho de Santiago de Compostela, em que peregrinos se deslocam em direção ao Santuário Nacional no munícipio de Aparecida - SP, passando por diversas cidades que compõem o "Caminho Oficial da Fé". Para fazer parte do caminho "oficial" da fé, o município paga uma mensalidade para a Associação, lhe permitindo o direito do reconhecimento como parte do roteiro do Caminho da Fé, implicando na divulgação e ampliação do público em potencial a ser atingido, e contribuindo para o turismo religioso local.

Figura 26: Totem instalado na Avenida Comendador Alfredo Maffei: terceiro Totem a partir da Catedral.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2021)

A decisão de inserir os totens não partiu diretamente de uma demanda popular. O atual diretor do Departamento de Fomento ao Turismo, Rickoff Aidar, que também é membro da Comissão Paixão Sertaneja, a principal responsável pela organização da Festa da Cavalgada, recebeu o projeto de uma funcionária do próprio departamento como sugestão e aderiu à ideia. Assim, sem consulta pública, foi providenciada a instalação dos 15 totens, em novembro de 2021, conforme nos esclareceu Rickoff em entrevista:

> Sim, o projeto dos totens do caminho da Fé foi idealizado pela Fabiana Nascimento que é uma turismóloga daqui de São Carlos concursada da prefeitura, e no começo do ano eu assumi a função de Diretor do Departamento de Fomento ao Turismo, e ela me mostrou, ela mostrou para mim esse projeto dos totens, que tinha um nome, tinha não, que tem um nome, *Via Crucis*, então como são 15 quilômetros oficial o caminho

> saindo da Catedral até o Santuário, ela me mostrou a ideia de fazer os totens a cada um quilômetro, e que em cada totem a cada quilometro, estivesse estampado o número romano marcando a distância e também uma estação da *Via Crucis*, morte e ressureição de Jesus Cristo. (AIDAR, 2021)

Ainda segundo ele:

> [os totens] estão distribuídos no caminho da fé de São Carlos, o caminho da fé ele tem um mapa, e nesse mapa eles estão registrados e oficializados na associação caminhos da fé, que sai de Borborema e vai até a Aparecida do Norte, então ele sai da Catedral, ele é distribuído e vem até aqui, então a identidade dele, a alusão e principalmente o contexto, como é o caminho da Fé que vai para a Aparecida do Norte na cidade de Aparecida e nós em São Carlos temos nosso Santuário da Nossa Senhora Aparecida da Babilônia onde nós estamos, e que faz parte desse trajeto, então os totens tem essa identidade e esse viés por fazer parte de um caminho que é ligado ao catolicismo, e nós dentro de São Carlos também temos um Santuário que chama Aparecida da Babilônia e tem todo um contexto da Nossa Senhora. (AIDAR, 2021)

A imagem da Santa também continua sendo amplamente explorada. Notamos que permanece o empenho em fortalecer o mito de origem, o achado de Nossa Senhora, que tem sido amplamente utilizado pela Igreja, tornando-se um produto comercial estampado em cartões postais (figura 27) e, também, em canecas distribuídas durante as festividades como, por exemplo, na Festa da Cavalgada, observada na figura 28.

Figura 27: Cartão Postal utilizado para divulgação.



Fonte: Paróquia de Vila Izabel

Figura 28: Caneca distribuída no dia da Festa da Aparecidinha, em 15 de agosto.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018)

A imagem de Nossa Senhora, dessa forma, torna-se um elemento primordial que atua como elo de unidade devocional para os fiéis através da propagação de sua representação. Especialmente ao se considerar ainda a simbologia religiosa que a envolve, assegurando sua identidade tanto material, representada pela própria imagem de Nossa Senhora admirada e venerada pelos fiéis, como também imaterial, por meios intangíveis, a partir de práticas religiosas, como, por exemplo, festas, procissões, peregrinações, celebrações, promessas. A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida tornou-se, portanto, a representação material da imaterialidade que envolve a devoção católica.

Ainda colaborando para essas perspectivas de mudanças, em 2021, um fato muito significativo marcou a trajetória de transformações do SNSAB. No dia 29 de abril, a morte do Padre Tombolato, aos 92 anos de idade, causou grande comoção para a população do município de São Carlos por ter sido muito reconhecido em sua atuação sacerdotal, especialmente no SNSAB, onde dedicou

mais de 40 anos de trabalho. Seu enterro foi acompanhado por uma significativa carreata que partiu do Velório Municipal, no dia 30 de abril em direção ao SNSAB, em atendimento a seu desejo de fazê-lo a sua última morada. Seu corpo foi enterrado embaixo da escadaria, do principal acesso à igreja, cercado por gradil e jardim, acrescentando novos elementos a sua fachada frontal, como mostra a figura 29. Tal intervenção, feita para abrigar o corpo do Padre Tombolato, é a mais recente contribuição material, mas também imaterial, para a composição do patrimônio do SNSAB, visto que seu túmulo já pode ser visto como motivo de visitação e de intercessão a pedidos de fiéis e devotos.

Figura 29: Túmulo do Padre Antônio Tombolato sob as escadarias da entrada do SNSAB.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2021)

Em decorrência de todo esse processo de transformações, o mito sobre o achado da imagem pode ser considerado uma invenção histórica e um meio de construção cultural, uma vez que é representado como principal elemento e o fio condutor para as diversas manifestações atuais no SNSAB, onde novos elementos são incorporados às festividades, tanto na inovação dos ritos, peregrinações, arquitetura. Porém, são as memórias transmitidas pelas gerações que permitem refazer o mito, o reafirmando e o atualizando, para Choay (2006 p.18), "a memória pode ser dada como a capacidade que o ser humano tem em relembrar e guardar experiências e informações relacionadas ao passado", dadas as interações do indivíduo com seu meio. A memória também

é capaz de reconstruir os acontecimentos históricos do passado, a partir de ressignificações individuais. Nesse caso, o monumento pode ser demonstrado enquanto evocação do passado, porém sendo realizado no presente.

> Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2006, p. 18)

Dessa forma, "nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida" (HALBWACHS, 2006, p. 78). Segundo Le Goff, "a memória se alimenta da história e vice-versa". O autor ainda coloca que o mito, sendo ele o de "origem, em geral é o primeiro domínio no qual se fundamenta a memória coletiva dos povos sem escrita". Portanto, a memória é parte de identificação de um grupo, transmitida pelos mais velhos, ou seja, "a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas," (LE GOFF, 1990, p. 387).



CAPÍTULO 2

A tradição que se manteve

Foi possível verificar no capítulo anterior os desdobramentos que levaram o Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia a se tornar ícone da memória local e constatamos também que no âmbito da memória foram pesquisados diversos recursos simbólicos que se expressam em diferentes meios de abordagens.

Bastante frequentada na década de 1960, a capela de Aparecidinha atraía um público significativo, antes mesmo de ter qualquer infraestrutura apropriada para receber romeiros e turistas. A existência da Santa por si só já se configurava como uma expressão de patrimônio cultural local. Dessa forma, buscamos entender melhor a formação do SNSAB enquanto patrimônio cultural religioso, onde elementos como a fé, a tradição, a devoção e, claro, as festas aparecem como formadores da memória local e da região, atuando na conservação e no fortalecimento do mito até os dias atuais.

2.1 Babilônia como patrimônio cultural

Como é possível depreender foi a partir do achado da imagem que se iniciaram as primeiras peregrinações, rezas e devoções, que seguiram em ritmo crescente ainda no final do século XIX. Posteriormente, em meados do século XX, surgiram as festas, que marcaram de maneira indelével a memória coletiva local e da região. Uma história passada por gerações, que se fortaleceu principalmente por meio da oralidade, e naturalmente nos fazendo lembrar de outro achado de imagem, o de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba em meados de 1717[13]. Embora a imagem do Santuário Nacional tenha sido encontrada na água, os fatos não se distanciam muito. Independente da veracidade do mito, eles permanecem e alimentam o imaginário coletivo mundo afora, assim

13 Ver mais em BRUSTOLONI, Júlio J. A Imagem, o Santuário e as Romarias. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

como aponta Steil (2001), ao comparar mitos e lendas sobre santuários brasileiros, em que o autor observa um padrão de símbolos, signos e narrativas comuns. Além disso, mitos e lendas, nestes casos, contribuem para a tradição e a cultura de um povo, em que a religiosidade católica popular se conecta ao mistério do santo cultuado e o transcendente extrapola o sagrado, fenômeno que pode ser observado notadamente nos dias de comemorações na Aparecidinha.

Acerca das discussões sobre patrimônio cultural, foram adotadas as definições apresentadas pelo IPHAN, UNESCO e o Art. 216 da Constituição Federal Brasileira[14]. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define como patrimônio cultural de um povo:

> O conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remete à história, à memória e à identidade desse povo. O patrimônio cultural de uma sociedade é também fruto de uma escolha, que, no caso das políticas públicas, tem a participação do Estado por meio de leis, instituições e políticas específicas. Essa escolha é feita a partir daquilo que as pessoas consideram ser mais importante, mais representativo da sua identidade, da sua história, da sua cultura, ou seja, são os valores, os significados atribuídos pelas pessoas a objetos, lugares ou práticas culturais que os tornam patrimônio de uma coletividade (ou patrimônio coletivo). Portal do IPHAN disponível em http:/ www.portal.iphan.gov.br

De acordo com o Art. 216 da Constituição Federal Brasileira, "constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". A Convenção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural adotada peal UNESCO 1972, "tem como objetivo incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade" em que em seu artigo I define patrimônio cultural como:

> Os monumentos: obras arquitetônicas, esculturas ou pinturas monumentais, objetos ou estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e conjuntos de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, que, por sua arquitetura, unidade ou integração à paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, os sítios: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas, que incluem os sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. (CONFERÊNCIA GERAL da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Artigo I)

Ao longo da História, o Brasil se mostrou pioneiro de uma concepção ampla e diversificada de patrimônio cultural e de sua documentação. Segundo o IPHAN (2010), Mario de Andrade,

14 De acordo com o Art. 216 da Constituição Federal Brasileira "constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". Disponível em: htpp:/www.porta.iphan.gov.br, http://www.unesco.org, https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp

intelectual e poeta paulistano, foi quem deu início à reflexão sobre bens de natureza imaterial, visto que tais bens somente décadas mais tarde viriam a ser considerados "patrimônio cultural imaterial" do Brasil. Ainda segundo o IPHAN, "Em 1936, em proposta entregue ao então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, Mário de Andrade afirmava que o patrimônio cultural da nação compreendia muitos outros bens além de monumentos e obras de artes". E, em janeiro de 1937, foi um dos mentores da criação do então Serviço, hoje intitulado Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tornando-se a instituição governamental voltada para a proteção do patrimônio cultural no país. No entanto, não existe consenso no plano internacional, ou nacional, sobre o termo que melhor defina o conjunto dos bens culturais da natureza imaterial. Aqui e ali são utilizadas expressões como "patrimônio cultural intangível", "patrimônio cultural imaterial", "cultura tradicional e popular", "patrimônio oral", "patrimônio vivo", etc. No entanto, em 2003, a UNESCO, considerando a "importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável", recomendado pela mesma sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular de 1989, e também nas declarações da UNESCO sobre Diversidade Cultural, de 2001 e na Declaração de Istambul, de 2002, entendeu por patrimônio imaterial:

> As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. UNESCO Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage, Paris, 17 October 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.

Portanto, conforme IPHAN (2010 p. 15), é com "base na percepção da necessidade de diferentes estratégias de preservação para essas duas dimensões do patrimônio cultural que foi possível buscar formas de salvaguarda adequadas à especificidade dos bens culturais imateriais". Essa adequação tem importantes implicações sociais, políticas e culturais, e vem atender à demanda por reconhecimento das "formas de expressão e dos modos de criar, fazer e viver", como patrimônio cultural brasileiro. Ainda segundo o IPHAN, "a identificação dos bens culturais imateriais, passíveis de integrar o patrimônio cultural brasileiro reconhecido pelo poder público, deve ter como requisito, conforme determina a Constituição de 1988", sua "relevância para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira". O IPHAN aponta ainda que, "outro requisito fundamental é a sua continuidade histórica, ou seja: que essas manifestações sejam reiteradas, transformadas e atualizadas, a ponto de se tornarem referências culturais para as comunidades que as mantêm e transmitem no tempo". Marcia Chuva (2014, p.44) aponta que "Patrimônio Cultural é, sobretudo, um conceito histórico e cultural, que sofre reavaliações constantes dependendo do modo como,

em determinada época e lugar, definimos e atribuímos valor aos nossos bens culturais". Nesse contexto, distintas subcategorias estão presentes no conceito amplo de patrimônio, conforme Dias:

> Patrimônio Cultural Material: construções antigas, ferramentas, objetos pessoais, vestimentas, museus, cidades históricas, patrimônio arqueológico e paleontológico, jardins, edifícios militares e religiosos, cerâmica, esculturas, monumentos, documentos, instrumentos musicais, entre outros objetos. Patrimônio Cultural Imaterial: conhecimentos transmitidos, como as tradições orais, a língua, a música, as danças, o teatro, os costumes, as festas, as crenças, o conhecimento, os ofícios e técnicas antigas, a medicina tradicional, a herança histórica, entre outros. (DIAS, 2006, p. 68)

Marcia Chuva (2014, p. 44) aponta ainda que "Patrimônio Cultural é, sobretudo, um conceito histórico e cultural, que sofre reavaliações constantes dependendo do modo como, em determinada época e lugar, definimos e atribuímos valor aos nossos bens culturais". Para Ulpiano (2012, p. 31), o patrimônio cultural "tem como suporte, sempre, vetores materiais, pois se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e de valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se". Neste sentido, a participação ativa dessas pessoas nas festividades do SNSAB tem gerado um crescente sentimento de pertencimento em relação ao espaço e, na medida em que se tornam mais presentes, a perpetuação desse passado coletivo recria novos significados que se integram à identidade desse lugar.

> [...] no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiverem mais frequentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 2006, p. 51)

No entanto, o SNSAB, como símbolo material do patrimônio cultural local, caracteriza-se como suporte material, porém, os elementos simbólicos religiosos que o sustentam são imateriais. Mostra-se indispensável ressaltar que as múltiplas definições e atribuições acerca do patrimônio, sejam elas materiais ou imateriais, não se excluem, nem se anulam. Elas se complementam por meio de processos constantes de recriação cultural coletiva que refletem na transformação das sociedades contemporâneas e de suas relações sociais e culturais. O SNSAB, como suporte material e imaterial, é fundamental na significação do patrimônio cultural religioso local, tanto a construção arquitetônica, a igreja propriamente dita, como os processos simbólicos religiosos, sociais e culturais, fazem parte de um imaginário coletivo, entrelaçados e vistos como único, sem separação. Tais elementos não se separam, ao contrário, se complementam diante do que é construído e vivido naquela localidade. No entanto, segundo Gonçalves 2009 p.25), "a escolha ou decisão do que é categorizado e/ou validado enquanto patrimônio por um grupo social está relacionado, principalmente, à construção e à atribuição de valor simbólico ao mesmo". Assim coloca Dias sobre valores:

> Valor de uso: ocorre em função de sua utilidade. Pode somar-se a esse valor a atual visão econômica na qual o patrimônio pode ser utilizado para o desenvolvimento das comunidades; Valor formal: apreciados pela atração que causam sobre os sentidos. Valor

> estético; Valor simbólico-significativo: enquanto veículos que relacionam o passado e o presente. Atuam como ponte entre pessoas separadas pelo tempo. São símbolos que atribuem significados ao passado. (DIAS, 2006, p. 77)

Nesse aspecto outros critérios importantes são apontados por Funari e Pelegrini (2006, p. 9-10): "a individualidade e a coletividade do patrimônio, ao passo que no primeiro aspecto, o patrimônio é fundamentado a partir de percepções, sentimentos e afinidades inerentes ao âmbito individual, no segundo, o mesmo é determinado por outros indivíduos, mesmo quando se referem a grupos de iguais". Ou seja, o patrimônio coletivo se diferencia das próprias relações coletivas, que nem sempre são consonantes, onde os significados do patrimônio diferem entre os indivíduos de modo que seus valores sociais e culturais e, principalmente seus interesses enquanto grupo, se transformam com o passar do tempo. Neste contexto distintas subcategorias estão presentes no conceito amplo de patrimônio, como coloca Dias:

> Patrimônio Cultural Material: construções antigas, ferramentas, objetos pessoais, vestimentas, museus, cidades históricas, patrimônio arqueológico e paleontológico, jardins, edifícios militares e religiosos, cerâmica, esculturas, monumentos, documentos, instrumentos musicais, entre outros objetos. Patrimônio Cultural Imaterial: conhecimentos transmitidos, como as tradições orais, a língua, a música, as danças, o teatro, os costumes, as festas, as crenças, o conhecimento, os ofícios e técnicas antigas, a medicina tradicional, a herança histórica, entre outros. (DIAS, 2006, p. 68).

Dessa forma, compreendemos que o objeto desta pesquisa, Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, está inserido nas temáticas do patrimônio cultural – histórico – arquitetônico – religioso –, tendo em vista que este patrimônio cultural religioso representa uma identidade coletiva que foi sendo firmada ano a ano, principalmente por meio da devoção passada por gerações. De modo que o conceito de patrimônio arquitetônico deixa de ser visto como exclusivo, em que apenas a capela, uma única edificação, se configure como repositório único dos valores culturais e históricos, agregando, assim, as valorações advindas do viés imaterial, cultivadas e ampliadas desde o achado da imagem por milhares de devotos, como também, por exemplo, a do entorno ambiental. É dessa forma que acreditamos na possibilidade do patrimônio natural local ser incorporado com suas formas físicas, biológicas ou geológicas, hábitat de animais e vegetais, a exemplo das recomendações internacionais, das cartas relativas à proteção do patrimônio cultural elaboradas em diferentes épocas e lugares do mundo, Carta de Nairóbi, a Carta de Nova Deli, a Carta de Florença, a Carta de fortaleza, a Carta de Brasília, a Carta de Salvador, a Carta de Restauro, a Carta de Estocolmo. Estas cartas abordam, principalmente, as noções de monumento e seu entorno, de uso e de integração com outras áreas, entretanto, mais recentemente tem havido uma ênfase quanto à qualidade de vida e à proteção ao meio ambiente.

Dessa forma, as cartas patrimoniais têm como finalidade orientar e unificar as práticas em torno da proteção aos bens culturais. Beatriz Kühl (2010) coloca que:

> Cartas patrimoniais são documentos – em especial aquelas derivadas de organismos internacionais – cujo caráter é indicativo ou, no máximo, prescritivo. Constituem base deontológica para as várias profissões envolvidas na preservação, mas não são receituário de simples aplicação. (KÜHL, 2010, p. 287)

A autora ainda ressalva que "para elaborar uma leitura fundamentada do documento, suas formulações devem ser entendidas em relação aos postulados teóricos da época em que foi produzida e aos desdobramentos do campo. " (KÜHL, 2010, p. 287)

Assim, as cartas patrimoniais desempenham um importante papel na preservação, uma vez que suscitam discussão entre diferentes atores sobre diversos aspectos relacionados ao patrimônio e colaboram para ampliar o conhecimento sobre formas e metodologias para sua proteção. Ainda que necessitando que se observem as especificidades de cada tempo e lugar, atuam também estabelecendo regras a serem cumpridas, buscando a padronização das abordagens aos bens culturais, conforme explica Kühl:

> As cartas patrimoniais são fruto da discussão de um determinado momento. Antes de tudo, não têm a pretensão de ser um sistema teórico desenvolvido de maneira extensa e com absoluto rigor, nem de expor toda a fundamentação teórica do período. As cartas são documentos concisos e sintetizam os pontos a respeito dos quais foi possível obter consenso, oferecendo indicações de caráter geral. Seu caráter, portanto, é indicativo ou, no máximo, prescritivo. (KÜHL, 2010, p. 289)

Seja qual for o âmbito de atuação, as cartas são documentos que permitem criar estratégias, metodologias, regras e conceitos relacionados a patrimônios que se transformam ao longo do tempo por diferentes motivos, e passam a ser motivo de reflexão para sua salvaguarda e proteção. Assim, a capela Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, enquanto patrimônio edificado, é vista como um forte elemento estético e até monumental no contexto em que se insere. Desse modo, defendemos, nesta dissertação, a compreensão de preservação do patrimônio do SNSAB ampla e integrada aos valores material, imaterial e ambiental, até porque a capela chega aos dias de hoje assinalando as diversas intervenções realizadas ao longo do tempo que comprometeram fortemente sua unidade estética e estilística.

2.2 O patrimônio religioso como lugar de encontro

Desde algum tempo é possível afirmar sem nenhum exagero que o Santuário, além de abrigar a imagem da Santa, perpetuada através da memória local e regional, tornou-se um lugar de ritos, crenças, festas e celebrações, como também um lugar de encontros de socialização e referências, expressando a memória social e os vestígios daquilo que é lembrado e revivido na atualidade. Como aponta Chauí (1979, p. XVII), é sempre uma representação, um conjunto de lembranças relacionadas a uma ação e se faz necessária na construção do presente. A partir de uma experiência individual, a memória é selecionada, descartada ou atualizada, e reforça lembranças que, através

das experiências de cada indivíduo, torna-se parte da história. Ecléa Bosi (1983, p. 370) aponta que "há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, o valor do nosso trabalho, nossa ligação com a natureza", dessa forma, construímos e desconstruímos pressupostos simbólicos, criando nossos próprios significados, estabelecendo diferenças e identificações com diversos grupos sociais. Essa é a relação que nos permite ter o sentimento de pertencimento a determinados grupos, lugares, objetos, práticas, valores, guardando sentidos próprios para cada indivíduo, muitas vezes, incompreendidos por outros grupos. Entretanto, "lembrar o passado" não é a certeza de reviver os acontecimentos antigos com fidelidade, os indivíduos buscam suas lembranças a partir de certas referências particulares e:

> Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não corresponde à mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção se alterou e, com ela, as nossas ideias e os nossos juízos de valor. (BOSI, 1983, p. 370)

Com o passar do tempo nossa percepção é alterada, assim como ideias e valores, "fundindo" passado e presente, construindo novas narrativas tanto individuais como do coletivo. Nossa Senhora Aparecida da Babilônia se firmou como importante representante da fé e da devoção popular da região como se pode observar em seus ritos e festas. Desse modo, aplica-se Durkheim (1989, p. 38), quando aponta que as representações e ritos são parte da religião, de cunho eminentemente social, onde "as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente nos seios dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou refazer estados mentais desse grupo". Além disso, o autor argumenta que não se encontra na história religiões sem igrejas, em que "as crenças propriamente religiosas são sempre comuns a determinada coletividade que faz profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a ela" (DURKHEIM, 1989, p. 75).

> Uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas, crença e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. O segundo elemento que aparece na nossa definição não é menos essencial que o primeiro; pois, mostrando que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, faz ressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, 1989, p. 79)

Segundo Funari e Pelegrini, o patrimônio religioso católico tem seu surgimento nas relações de disseminação do cristianismo da Igreja Católica:

> A partir da Antiguidade tardia (séculos IV-V) e, em especial, na Idade Média (séculos VI-XV), ao caráter aristocrático do patrimônio acrescentou-se outro, simbólico e coletivo: o religioso. Ainda que o caráter aristocrático tenha se mantido, elevaram-se à categoria de valores sociais compartilhados os sentimentos religiosos, em uma pletora de formas materiais e espirituais. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 11).

Nesse sentido, o patrimônio religioso católico emprega sentidos próprios até mesmo para

pessoas comuns, principalmente "nas formas de culto aos santos (valorização dos rituais), e relíquias sacras (valorização dos objetos e dos lugares) ". No contexto de monumentalização destacamos que o termo "*monumento*" tem em sua origem relação a "lembrar alguma coisa", "tocar, pela emoção, uma memória viva" (CHOAY, 2006):

> Chamar-se a monumento a qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento prende-se então, precisamente, como seu modo de ação sobre a memória. Não é só ele a trabalhar, como também a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar a maneira do presente. Mas, esse passado invocado e convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: foi localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, diretamente, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade, étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY, 2006, p. 17 -18)

Dada a colocação de Choay (2006), ao analisarmos o SNSAB como monumento, na tentativa de entender as motivações que levam tantas pessoas a se deslocarem todos os anos até o Santuário, especialmente durante a festa em homenagem à Santa, no dia 15 de agosto de 2019 aplicamos um questionário cuja principal finalidade era aprofundar a compreensão do dia da Nossa Senhora para estas pessoas. Constatamos que, entre aqueles motivados pela fé, pela devoção e pela tradição, havia aqueles que vinham também passear e encontrar amigos, como nos relatou um participante, "para mim é um dia muito importante de agradecer e se divertir", (JOÃO, 2019) outro participante afirmou que "vim pelo lazer, gosto muito desse local", (MARINA, 2019) enquanto outro disse que "estar aqui, é encontrar amigos e família pessoas que conhecemos há muitos anos" (CLARICE, 2019). Dessa forma, fica clara a importância do lugar como encontro e socialização, e em ambos os casos, acima das relações religiosas se colocam as relações sociais. Ao abordar lugar enquanto espaço físico atribuído de significado (BORGES 2010, TEIXEIRA; 2015) e lugar de memória (NORA, 1993), notamos que tais conceitos não estão distanciados, ao contrário, dialogam entre si, estão interligados e são fundamentais para se entender o sentido de lugar na produção de identidade dos indivíduos.

Teixeira (2015) conceitua o verbete *lugares* como sendo "espaços físicos imbuídos de significação cultural, aos quais são atribuídos valores" (TEIXEIRA, 2015, s. p.). Ainda segundo o autor, "no campo do patrimônio cultural brasileiro, o debate em torno desse conceito remonta à década de 1980, quando houve uma forte pressão social para a ampliação e o reconhecimento do patrimônio cultural, sobretudo relacionados às culturas indígena e afro-brasileira". Com a criação do Decreto nº 3551 de 2000, a "categoria lugar se consolidou como forma de compreender um referencial cultural especializado, cujo valor não se concentra estritamente em seus aspectos construtivos ou históricos". Desse modo, "a categoria diz respeito a um recorte espacial dotado de significação cultural e social expresso no tempo presente por meio da relação que pessoas e grupos estabelecem com ele. A categoria lugar compreende demarcações físicas e simbólicas no

espaço", onde "cujos usos qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitadas reflexivamente" (LEITE, 2004, p. 35 *apud* TEIXEIRA, 2015, s. p.).

Podemos observar essas demarcações no discurso de um dos participantes, ao dizer que "esse dia representa um momento de fé, e poder passar para as crianças o que a gente sempre fez, minha mãe me trazia agora trago meus filhos" (CLARICE, 2019). Uma tradição passada de geração a geração, também confirmada no caso da participante que disse que "não é só o dia, mas o local representa renovação e esperança, é uma tradição passada há muitas gerações na minha família" (MARINA, 2019). Na figura 30 é possível ver um pai e filho durante a cavalgada de 2018 com seus respectivos cavalos sendo abençoados pelo padre, demonstrando que estar no evento de comemoração da santa é também uma oportunidade de confraternizar em família.

Figura 30: Festa da Cavalgada: em primeiro plano pai e filho levando seus cavalos para serem abençoados.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

Dessa forma, é possível depreender que no SNSAB a valorização do lugar enquanto local do achado do objeto sacro, da imagem da Santa. Ou seja, há uma clara evidência da importância de sua representação para comunidade local, agindo como elemento de ligação de devoção, fé, tradição e socialização entre os fiéis. A imagem da Nossa Senhora da Conceição Aparecida e sua simbologia religiosa edificam uma identidade entrelaçada, tanto material, representada pelo edifício

da igreja e pela própria imagem que é adorada e venerada pelos fiéis, como imaterial, por meio dos elementos intangíveis a ela relacionados, como as festas, procissões, novenas, preces e promessas. Ou seja, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida da Babilônia é a demonstração e a representação material da imaterialidade contida na devoção católica à mãe de Jesus Cristo. Alguns participantes definem esse dia como "um dia religioso dedicado à fé em Nossa Senhora Aparecida", conforme nos descreveu (CLARICE, 2019).

As discussões sobre o patrimônio cultural religioso brasileiro herdam grande influência de Portugal, que no Brasil teve representatividade na educação, na cultura e nos costumes, impondo seu domínio por meio de símbolos e práticas religiosas católicas. Segundo Nolasco, a religião:

> Foi utilizada ora como definidora de identidades, ora como mantenedora de tradições culturais, ou mesmo formas de sobrevivência, resistência, um abrandamento do processo de dominação colonial, elemento na busca de status e ascensão social, auxílio material e benesses espirituais. (NOLASCO, 2010, p. 121)

Em Portugal e Brasil, assim como em outras regiões do planeta, a religião católica exerceu grande influência e poder na constituição do patrimônio cultural religioso por meio de seus símbolos e linguagens. Lima (2005) identifica alguns tipos de linguagem simbólica que "retratam o patrimônio cultural religioso na sociedade: linguagem arquitetônica, linguagem ornamental, linguagem escultórica, linguagem cênica, linguagem festiva e linguagem literária" (LIMA, 2005, p. 93-104). O autor apresenta elementos imateriais nas linguagens citadas como, "por exemplo: a linguagem decorativa e ornamental do patrimônio, presentes na simbologia da cruz, do terço, velas, medalhas; as devoções individuais e/ou coletivas ligadas às esculturas das imagens de santos; as representações simbólicas presentes na transmissão de passagens históricas da Bíblia"; o autor coloca ainda que "as procissões que constituem em eventos de grande exposição dos valores religiosos; as crenças presentes em determinadas comunidades através das promessas e de ex-votos[15]; as encenações que revivem cenas das lições de catequeses, convertendo-as em uma linguagem visual; as peregrinações e romarias, onde se percebe a transmissão das crenças, os folhetos, hinários, extratos religiosos e poesias; e, finalmente, as festas religiosas que promovem a catarse[16]", onde o "humano é vinculado ao divino" (LIMA, 2005, p. 101) e "notam-se, muitas vezes, elementos sagrados e profanos fundidos na dinamicidade cultural e religiosa" (LIMA, 2005, p. 93-104).

> A Igreja perdeu seu poder de dominação ao ser instituído o Estado laico, porém ainda exerce influência tanto sobre católicos quanto não católicos, por meio da determinação

15 Ex-voto é o testemunho colocado em salas de milagre em igrejas e santuários católicos, como por exemplo: bilhetes, esculturas, quadros, fotografias, mechas de cabelo, reproduções de partes do corpo esculpidas em diversos materiais, etc. Nesse sentido, os ex-votos constituem parte de um universo religioso e também cultural, pois retratam a memória e a identidade de um indivíduo ou de sua coletividade. Além disso, "desvenda a história do devoto e que o inscreve na teia de uma tradição que o precede e que com ele se enriquece" (LIMA, 2005, p. 101).

16 Purificação pessoal.

> de uma cultura baseada na religião, como feriados, festas, crença nos dizeres bíblicos, no estabelecimento de lugares santos, no seguimento de um calendário estabelecido pela Igreja Católica Apostólica Romana etc. (BONJARDIM; ALMEIDA, 2012, p. 03)

Assim, todos esses elementos e linguagens contribuem para a imaterialidade do patrimônio cultural religioso, representado e legitimado dentro de determinados espaços e lugares e simbolizando a identidade de um grupo social. Borges (2010) também discute os espaços sagrados que participam de um conjunto de referências de modo a formar e consolidar eventos do passado, reforçando a proteção espiritual.

> Tendo em conta a forma como os homens apreendem o espaço, eles atribuem-lhe significados distintos: alguns lugares, por serem privilegiados, adquirem um estatuto especial no recorte espacial e, justamente por isso, lhe são conferidos valores econômicos, afetivos e religiosos, nem sempre excludentes. Os espaços sagrados, como se pode ver, são parte desse processo. (BORGES, 2010, p. 127)

Como espaço sagrado, o achado da imagem da Santa Nossa Senhora da Conceição Aparecida tem seu percurso protagonizado no cenário do patrimônio imaterial, desde a construção da primeira capela, onde identificamos esforços empreendidos no sentido de fortalecimento das manifestações religiosas que, por consequência, têm absorvido todo esse contingente significativo. Choay (2006) cita o patrimônio imaterial, como "bens incomensuráveis e heterogêneos" e ainda, o classifica como "categoria exemplar que se relaciona mais diretamente com a vida de todos" (CHOAY, 2006, p. 11), o patrimônio histórico representado pelas edificações que são definidas como: "todas as formas de arte de construir, eruditas e populares, urbanas e rurais todas as categorias de edifícios, público e privados, santuários e utilitários" (CHOAY, 2006, p. 12).

Por outro lado, com base em Nora (1993), o "conceito de lugar de memória pode ser percebido como decorrência das práticas sociais e do sentimento de pertencimento, legitimando sua função identitária". Os lugares de memória estabelecem "espaços de sociabilidade, compartilhamento de experiências, afirmação das identidades e reafirmação do sentido de territorialidade e de pertencimento à cultura local". Eles agem como apoio da memória coletiva e da identidade social. Portanto, as celebrações realizadas no SNSAB fazem parte das experiências de milhares de pessoas, nas quais a cada celebração, os mais velhos transmitem para os mais jovens histórias e lembranças que são recriadas em cada rito, em cada festa, tornando-se uma tradição passada de geração a geração. Desse modo, apesar de coletiva, a memória é limitada, e é a partir da escrita que ela rememora o passado, pois "a memória coletiva retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo conforme pertença a esse ou aquele grupo" (HALBWACHS, 2006, p. 133). Nesse sentido, aponta Le Goff (1990, p. 414): "a memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos os presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas". A cada celebração o mito é renovado, tornando-o atual garantindo assim sua perpetuação no futuro, e alimentando a memória coletiva do grupo". Segundo Halbwachs (2006):

> Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (HALBWACHS, 2006, p. 170)

As práticas de cultura vivenciadas em cada um dos devotos sobrevivem até os dias atuais como memórias transmitidas pelas gerações através das práticas religiosas, reafirmadas a cada celebração. As práticas fazem parte das lembranças e das experiências e sobrevivem no tempo, são transformadas e atualizadas, tendo a oralidade como grande aliada, perpertuando a história dessas pessoas por meio de suas memórias, que atualizam o mito do achado da imagem todos os anos nas festividades herdadas por suas histórias e memórias. Nesse sentido, "é na memória histórica que temos que nos basear." (HALBWACHS, 2006, p. 80)

A participação ativa da população nas festividades do SNSAB tem gerado um crescente sentimento de pertencimento em relação ao espaço e, à medida em que se aproximam da perpetuação desse passado coletivo, recriam novos significados que se integram à identidade desse lugar, como relata o participante da festa "venho lembrar de Nossa Senhora, é tudo, lembro do meu pai quando a gente vinha de carroça". (João, 2019) Vemos nos depoimentos dessas pessoas, lembranças do passado, tradição passada por gerações, um sentimento de pertencimento, o que faz com que as festividades do SNSAB, e os espaços em que ocorrem, se tornem vitais para revivenciar as memórias do passado. São mantidos os ritos, permitindo que a imaginação reviva as memórias passadas, uma vez que esses ritos estão conservados na paisagem, na igreja, nas procissões, ou seja, em todas as práticas, de modo que a imaginação absorva as lembranças, buscando a cada momento vivenciar o real sentido da festa. Assim, a memória é repleta de significados, renovada a cada celebração, dada pela experiência vivida pelo indivíduo que dela participa. É através da memória que o indivíduo acessa a temporalidade e é por meio dessas memórias individuais que as lembranças são absorvidas por um grupo. Desse modo, o SNSAB tem nas memórias individuais daqueles que participam das celebrações o significado para torná-las memórias coletivas, até hoje alimentando o imaginário popular sobre o mito do achado da imagem. Para Halbwchs:

> A memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 2006, p. 72)

A história, todavia, é parte intrínseca da memória, uma vez que ela faz da memória uma de suas principais fontes de conhecimento, ou seja, a história é passada através de gerações pela oralidade, carregando assim a memória, como observamos no depoimento da participante da festa

Cristina Soligon, que ao ser questionada sobre as motivações de estar ali, relatou que: "foi passado para nós muita devoção a Nossa Senhora Aparecida, é tradição né, vinha com meus pais depois trouxe meus sobrinhos, e agora os sobrinhos netos" Soligon, (2018). Ou seja, estar ali faz parte de sua memória, de sua história. Halbwachs (2006, p. 79), acerca da história, diz que, "por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros". Nesse contexto, as celebrações e festividades, especialmente as realizadas em honra à Santa, podem ser compreendidas enquanto manifestações religiosas que significam a expressão identitária daquele grupo, em que o conceito de memória e identidade é indissociável da noção contemporânea de conservação, de restauração e de patrimônio, como vem sendo redefinido mais recentemente e enfatizado por Candau (2019, p. 16).

> O patrimônio é uma dimensão da memória, é a memória podemos afirmar que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desparecida de uma pessoa é restituir sua identidade. (CANDAU, 2019 p. 16)

Neste sentido, a metamemória colocada por Candau é por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem "ao modo de afiliações de um indivíduo a seu passado" (CANDAU, 2019 p. 23). O autor aborda a identidade a partir de relações, reações e interações sociais, surgidas de visões de mundo e de sentimentos de pertencimento, também possíveis de ver na relaçao das pessoas com o SNSAB, em que os festejos oferecem momentos de celebração, convivência e participação social e cultural, não sendo apenas uma festa religiosa essencialmente, e contribuindo também na renovação da memória das pessoas presentes na festa anualmente. Um catolicismo marcado pela devoção e pelos momentos festivos, especialmente no dia da Santa, representado e materializado com peregrinações, procissões, novenas e promessas. Para muitos é o dia de encontrar amigos de rever pessoas, de socializar.

A permanência do SNSAB ao longo de tanto tempo aconteceu pela conservação e manutenção do mito que envolve a imagem da Santa, neste aspecto as festas e celebrações religiosas assumem um caráter de grande relevância. Tais acontecimentos passam a fazer parte da vida social do indivíduo que deles participa, independentemente do grau de religiosidade ser maior, menor ou nenhum, ou seja, a festa transcende o âmbito religioso alcançando o âmbito social, se firmando popularmente.

2.3 Ex-voto como elemento cultural e comunicacional

A devoção à Santa Nossa Senhora Aparecida da Babilônia é entendida como religião popular, atuando como uma manifestação coletiva, causadora de fortes sentimentos de identidade entre seus membros que repassam, recriam sua fé, mais que isso, difundem e perpetuam valores, crenças e memórias. As relações com o divino são quase sempre, relações de troca, muitas vezes, do imaterial (alcançar uma graça) pelo material, onde o fiel promete uma oferta (voto) caso sua graça

seja alcançada, e assim "paga" o ex-voto (pagamento de promessa). Da mesma forma, seguem as relações de promessas, milagres e graças alcançadas. Ou seja, o voto é a promessa, o ex-voto é o comprovante da graça, e na medida em que essas relações se popularizam, como é o caso do mito do achado da imagem de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, passa a ser apropriado, transformado e atualizado, tornando-se tradição entre comunidades, perpetuada pela memória.

Ao contextualizarmos ex-voto como objeto patrimonial é possível reconhecer mais do que símbolos votivos de fé, como aponta Benjamim (2003):

> A prática mais tradicional da comunicação, nas devoções populares, é a entrega do ex-voto. No ex-voto paga-se o compromisso de natureza contratual com o santo. A entrega do ex-voto é, porém, a publicização da intervenção – o milagre ou, mais modestamente, a graça alcançada – mensagem cujos receptores são os outros devotos ou pessoas que circunstancialmente passem ou visitem o local da devoção. Quanto mais ex-votos depositados, mais provados ficam os benefícios alcançados pela intercessão do santo, o que faz crescer a fama e despertar o interesse de novos devotos. (BENJAMIM, 2003, p. 43-44)

O objeto ex-voto consiste no ato de pagar promessas a graças alcançadas, como agradecimento, as pessoas levam ao Santo protetor objetos que remetem ao pedido feito, como a representação de partes do corpo doente feitos em parafina, peças de vestimenta, muletas, fotografias, entre tantas outras representações simbólicas, como nos mostra a figura 31, que ilustra objetos deixados na sala de ex-votos do SNSAB. A nomenclatura ex-voto é reconhecida assim oficialmente pela igreja católica. No entanto, vale ressaltar que no SNSAB, a sala de ex-votos é também conhecida e identificada pelo nome de sala dos milagres, como verificamos na faixa pendurada, à entrada para o edifício, visto na figura 32. Ao reconhecer e adotar a nomenclatura Sala dos Milagres, de forma consciente ou não, o SNSAB reforça a fama de milagrosa da Santa e a sala torna-se a representação material dos milagres realizados, configurando-se como testemunhos, documento simbólico representativo da permanência religiosa daquele local, compondo assim seu espaço sagrado.

Figura 31: Interior da sala dos ex-votos no Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

Figura 32: Sala dos ex-votos, ou Sala dos Milagres, como é reconhecida no SNSAB.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

A sala dos ex-votos, assim com a sala das velas no SNSAB, é o espaço em que os devotos se comunicam com o divino; é o momento do encontro com o transcendente onde, através de seus pedidos, almejam alcançar uma graça ou milagre pela fé e devoção. Nestes lugares a fé e a devoção popular se destacam por trocas sociais e simbólicas, sem necessitar de imediações eclesiásticas, o indivíduo estabelece uma relação direta com o sagrado. Os objetos ali depositados são práticas e representações, partilhadas de diferentes maneiras entre os grupos sociais, construindo a identidade do espaço que estão inseridos, manifestações populares que, por sua vez, integram a relação entre ritos sagrados de fé e devoção. Todos esses objetos são afirmação da dinâmica cultural religiosa popular, que se transformam e se atualizam em cada rito.

A sala dos ex-votos e a sala das velas são alguns dos lugares mais visitados do Santuário, ambas instaladas em uma edificação construída ainda na gestão de Padre Antônio Tombolato e ainda hoje guardam suas características originais. Apesar de ter sido reformada com esquadrias e telhado refeitos, a volumetria da edificação não foi alterada, como mostra a figura 33. A sala dos ex-votos é organizada por diversas estantes de aço cujas prateleiras estão repletas de objetos, nas paredes também estão fixadas fotografias e bilhetes (ver figura 34), e há um livro onde as pessoas podem escrever a respeito de seus pedidos ou de suas graças alcançadas, visto na figura 35. A sala dos ex-votos é, portanto, o lugar onde são depositados os mais diferentes objetos, em agradecimento por uma graça alcançada, ou para pagar uma promessa, na qual a devoção à Santa trouxe curas e milagres, ou seja, a sala dos ex-votos tornou-se o local do registro material do poder

da Santa. Enquanto a sala das velas, local para agradecimento pelas graças e promessas alcançadas, destaca-se por acolher pessoas em oração, que pedem a interseção Divina, e acendem suas velas de diferentes tamanhos, mas sempre brancas. Para que não haja perigo de incêndio e dar mais comodidade aos fiéis, as velas acesas podem ser depositadas em bancadas de concreto revestidas em aço, ainda assim, em dias festivos o espaço chega a ser disputado, como verificado na figura 36.

A sala dos ex-votos surge no SNSAB desde quando o padre Antônio Tombolato assume a gestão como padre responsável em 1962. Ele relatou que, ao assumir o cargo, a única edificação existente era a igreja, "eu não recebi nada, não recebi nada eu que criei tudo lá". Ele também conta que, naquela época, a igreja já recebia contingente significativo de fiéis, levando-o a se tornar um grande entusiasta no que se refere ao fato de se empenhar na melhoria da infraestrutura local. Durante toda a sua gestão fez muitas benfeitorias e trabalhou intensamente para arrebanhar fiéis. A Santa já estava consolidada como milagrosa e, a cada ano, as pessoas levavam mais objetos para retribuir as graças alcançadas. Sobre isso Tombolato declarou: "o que aconteceu é que muita gente alcançava algum favor de Deus não é à toa que elas iam lá. Alguém tinha que fazer aquelas salas lá chamada sala das promessas, dos milagres, para receber a prova de pessoas que alcançou favor, então elas davam de tudo". E, na intenção de guardar a materialidade que essas pessoas levavam para a igreja, confirmou-se a necessidade de ter um local específico para esse fim. Pereira, (2003) em seu trabalho "A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo" indica que a sala dos milagres é:

> [...] o primeiro lugar que o devoto visita, depois de ver o santo, é a sala dos milagres. Ali estão os dados concretos que o santo é eficiente, poderoso, milagreiro ou qualquer outro adjetivo que reforce a reprodução da crença. (PEREIRA, 2003, p. 69)

Figura 33: Sala dos Milagres e Sala das Velas.



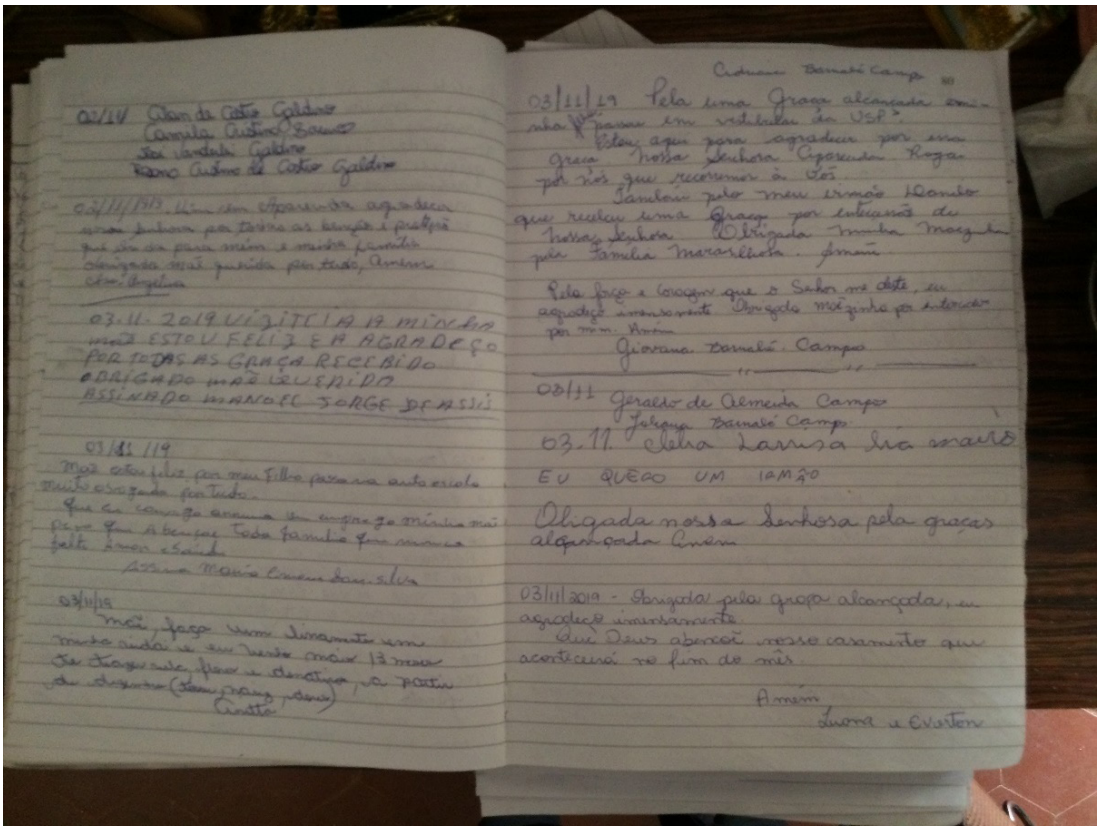
Fonte: Ana Rita Corrêa (2021).

Figura 34: Interior da Sala dos Milagres.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

Figura 35: Livro de registro dos fiéis e devotos pelas graças alcançadas.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

Figura 36: Interior da Sala das Velas no dia 15 de agosto de 2018.



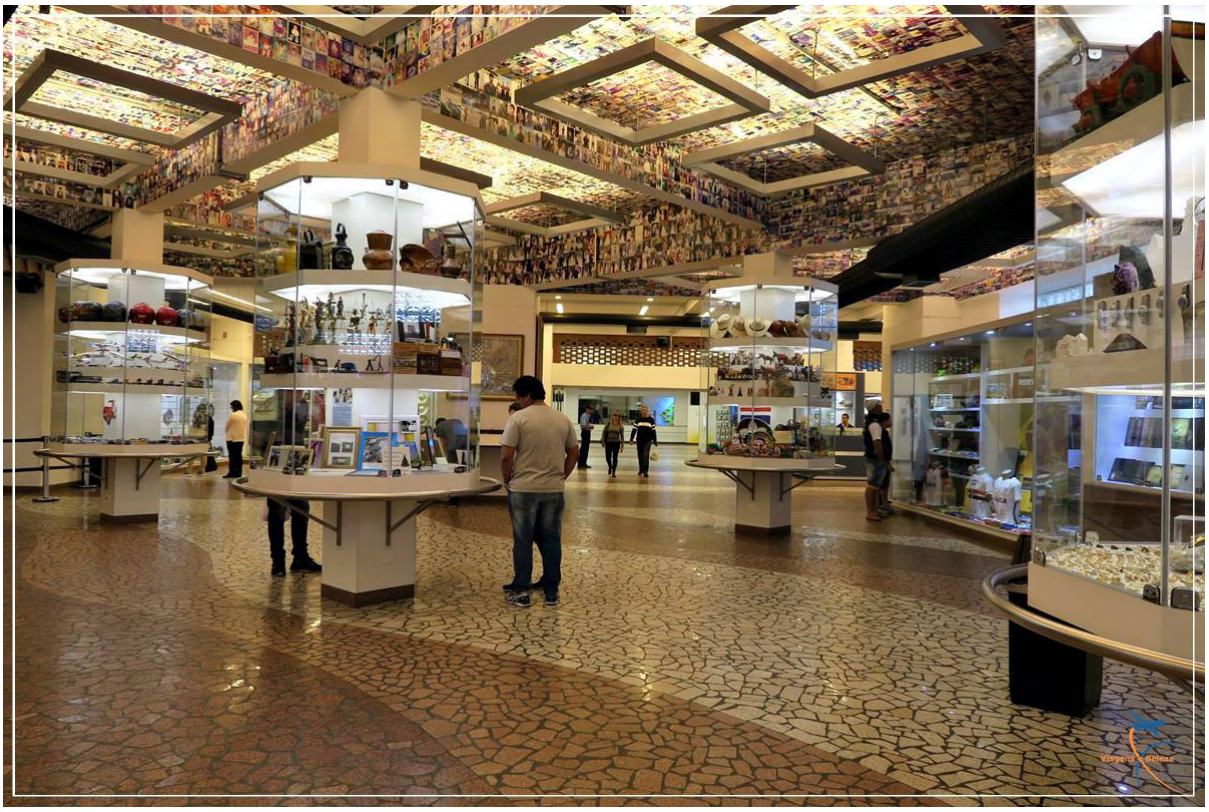
Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

É bastante recorrente em locais destinados à devoção a santos padroeiros que concedem curas e milagres existirem espaços reservados para o recebimento de ex-votos, e o Santuário Nacional de Aparecida, na cidade de Aparecida -SP, é um forte exemplo dessa prática. O maior Santuário do país dedicado à devoção de Nossa Senhora Aparecida conta, atualmente, com uma grande sala de exposição, com vitrines para abrigar os objetos, classificados por tipologias como indumentárias, maquetes, peças de cera, brinquedos, fotografias, quadros e tantos outros objetos dos mais diversificados, como pode ser observado na figura 37. O recebimento de ex-votos é realizado de forma bastante organizada para permitir que as peças sejam, posteriormente, catalogadas, higienizadas e colocadas nas vitrines, que periodicamente têm substituições no acervo exposto.

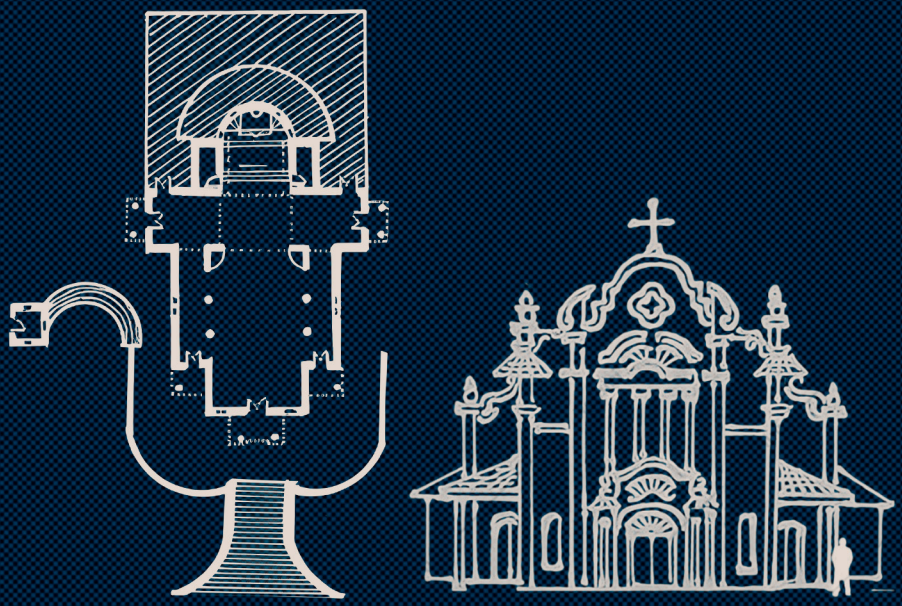
Dessa forma, a Sala dos Milagres do SNSAB é um local de suma importância por guardar os ex-votos, objetos de graças alcançadas, sendo, portanto, o registro material do "poder" do santo padroeiro, atuando como objetos de memória, história e informação É também uma manifestação coletiva, gerando grande sentimento de pertencimento e identidade entre seus membros, sendo um meio de transmitir a fé e recriar valores, crenças e memórias perpetuados nas futuras gerações. Nesse contexto, os objetos de ex-votos deixam de ser simples artefatos, devendo ser vistos como a comunicação entre o devoto e o santo invocado[17], além de valiosos registros e documentos históricos.

17 Observamos que nem sempre o Santo invocado é Nossa Senhora Aparecida, a Santa divide as intenções dos votos com outros santos e santas.

Figura 37: Interior da Sala dos Ex-votos, ou Sala dos Milagres, do Santuário Nacional Nossa Senhora Aparecida - Aparecida (SP).



Fonte: Extraído do site Viagens e Beleza. Disponível em https://www.viagensebeleza.com/2017/08/a-forca-da-fe-na-sala-das-promessas.html. (Acesso em: 20 out. 2021)



CAPÍTULO 3

Turismo religioso na Babilônia

Como foi possível depreender até o momento, a discussão que estabelecemos sobre o Santuário enquanto patrimônio cultural religioso traz elementos intrínsecos como a fé, a tradição, e a devoção. As festas aparecem como formadores da memória local e da região, atuando a partir de seus próprios significados, fortalecendo, recriando e ressignificando todos os anos sua identidade sociocultural. Podemos afirmar que a imagem da Santa faz parte da cultura local, como patrimônio de devoção, fé e culto, marcando o SNSAB como importante representante da cultura religiosa local.

O dia da Santa é conhecido não só no município, que conta com um feriado municipal, mas também em toda a região, atraindo diversos públicos, desde fiéis, romeiros, peregrinos e curiosos, e atualmente integra um dos roteiros turísticos religiosos mais importantes do país: o "Caminho da Fé". Esse segmento turístico religioso tem crescido muito nos últimos anos, tornando-se economicamente significativo, movimentando um diversificado setor comercial e de negócios, usufruindo das infraestruturas comuns ao turismo, onde cada vez mais são necessárias adequações às novas demandas geradas por este setor, desde restaurantes, hotelaria, alimentação, lazer, entre outros.

3.1 Aspectos do turismo religioso popular

O turismo em geral concentra diversos aspectos, entre a movimentação física de pessoas, lazer ato social, além da possibilidade de causar impactos ao meio ambiente. Enquanto o turismo religioso pode envolver elementos simbólicos, decorrentes de uma participação ativa de pessoas que, por sua vez, pode contribuir para constituição e preservação de um legado cultural, desde que seja resgatada a memória e sejam valorizadas as manifestações culturais e religiosas daquela localidade.

Dessa forma, as manifestações religiosas que envolvem o SNSAB atuam como atrativos, tendo principalmente a festa da Santa como produto turístico religioso em potencial, onde a religiosidade pode ser neste caso um artigo a ser consumido, a ponto de ser reconhecido pelos órgãos de turismo oficiais e ter a data registrada no calendário festivo do município.

Recentemente o SNSAB foi objeto de um inventariamento dos caminhos de peregrinação, efetuado pela Fundação Pró-Memória de São Carlos, cuja demanda partiu da comunidade local. Entretanto, há que se ressaltar que outros elementos, embora não reconhecidos pelo órgão oficial de salvaguarda do patrimônio local, são notavelmente valorizados pela comunidade, seja pelo seu valor afetivo, pela memória, história, ou em decorrência do forte sentido de pertencimento das pessoas a esse lugar.

O turismo, segundo Dias e Silveira, cada vez mais se impõe como uma das principais atividades econômicas. Desde a Declaração de Manila[18], observa-se que o turismo vem ocupando importante papel na sociedade, tendo seu direito ampliado ao longo do tempo em relação ao tempo livre dos trabalhadores, ou seja, reconhecendo o direito ao lazer:

> [...] o homem em função de seus valores e por decisão pessoal destina um período para suas obrigações e deveres, familiares, religiosos etc. O restante do tempo livre, excluídas as obrigações e deveres e no qual o ser humano decide livremente como ocupará o tempo, é chamado de lazer. (DIAS e SILVEIRA, 2003, p. 8)

Dessa forma, Dumazedier aponta as três funções mais importantes do lazer: descanso, divertimento/recreação e desenvolvimento. O que nos interessa aqui é a terceira função a de desenvolvimento, onde "o desenvolvimento de sua personalidade, conhecer o mundo e a si mesmo", pois segundo o autor:

> Permite uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, sensibilidade e razão. Além de formação prática e técnica, oferece novas possibilidades de integração voluntária à vida de grupamentos recreativos, culturais e sociais. (DUMAZEDIER, 1976, p. 34)

Dessa maneira, como indicam Dias e Silveira (2003, p. 10 e 11), na função do lazer o indivíduo busca a função de desenvolvimento "pode criar novas formas de aprendizagem voluntária", levando o indivíduo "libertado de suas obrigações profissionais, a comportamentos livremente escolhidos e que visem ao completo desenvolvimento da personalidade". Os autores acrescentam ainda que, segundo Vukonic:

18 "Declaração de Manila sobre o Turismo mundial de 1980, artigo 4: o direito ao uso do tempo livre e especialmente o direito de acesso às férias e liberdade de viagens e turismo como consequência natural do direito ao trabalho, estão reconhecidos por pertencerem ao desenvolvimento da mesma personalidade humana, na Declaração Universal dos direitos humanos, assim como acolhidos na legislação de muitos estados. Implica, para a sociedade, o dever de criar, para o conjunto de cidadãos, as melhores condições práticas de acesso efetivo e sem discriminação a este tipo de atividade. Tal esforço deve conceber-se em harmonia com as prioridades, instituições e tradições de cada país." (DIAS, SILVEIRA, 2003, p. 10)

> Neste sentido desenvolve seu lado espiritual, busca o sagrado, como uma forma de romper com a vida material, profana. Neste aspecto, o turismo religioso pode ampliar a perspectiva de evasão oferecida pelo turismo de modo geral. Esta ocorreria tanto do ponto de vista material (outros lugares) como espiritual (outras formas de pensar, reflexão sobre o mundo e sobre si mesmo). Está claro que não pode afirmar que a vida espiritual seja um produto do tempo livre. No entanto o tempo livre contribui para intensificar as várias formas de nossa vida espiritual e, num certo sentido, fortalece-a e desenvolve-a.(VUKONIC apud DIAS; SILVEIRA, 2003, p. 12)

Assim, o turismo religioso cumpre a "função de ruptura com o universo do cotidiano", ao mesmo tempo em que tem a função de desenvolvimento de personalidade, buscando por livre escolha um conhecimento profundo do que significa a vida, através do envolvimento com o sagrado. Segundo Andrade (2000 p. 79), "a motivação religiosa classificada pela OMT está entre os principais motivos das viagens turísticas". Dias e Silveira também concordam que o turismo seja considerado uma atividade bastante diversificada, abrangendo diversas áreas e, logo, podendo ser analisado por diferentes vieses. Desse modo, Dias e Silveira (2003 p. 17) definem o segmento do turismo religioso como sendo "aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participação em eventos de caráter religioso, compreendendo romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas". Ou seja, o turismo religioso, como atividade turística de modo geral, aborda diversos aspectos, econômicos, sociais, espaciais e culturais, e ao mesmo tempo, apresenta características que coincidem com o turismo cultural, como podemos verificar em Dias e Silveira:

> [...] devido à visita num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região. Mas também deve-se ter em conta que as motivações não são exclusivamente culturais, no sentido restrito do termo, já que para falar de turismo religioso, devem estar presentes também as motivações religiosas, apesar de que, na atualidade, o turismo religioso como tal esteja intimamente relacionado com o período de férias e turismo cultural. (DIAS e SILVEIRA, 2003, p. 17)

No entanto, colocar como distintos um turismo derivado de motivações culturais e outro de motivações religiosas não abarcaria a multifuncionalidade intrínseca a ambos, pois diversos elementos entre eles se relacionam constantemente, tornando o espaço religioso multifuncional, em que a utilização do lugar e as motivações se apoiam nas diferentes formas do turismo. Sobre isso, Dias e Silveira (2003, p. 18) apontam ainda que o "o turismo religioso é motivado, em maior ou menor grau, pelo aspecto religioso, embora o atrativo turismo religioso possa adotar diferentes formas, sempre atende às necessidades daqueles que buscam o contato com o divino". Esses destinos do segmento religioso são considerados pelos devotos, peregrinos, romeiros, moradores, observadores, como local de afeto e memória, muitas vezes distantes geograficamente não impedem o retorno periódico dos praticantes, alimentando assim o turismo do local, como observamos no SNSAB, em que as festas em geral e especialmente a Festa da Santa atraem todos os anos milhares de pessoas, com interesses e significados distintos.

Embora esteja localizada na área rural do município não impede o deslocamento de grande contingente há décadas, além disso, conforme já foi apontado, o turismo religioso incorpora o viés da valorização dos locais visitados enquanto bens culturais, visto que abordam elementos como educação, lazer, religiosidade, levando o indivíduo a práticas simbólicas, retirando-o de sua rotina, e colocando-o em busca do transcendente, renovando-o, atualizando-o em suas crenças, "voltando ao seu lugar de identidade". O mesmo ocorre no turismo religioso que envolve o SNSAB, em que os muitos visitantes atraídos todos os anos, principalmente nos dias de festa, desempenham um papel social, cultural, político e econômico, que em princípio transcenderia a esfera religiosa, mas que, ao final, acaba por provocar o aprofundamento no entrelaçamento destas esferas a ponto de justificar a compreensão do local enquanto bem cultural, seja no campo material ou imaterial, alterando significativamente o valor simbólico da paisagem. O espaço, o uso e o sagrado se entrelaçam ao profano no seu sentido mais cotidiano, cumprindo o papel de bem de serviço a ser oferecido ao indivíduo, seja ele um devoto, um peregrino, um romeiro, um morador, ou apenas um simples observador, ao mesmo tempo em que deixam marcas indeléveis na outrora paisagem bucólica da Babilônia.

Para melhor entender o significado de sagrado e profano, Durkheim afirma (1989, p. 72), "as coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam, as coisas profanas, aquelas as quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância, das primeiras". O autor coloca que "os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas. " Ele ainda acrescenta que:

> Quando certos números de coisas sagradas mantêm entre si relações de coordenação e de subordinação de maneira a formar sistema com certa unidade, que, entretanto, não entra em nenhum outro sistema do mesmo gênero, o conjunto das crenças e dos ritos correspondentes constitui religião. Vê-se por essa definição que uma religião não se fixa necessariamente em única e mesma ideia, não se reduz a princípio único que, mesmo diversificando-se conforme as circunstâncias as quais se aplica, seria, no fundo, sempre idêntico a si mesmo: trata-se de um todo formado de partes distintas e relativamente individualizadas. Cada grupo homogêneo de coisas sagradas ou mesmo cada coisa sagrada de alguma importância constitui um centro de organização à volta do que gravita um grupo de crenças e de ritos, um culto particular, e não existe religião por mais unitária que possa ser que não reconheça pluralidade de coisas sagradas. (DURKHEIM, 1989, p.73)

Durkheim (1989, p. 79) define religião como um sistema solidário de "crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas, crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral chamada igreja, todos os que a ela aderem". Neste sentido, podemos entender as festas religiosas de Aparecidinha como prática sagrada, com a necessidade de "separar o tempo em dias sagrados e profanos" para os indivíduos que as frequentam. Ou seja:

> As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. (DURKHEIM, 1989, p. 38)

Os lugares religiosos são considerados lugares de memória e afeto por parte dos devotos, romeiros, peregrinos, penitentes, moradores, turistas e observadores locais, que se aproveitam dessa formação histórica e cultural. Neste sentido, o turismo religioso contribui para a valorização das práticas culturais, onde as práticas religiosas são necessárias, visto que também tem a função de colaborar na construção de uma identidade no cerne da sociedade. Segundo Oliveira (2005, p. 339), a ideia do turismo religioso como um retorno do indivíduo para dentro de si, "e por isso mesmo marcado por um exercício de plena inversão: visitar santuários (tradicionais ou profanos) significa voltar ao lugar de identidade". E o SNSAB, então por sua vez, se utiliza de uma infraestrutura própria do turismo, que em certas ocasiões é até espetacularizado. Pensando nisso, nos perguntamos até que ponto o Santuário manteve a função principal de lugar de memória, e até que ponto ele foi transformado em decorrência das necessidades devido ao contingente que passou a receber ao longo dos anos? Acreditamos, todavia, que o Santuário, ao longo dos anos, cresceu e se transformou muito, notadamente por causa da ampliação da festa em homenagem à Santa, que tomou maior proporção. Surgem dúvidas e nos perguntamos: até que ponto a devoção e a relação com o sagrado potencializam o Santuário como turismo religioso local? O Santuário passaria a ser um serviço a ser consumido? Ou seria um segmento turístico, inserido no denominado turismo cultural? Dias (2003) nos ajuda a elucidar tais questões, dizendo que:

> O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região. (DIAS, 2003, p. 17)

O autor complementa, recorrendo ao conceito de "turismo religioso no sentido de crença, valores símbolos, patrimônios", oficializado em 1960, como "atividade que movimenta peregrinos em viagens pelos mistérios da fé, ou da devoção em algum santo. Na prática são viagens organizadas para locais sagrados, congressos e seminários ligados à evangelização, festas religiosas, que são periodicamente espetáculo e representações teatrais de cunho religioso " (DIAS, 2010, p. 34). Já para Steil (1998, p. 4), "pode-se falar em turismo religioso quando o sagrado migra como estrutura de percepção para o cotidiano, para as atividades festivas, para o consumo, para o lazer". Dessa forma, o turista não só participa dos eventos, mas também se vincula à tradição cristã, obtendo ao mesmo tempo uma experiência inesperada, espiritual e consumista.

O turismo religioso para Guerra (1989, p. 13) é o "parente nobre mais antigo e mais consistente de toda família turística", o autor classifica o turismo religioso em três categorias: "peregrinações, turismo em lugares religiosos e turismo de objetos religiosos". Para o autor, a peregrinação enquanto fluxo de pessoas que se deslocam é de grande importância e impacto social, onde "os fluxos que evoluem muito ao longo dos tempos estão intimamente ligados à prosperidade econômica dos tempos" (GUERRA, 1989, p. 9). Ademais, as manifestações religiosas têm diversas implicações sobre o território, estando o consumo associado seja de forma direta, ou indireta. Entretanto, o turismo sobre lugares religiosos é reservado a "visitas, excursões, encontros, convívio" que são

realizadas por instituições, ou agências, que têm o turismo como produto de consumo. E, por fim, o turismo de objetos religiosos, direcionado ao turismo cultural, cujo objetivo é o consumo de um produto cultural por peregrinos e/ou religiosos, portanto, esta categoria é vinculada ao calendário religioso.

3.2. As motivações do turismo religioso

Especificamente no caso do turismo religioso existente no SNSAB, traz-se a constatação pragmática de Dias e Silveira (2003, p. 27), em que "a noção de turismo religioso se desenvolve a partir da compreensão das motivações turísticas. A diferença entre essa forma de turismo em comparação a outras se encontra na motivação religiosa, que é a razão do deslocamento". Dessa forma, o turismo religioso caracteriza-se pela busca do sagrado, pela prática espiritual, em eventos religiosos. O turismo religioso se entrelaça ao turismo cultural, estimula o deslocamento de pessoas para locais de culto, como observamos no SNSAB, na figura 38, em que romeiros e peregrinos deslocam-se a pé, antes do nascer do sol, alguns em cumprimento a promessas. Richards (2009) também aborda o turismo cultural da mesma maneira, tendo como referência dados da Organização Mundial do Turismo (OMT):

> Movimento de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudos, teatralizações e excursões, viagens para festivais e outros eventos culturais, visita a localidade e monumentos, viagem para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações. (RICHARDS, 2009, p. 26)

Figura 38: Peregrinos deslocando-se a pé até o Santuário.



Fonte Ana Rita Corrêa (2017)

As pesquisas, por parte de vários autores, sobre turismo religioso têm crescido muito nas últimas décadas, especialmente no Brasil. Provavelmente este segmento ganha força, pois o Brasil é um país de grande tradição religiosa, como aponta Andrade "depois do turismo de férias e negócios o que mais está em desenvolvimento é o turismo religioso". O autor pontua ainda que:

> Além de aspectos místicos e dogmáticos as religiões assumem papel de agentes culturais pelas manifestações de valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de preservação no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades. (ANDRADE, 2002, p. 79)

O turista religioso busca o envolvimento com o sagrado onde no contato com uma tradição religiosa, tanto na realização de uma experiência mística ou na falta desta, quase sempre ocorre a incorporação da história e da cultura, expressando a ideia de "identidade nacional", segundo Camurça e Giovannini (2003, p. 239). Do mesmo modo, Martins e Leite (2006) apontam que as celebrações que envolvem o sagrado para o indivíduo religioso possibilitam, muitas vezes, o resgaste de sua identidade, sua cultura. Autores como Amaral (2000), Maluf (2001) e Montes (1998) também entendem que as celebrações de caráter devocional, religioso, católico, ou de qualquer culto público, fazem parte da cultura do brasileiro, podendo dizer que há uma "cultura das festas religiosas" no país. As festas possuem um caráter multifacetado, abrangendo várias culturas e interesses, como ocorre no SNSAB, em que não só fiéis, romeiros e peregrinos participam das celebrações. A festa é religiosa sem dúvida, mas também acaba atraindo curiosos, pessoas em busca de entretenimento que não necessariamente tenham relação com o religioso, formando, assim, um público bastante diversificado.

A Santa, desse modo, incorpora uma significação bastante abrangente e, nesse sentido, o conceito de festejo religioso se destaca especialmente na Festa da Santa, pois, segundo Itani (2003, p. 13), a festa é "uma ação de simbolização na qual é representado um evento ou uma figura revestida de importância para a coletividade festeira". A festa, portanto, se apresenta como uma comemoração, podendo apresentar vários sentidos e significados, materializados no contexto no qual ela está sendo realizada.

Dessa forma, o SNSAB como patrimônio cultural religioso representa grande relevância quando se pontua que sua identidade foi sendo firmada através dos anos, cuja devoção foi passada por gerações, transferindo e renovando o sentimento de pertencimento, atualizando-se na manutenção da igreja, nas novas rotas de peregrinação, alcançando não só fiéis em busca de fé, mas pela curiosidade e pelo turismo.

Atualmente existem várias celebrações ao longo do ano no SNSAB, mas sem dúvida a maior e mais importante delas é o dia da Santa. O Santuário conta com seis celebrações oficiais ao longo do ano: uma delas, no mês de março, é a Tratorada, com a benção dos frutos da terra e máquinas agrícolas; no mês de maio, a Cavalgada, que conta com milhares de cavaleiros que se deslocam da zona urbana do município até o Santuário; no mês de junho, a procissão de São Cristóvão, marcada pelo deslocamento da zona urbana até o Santuário para receber a benção dos veículos automotores;

em 15 de agosto, comemoração do dia do achado da imagem, a Festa da Santa; em 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil; e, encerrando o calendário de festividades, 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora Imaculada da Conceição.

Mikhail Bakhtin entende as festividades " (qualquer que seja o seu tipo) como uma forma primordial, marcante, da civilização humana" (BAKHTIN, 2002, p. 7). Para o autor, por mais que a festa tenha motivações religiosas, elas também caracterizam momentos de relações pessoais, identitárias e culturais, em que "o indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com seus semelhantes [...] O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes " (BAKHTIN, 2002, p. 9). Ikeda e Pellegrini também afirmam que:

> As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades comuns do dia a dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal. (IKEDA; PELLEGRINI, 2008, p. 208)

Acreditamos ainda que as festas realizadas no SNSAB sempre tiveram o caráter de encontro social, uma vez que as celebrações aconteciam em meio a uma convivência social, de encontros pessoais. O fato é que, desde os primórdios, a festa teve caráter identitário, dinâmico, concentrado em um objeto simbólico, a imagem da Santa. Antônio Beltrame, que por muito tempo administrou o local, viu de perto suas transformações, inclusive participando também da organização de todas as festividades.

> Devido à peregrinação estar um pouco distante da cidade, o pessoal vinha e então a maioria já trazia lanche... essas coisas... e começavam, então, a fazer uma espécie de piquenique. Isso foi crescendo, o pessoal que morava em volta para recolher esse pessoal que vinha aqui começaram a montar assim pequenas barraquinhas para atender esse pessoal vendendo os produtos da terra primeiramente pão de casa, bolo, café com leite, rapadura essas coisas que eles faziam aqui então isso foi crescendo até que agora se tornou uma festa em que vêm os camelôs como em toda festa religiosa, barraqueiros que vem pra fazer para acolher esses peregrinos... então se vende artesanato comida típica tudo isso. (BELTRAME, 2016)

As festas atuam realmente como eventos sociais, festivos e espaços de solidariedade, de convivência, de trocas de experiências, dessa forma, tais eventos permanecem permeados de significados e atraem milhares de pessoas todos os anos. Portanto, é a devoção à imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e todo este universo de elementos simbólicos entrelaçados a ela, que paulatinamente foram formadores de uma paisagem reconhecida enquanto patrimônio cultural religioso. E foi possível constatar ainda que dirigir-se até o SNSAB tornou-se prática de muitos indivíduos, independente da religião que adotam, que utilizam o local para outros fins,

como demonstra o relato do participante que diz "há muito tempo não sou católico, eu vim mais para comer". As relações dadas permeiam diversos interesses, seja qual for a motivação, só reforça o caráter dinâmico que o espaço adquiriu ao longo do tempo.

As festas são formadas por diversos elementos tangíveis da cultura local, advindos da participação ativa das pessoas e vai muito além da função religiosa. Conforme coloca Martins (2003, p. 71), "um patrimônio assim, não é algo sem importância, fruto de convenções sociais. Ele é dinâmico, serve para proporcionar um aprofundamento nos contextos sociais, históricos, econômicos". E o SNSAB tem nas relações sociais, desde o cenário das festas, e em todos os agentes envolvidos, os elementos que sustentam as memórias e a perpetuação do mito do achado da imagem e até hoje é fator de atração de fiéis, denotando uma carga simbólica que perpassa todas as celebrações. Ou seja, as festividades que acontecem no Santuário só são possíveis porque contam com a colaboração de pessoas que as organizam (igreja, comunidade, empresas, instituições), como também com a participação de pessoas que as frequentam (fiéis, devotos, romeiros, turistas e curiosos).

Desse modo, a partir dos elementos de análise dados por Durkheim, entendemos que a crença religiosa popular motiva os fiéis fisicamente e continuamente, buscando, assim, a confirmação da fé à Santa e "os ritos que lhe são solidários", afirmando e renovando sua fé periodicamente.

> De fato, qualquer que tenha realmente praticado uma religião sabe bem que é o culto que suscita aquelas impressões de alegrias, de paz, para o fiel, como que a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um sistema de signos pelo qual a fé se traduz exteriormente, é a coleção de meios pelos quais ela se cria e recria periodicamente. (DURKHEIM, 1989, p. 494)

Colaborando para essa discussão, Chauí coloca a religiosidade como uma construção de linguagem simbólica, privilegiando a memória e a imaginação, isto é, uma narrativa simbólica do "sensível, do inexplicável", que é consumida como conteúdo de fé pela coletividade, que por sua vez corresponde a sua adesão por meio de sacrifícios e rituais periódicos: "a linguagem simbólica, privilegiando a memória e a imaginação, nos diz como as coisas ou os homens poderiam ter sido ou poderão ser, voltando-se para um possível passado ou para um possível futuro," (CHAUÍ, 2000, p. 50). Dessa maneira, a religiosidade é vista como algo a ser consumido, o que a torna um produto facilmente incorporado às atividades do turismo.

A relação entre religiosidade e turismo é dada por Steil (2003) como sendo a peregrinação, "o eixo comum dessa articulação pode ser encontrado no fato de que o turismo e a peregrinação são vividos como o inverso da vida cotidiana. O turismo, assim como a peregrinação, está na ordem do lazer, do ócio" (STEIL, 2003, p. 58). O autor esclarece as diferenças entre a viagem turística e o ambiente religioso:

> Tanto num como no outro, observa-se a busca de uma sociabilidade ideal. Mas enquanto a peregrinação busca uma dissolução simbólica do indivíduo num todo holístico, o turismo opera através de um corte social eletivo que procura estabelecer ilhas de

> sociabilidade através da demarcação de fronteiras entre um 'eles" e uns "nós". De modo que, se a peregrinação visa integrar numa sociedade global, o turismo, num sentido ideal típico, visa integrar numa sociedade particular, onde se torna possível experimentar o "outro" (a alteridade), para melhor entender a si mesmo. (STEIL, 2003, p. 56)

O crescimento das atividades turístico-religiosas envolve aspectos místicos e dogmáticos, mas também, conforme já mencionado, uma série de demandas a serem atendidas para que o peregrino moderno possa vivenciar o objeto de sua fé, necessitando, no entanto, de estruturas como: hospedagem, restaurante, meio de transporte, segurança, entre outros serviços. Dessa forma, as festividades como parte do turismo religioso se mostram economicamente significativas para diversos setores comerciais, hotelaria, alimentação, serviços, segurança, o que sugere um desenvolvimento local, no sentido de crescimento e expansão de oferta desses serviços.

3.3. Festas como produtos consumidos pelo turismo religioso

Foi possível verificar que o SNSAB conta com seis festas anuais em seu calendário oficial e todas elas são de grande importância na construção da identidade religiosa local, contando com diversos agentes e agências que permitem suas realizações, que, embora sendo religiosas, se apropriam de diversas atividades da vida profana. A seguir as abordamos conforme a ordem cronológica em que são realizadas a cada ano.

3.3.1 – Tratorada

A Tratorada é a primeira festa do ano realizada no começo do mês de março, existente desde 2006. É uma procissão de tratores que reúne centenas de agricultores no Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, com seus veículos enfeitados com motivos religiosos, na qual que desfilam pela rua principal do Santuário a fim de terem seus veículos abençoados pelo padre. A Tratorada é organizada por um dos sitiantes do local, conhecido como João Tratores, juntamente com o apoio do próprio SNSAB e da Comissão Paixão Sertaneja (a mesma que organiza a Cavalgada). Segundo os organizadores, um dos objetivos da Tratorada é a união das famílias que residem em sítios e fazendas de toda a região. A programação deste dia de evento inclui a celebração de duas missas, uma pela manhã e uma à tarde, com a praça de alimentação disponível, shows de bandas sertanejas, leilão de prendas e animais. Além disso, acontece uma exposição de tratores antigos e a demonstração de desempenho de máquinas e tratores novos, como se pode verificar na figura 39. A verba arrecada não é das maiores dentre as festividades do Santuário, uma vez que a Tratorada reúne, em sua grande maioria, poucos agricultores locais e da região.

Figura 39: Tratorada realizada no SNSAB no ano de 2018, com a tradicional procissão de tratores, benção dos tratores, leilão de animais e exposição de máquinas e tratores novos.



Fonte: Imagem extraída do jornal eletrônico São Carlos Agora (2018) disponível em: https://www.saocarlosagora.com.br/cidade/tratorada-supera-expectativa-e-movimenta-a-aparecidinha/123891/

3.3.2 – Cavalgada

A Cavalgada é um evento bastante significativo, talvez seja o mais importante depois do dia da Santa, reunindo milhares de cavaleiros e amazonas. Segundo Medeiros (2020), a cavalgada religiosa no Brasil "apresenta-se como uma dessas manifestações culturais que atribui sentidos e contribuem na formação de identidade de um povo". Ainda segundo a autora, as maiores tradições das cavalgadas "são aquelas que representam o homem do campo, os agricultores, pecuaristas e os sertanejos", dando como exemplo a Cavalgada de Nossa Senhora da Guia, hoje constituída como Patrimônio Cultural de natureza imaterial do Município de Acari (RN). Nesse contexto a autora aponta que:

> A cavalgada é um evento tradicional de vários estados e cidades do Brasil, que consiste na reunião ou comitiva de vários cavaleiros e amazonas montados em seus cavalos, partindo de determinado ponto em direção a outro, em forma de desfile pelas ruas sendo acompanhadas por moradores da cidade e de outras regiões que muitas vezes vêm

> de longe para prestigiar a beleza do evento. Alguns desses eventos são tão grandes que agrupam um número muito grande de pessoas e inclusive são apoiados pelos políticos locais, por possuírem uma enorme força de representação. (MEDEIROS, 2020, p.14)

A cavalgada no Brasil é um evento que transmite origens e características históricas, como descreve Ana Paula Junqueira da Silva, ao analisar a Cavalgada de Jacuba no município de Iporá em GO:

> As cavalgadas são conhecidas no Brasil desde o tempo dos tropeiros, durante o processo de ocupação do território no século XVII e XVIII. Essa atividade de características rurais permaneceu nos estados do país, sobretudo em áreas de pecuária extensiva e onde o uso do cavalo faz parte do cotidiano, com finalidades religiosas e de cumprimento de promessas. (SILVA, 2012, p. 3)

Reforçando o que foi dito, a fala de Lauriberto Bertocco de Oliveira (2021) expõe que os aspectos rurais ainda são muito presentes e "o intuito é vir a cavalo ou ir de charrete ou animal de tração, até no caso aí teve bois, búfalo, muitos casos a família foram com búfalos na Cavalgada, então o intuito é estritamente rural e mostrar os animais e até unir o útil ao agradável para poder colaborar com o local. "

A Cavalgada no SNSAB acontece no mês de abril, há 26 anos, e conta com milhares de cavaleiros que se deslocam da zona urbana do município até o Santuário. Em depoimento, Flor da Montanha (2018), uma das fundadoras da Comitiva Paixão Sertaneja, também responsável pela organização da festa, narrou que surgiu no mês de abril de 1995 a iniciativa de alguns fazendeiros e sitiantes de rememorar o percurso da romaria de Aparecidinha a cavalo e de charrete. Era um dia não comemorativo (não se recordam a data), ocasião em que aproveitaram a oportunidade para levar um pequeno rebanho de cabras para "aquelas bandas". Rickoff Aidar (2021), também membro da Comitiva Paixão Sertaneja, acrescenta que

> A Cavalgada foi criada e idealizada pelo padre Tombolato, pela Flor da Montanha, família Bertocco, enfim, muitas famílias que fazem parte daqui da região do Santuário, que na ocasião o padre Tombolato, agora recém falecido, era o pároco da Vila Izabel. Então, ele organizou junto a várias famílias esse evento no começo da década de noventa. AIDAR, Rickoff. Entrevista concedida a autora da dissertação na igreja Nossa Senhora Aparecida da Babilônia na área rural. São Carlos, 2021.

Assim também conta Lauriberto Bertocco de Oliveira (2021), sobrinho de um dos fundadores da Cavalgada, que acompanhou desde pequeno, junto ao tio e outros familiares, a organização e realização de suas diversas edições. Hoje ele também é um dos membros da Comissão Paixão Sertaneja e um dos organizadores do evento.

> Bom, a iniciativa partiu do meu tio, o Bertocco, o Luís Carlos Carrara, que veio a falecer o ano passado, a Flor da Montanha, o Matheus Duarte, o Fernandão de Água Vermelha, o Toninho Beltrame e o Padre Tombolato. BERTOCCO, Lauribeto. Entrevista concedida a autora da dissertação na casa da autora no bairro Portal do Sol. São Carlos, 2021.

Iniciada de forma tímida, a Cavalgada no SNSAB, em seu início, contava com apenas 37 cavaleiros, aumentando o número de participantes ano a ano, como nos relatou Lauriberto. No ano seguinte da primeira cavalgada, ou seja, em 1996, o Padre Tombolato acatou a ideia e abençoou a tropa ao chegar ao Santuário, nascendo, assim, um novo evento associado à Aparecidinha da Babilônia. Desde então, a "Cavalgada da Babilônia" passou a ser também um dos eventos do calendário do município, tendo como ponto de saída o final da Avenida Getúlio Vargas, indo pela rota do Itaipu (ou da Fazenda Invernada) para chegar até o Santuário. Os organizadores da comitiva contaram que durante alguns anos a Cavalgada não aconteceu, mas há cerca de 15 anos tem acontecido regularmente e recebido cada vez mais participantes e, portanto, contando com maior apoio dos órgãos públicos e do próprio Santuário.

> Varia bastante de ano para não, esse último ano 2019 teve quase 2.000 cavaleiros aproximadamente. Começou com 37 cavaleiros, o primeiro ano foi de 37 debaixo de muita chuva, tropa até solta, sem policiamento, sem nada, e agora devido ter aumentado o número de gente, de participante, tem que ter uma estrutura bem mais pesada, com policiamento, nós mesmo tivemos que comprar rádio para comunicar uns com os outros, ambulância, a própria defesa animal está ajudando, caminhão de apoio para resgatar os animais e tudo mais. BERTOCCO, Lauribeto. Entrevista concedida a autora da dissertação na casa da autora no bairro Portal do Sol. São Carlos, 2021.

A figura 40 expõe uma fotografia da comissão da 22ª Cavalgada da Babilônia, realizada em 22 de abril de 2018, a figura 41 mostra a chegada de milhares de cavaleiros e amazonas de São Carlos e de toda a região ao SNSAB. O evento possuía cavalos das mais variadas raças, além de bois e touros de sela, mulas, burros, carroças e charretes. A Cavalgada foi iniciada em São Carlos, no Ginásio Municipal Milton Olaio Filho, com rumo ao Santuário, um percurso que durou pouco mais de duas horas.

Figura 40: Membros da atual Comissão Paixão Sertaneja.



Fonte: Fotografia de Débora de Almeida Nogueira (22 de abril de 2018)

Figura 41: Cavalgada da Babilônia reuniu milhares de cavaleiros e amazonas.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

Esse percurso é conhecido como caminho do Itaipu, ou da Fazenda Invernada, o mais utilizado atualmente, tendo início na rotatória da Av. Getúlio Vargas, seguindo pelo caminho de terra da antiga estrada de Descalvado, cruzando a estrada na altura da Igrejinha de Santo Antônio do Monte Alto e seguindo pela estrada de terra da Fazenda Invernada, passando pelo Loteamento de chácaras do Itaipu. Nesse ponto, cruza novamente a pista, onde, em seguida, desce para o Santuário, como pode ser observado na figura 42. Todo o caminho é feito em estrada de terra, parcialmente sombreado e repleto de belas paisagens, como expõe a figura 43, passando por diversos sítios, chácaras e porteiras de fazendas. O trajeto é normalmente muito utilizado pela população da região e, aos finais de semana, por ciclistas e esportistas.

Figura 42: Trajeto realizado pela Cavalgada no ano de 2019.



Fonte: Google Maps (2019). Imagem disponível em: https://www.google.com.br/maps/place/Santu%C3%A1rio+Nossa+Senhora+Aparecida+da+Babil%C3%B4nia.Acesso em 6 março de 2019.

Figura 43: Cavaleiros durante a Cavalgada no ano de 2019 e paisagem do trajeto.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018).

Ao chegar ao Santuário, acontece a benção dos cavaleiros e dos animais, seguida do tradicional almoço por adesão, além de sorteio de brindes e shows com bandas de música sertaneja. A primeira comitiva responsável por organizar a Cavalgada contava com aproximadamente 10 pessoas: Mateus H. Duarte Souza, Antônio Beltrame, Fernando Maximino dos Santos, Celso Coco, Antonio Moraes (Tonhão), Elpídio Rossi, Flor da Montanha, Bertocco, Jovahir Margarido, Luís Carlos Carrara. Atualmente, a comitiva é liderada por Lauriberto Bertocco e Rykoff Aidar, que acompanham a Cavalgada desde 1996.

Observamos que a Cavalgada também contribui para a preservação e manutenção da cultura local, tendo em vista que é realizada há 26 anos, em seus mais de 10 quilômetros de percurso e com significativo contingente de participantes. Ou seja, já faz parte da tradição local, como podemos perceber nas palavras de Lauriberto Bertocco (2021): "Eu espero somente que nunca pare essa tradição porque vai passando isso de geração para geração né". E, ao passar das gerações, é possível perceber o grande número de jovens e crianças que participam do evento, confirmando-se como forma de expressão de uma cultura local, e ganhando cada vez mais visibilidade, na medida em que atrai cada vez mais pessoas. Atualmente é tão significativa quanto a Festa da Santa.

Um dos organizadores da Cavalgada, Rycoff Aidar (2021) diz que: "Bom, a colaboração primeiro ela se tornou uma tradição, se tornou lei estadual na data certa todo dia 21 de abril todo ano, e ela dá uma ajuda de custo à creche Divina Providência e à própria paróquia". Portanto, as tradições culturais e os fenômenos, mantidos por determinados grupos, são de fundamental importância, pois fazem parte da construção e da formação de uma identidade, uma vez que se sentem parte da história a recriar e ressignificar práticas feitas por seus antepassados.

São práticas bastante significativas, pois estão imbuídas de uma tradição a ser preservada, que foi inventada em um determinado tempo, e que passou a fazer parte da cultura local. Assim, confirma-se que a tradição "consiste em um conjunto de práticas em que suas especificidades se repetem e estão ligadas por um passado histórico" (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

> Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p. 8)

Como apontam os autores, as tradições permeiam o conjunto de práticas, ritos, símbolos, costumes e valores que, conforme verificamos, estão presentes na Cavalgada do SNSAB. Desde sua invenção até hoje se mantém uma continuidade na tradição local, como observado na fala de um dos organizadores "um ano a gente realiza a Cavalgada e já está pensando no próximo, geralmente a gente realiza uma Cavalgada no começo do ano e acaba ela e no dia seguinte estamos pensando na próxima Cavalgada da Babilônia" Bertocco (2021). Além disso, a participação cada vez mais ativa de jovens, mulheres e crianças no evento é um forte empenho para que essa tradição permaneça para as futuras gerações. De acordo com a fala de Bertocco, "a gente tenta manter a tradição para cada vez aumentar mais, abranger mais cidades de fora e continuar essa tradição, levando no peito essa tradição".

Assim como o dia da Santa, a Cavalgada é envolvida por grande festa, com a presença marcante de comerciantes atraídos pelo grande fluxo de pessoas e de possibilidade de instalar várias barracas, de diferentes gêneros, especialmente no setor de alimentação, bebidas, diversão e entretenimento. Após a chegada ao SNSAB, os cavaleiros e amazonas fazem suas preces e participam da missa no interior da igreja. Posteriormente, ocupam outros espaços do Santuário, prosseguindo com os festejos e com direito a shows sertanejos. O evento é muito bem planejado e organizado e o comprometimento das pessoas se dá em várias esferas, pela tradição, identificação, fé, devoção e até mesmo pela curiosidade.

Sobre a organização do evento, Rickoff Aidar, membro da Comissão Paixão Sertaneja e organizador da Cavalgada, detalhou que:

> A Cavalgada de 2019 nós conseguimos agrupar cerca de 1600 cavaleiros e um total de quatro mil pessoas envolvidas num contexto geral... o organizador tem uma função, dentro desse grupo nosso, nós temos várias funções então, tem integrante que cuida da logística de embarque e desembarque de animais, ele administra orienta e fica observando a questão de embarque e desembarque de animais, tem policiais militares que fazem parte da nossa comissão, que é questão de segurança coibição de uso de drogas e álcool no trajeto, questão de ordem e de respeito, essas questões são mais diferenciadas, mas quando chegamos aqui, como é um amplo espaço e tem atração sertaneja, almoço caipira, praça de alimentação, vira uma festa popular, onde ninguém é mais que ninguém, ninguém tem uma função diferente de ninguém, tem cantor, apresentador, missa pro pessoal da comunidade, padres diretores da paroquia que

> participam, mas é uma festa cem por cento familiar desde que a gente pegou essa missão nunca teve uma briga, ou caso de violência, de droga e de nada que desabone, então é um evento em paz e familiar. (AIDAR, 2021).

Pela fala dos entrevistados, é possível mensurar a importância da Cavalgada para a comunidade e para aqueles que participam dela. Para essas pessoas o evento é a constituição de uma identidade, tradição passada a gerações, enraizada historicamente na memória local, e mantida até os dias atuais, tornando-se parte da cultura dessa região.

3.3.3 - Procissão de São Cristóvão

A procissão de São Cristóvão é uma das mais antigas do SNSAB e, sua tradição está estabelecida, bem como a grande adesão de fiéis e devotos. A procissão e a festa de São Cristovão, santo protetor dos motoristas e viajantes, se tornaram um evento significativo na região que ocorre no mês de julho desde 1961.

> Tudo começou em 1961 nasceu a procissão de São Cristóvão, quando caminhoneiros da cidade de São Carlos, devotos e paroquianos da paróquia de Santa Isabel a qual pertence o Santuário, junto com o Cônego Antônio Tombolato pároco na época, decidiram realizar uma procissão de São Carlos ao Santuário com a benção dos caminhoneiros e seus caminhões. Santuário Aparecida da Babilônia, pároquiadesantaisabelscblogspot.com, 2014. Disponível em http://paroquiasantaisabelsc.blogspot.com/2014/05/santuario-diocesano-de-nossa-s-da.html. Acesso em: 23 de out. 2021

O Ginásio Milton Olaio Filho tem sido o ponto de partida da procissão, onde os motoristas se concentram e seguem em direção ao Santuário pela estrada de rodagem SP-215. Ao chegar ao Santuário, os motoristas e seus veículos recebem as bênçãos do padre, como demonstra a figura 45.

> A manhã de domingo, 28, foi marcada pela Festa e carreata de São Cristóvão em São Carlos. A comemoração, que já é tradicional no município, levou milhares de fiéis e devotos – em especial motoristas – ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, que fica na Rodovia Dr. Paulo Lauro (SP-215), que liga São Carlos a Descalvado. Foram tantos motoristas que participaram da carreata que todo o trecho da SP-215 ficou tomado pelos fiéis. Na chegada a Babilônia, três padres benziam tanto os motoristas quantos os veículos. Caminhoneiros de diversas cidades da região compareceram no local. Festa de São Cristóvão leva milhares a Babilônia. Jornalpp.com.br, 2013 Disponível em Jornal Primeira Página: https://www.jornalpp.com.br/noticias/cidades/festa-de-sao-cristovao-leva-. Acesso em: 12 de nov. 2021

Neste dia ainda há celebração de missas, barracas da igreja que vendem almoço aos participantes, bem como outras atividades de interação e que movimentam milhares de pessoas ao longo do dia, conforme expõe a figura 44, um cartaz de divulgação da festa de 2018. Em 2015 foi realizada a obra de duplicação da estrada SP-215 com recursos do Ministério do Turismo, especialmente com o objetivo de tornar mais seguro o trecho compreendido entre a cidade de São

Carlos e o Santuário. Constatamos que, nos últimos anos, a procissão vem ganhando cada vez mais apoio da municipalidade, que melhora o suporte necessário para a segurança dos participantes.

> É com enorme alegria que a Prefeitura contribui para o sucesso dessa festa oferecendo todo o apoio logístico. Verificamos que a duplicação da pista de acesso à Babilônia feita com recursos do Ministério do Turismo, tornou o acesso dos motoristas mais seguro, comportando o volume de carros e caminhões que passou pela festa. A Prefeitura de São Carlos deu todo o apoio à infraestrutura da festa colocando à disposição a equipe do Departamento de Fomento ao Turismo, Guarda Municipal, Defesa Civil e agentes de trânsito (amarelinhos). Missas e shows aconteceram durante todo o dia na Babilônia. Festa de São Cristóvão atrai quatro mil pessoas à Babilônia. Sãocarlos.sp.gov.br, 2009. Disponível em: http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2009/155214-sao-cristovao.html . Acesso em 05 de março de 2021

Figura 44: Cartaz da Festa de São Cristóvão.



Fonte: Publicação do Jornal eletrônico São Carlos Agora na Web em 20 de julho de 2016. Disponível em: https://www.saocarlosagora.com.br/cidade/procissao-marca-a-56a-festa-dedicada-a-sao-cristovao/imprimir/76378/. Acesso em: 10 de mai. 2021

Figura 45: Benção dos veículos na Procissão de São Cristóvão.



Fonte: Publicação da página da Web da Prefeitura Municipal de São Carlos em 27 de setembro de 2009. Disponível em: http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2009/155214-sao-cristovao.html. Acesso em: 20 de março de 2021

3.3.4 – Festa da Santa

A festa de maior proporção do calendário anual do SNSAB é, sem dúvida, o dia da Santa, Nossa Senhora Aparecida da Babilônia. É neste dia que o local recebe peregrinos de diversas partes do interior do estado, chegando a atingir um público de mais de 40 mil pessoas. Conforme já foi apontado, 15 de agosto é lembrado como o dia em que a região da Babilônia sofreu um incêndio, restando apenas uma árvore intacta, na qual a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi encontrada. Portanto, é o dia de celebrar, de rememorar a Santa, dia de muita devoção e fé e, também, de encontrar amigos, passear, enfim, dia de um grande evento.

As peregrinações iniciam-se ainda na madrugada e até o amanhecer, pequenos grupos se deslocam a pé para o Santuário, saindo de vários pontos da área urbana de São Carlos, como observado nas figuras 46 e 47. O ritual católico começa pelo deslocamento, ainda durante a madrugada, de devotos, romeiros, promesseiros, penitentes, observantes e turistas em direção ao SNSAB. A primeira missa é celebrada logo às seis da manhã, e durante todo o dia, são realizadas diversas missas, nas quais é intenso o fluxo de devotos, uma vez que é no interior da igreja que se encontra a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Figura 46: Peregrinações iniciadas ainda na madrugada.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2017).

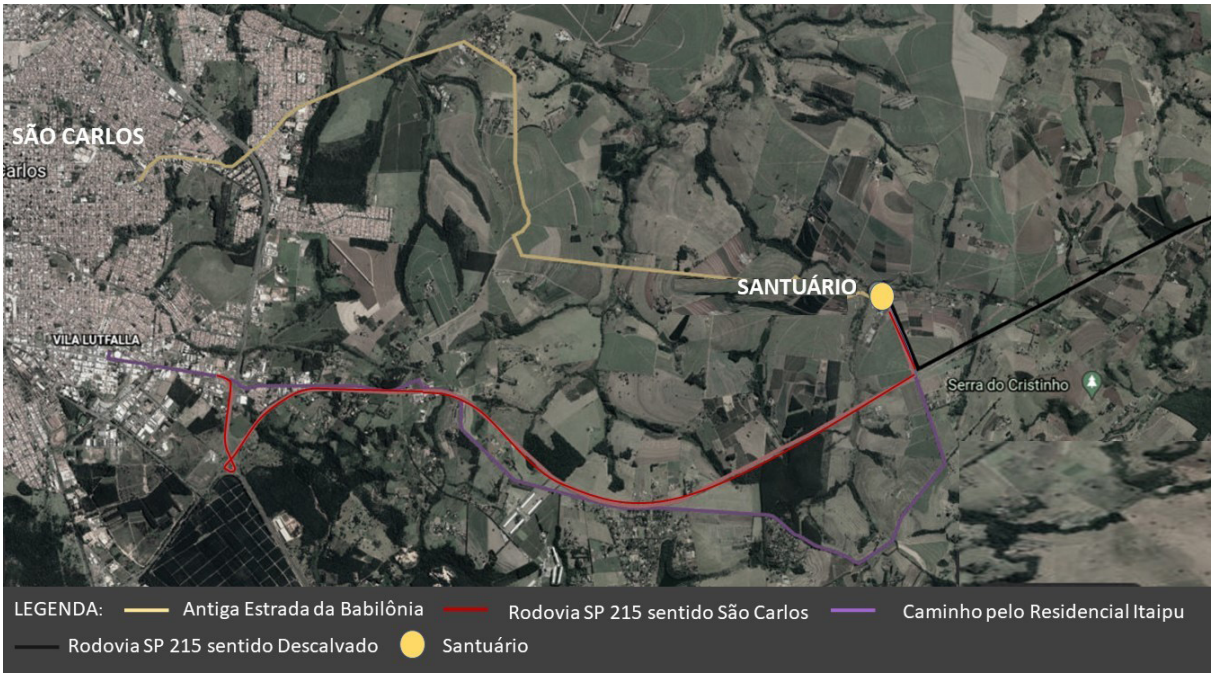
Figura 47: Romeiros e Peregrinos na estrada SP-215 a caminho do Santuário.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2017).

Mas, é preciso esclarecer que este fluxo de pessoas, vindo de diversos pontos da região, irá persistir durante todo o dia, ocasião em que o Santuário se transforma em um "ponto fixo, um centro para onde convergem indivíduos atraídos para o rito de devoção" (ELIADE, 2008, p. 26). Há também uma procissão organizada pela paróquia de Vila Izabel, que tem como ponto de partida a própria igreja da vila com destino ao Santuário, seguindo pela rodovia SP-215, inclusive grupos de ciclistas também costumam fazer este percurso. Trata-se de um dia atípico, com tráfego muito intenso. Muitas pessoas ainda preferem a antiga estrada de terra que liga São Carlos até o local, uma rota que atravessa diversas fazendas e desfruta de privilegiadas e belíssimas paisagens. Porém, já há alguns anos esta rota não tem podido ser realizada, pelo fato de atravessar propriedades privadas. Alguns proprietários decidiram impedir a passagem por suas propriedades, obrigando o peregrino a utilizar o caminho da rodovia, ou o caminho que passa pelo Residencial Itaipu. As diferentes rotas que levam ao SNSAB foram identificadas na figura 48.

Figura 48: Caminhos para chegar ao Santuário.



Fonte: Google Earth (agosto de 2021) Imagem disponível em: https://www.google.com.br/maps/place/Santu%C3%A1rio+Nossa+Senhora+Aparecida+da+Babil%C3%B4nia.Acesso em 8 de abril de 2021.

Os organizadores do evento iniciam os preparativos meses antes e contam com uma grande infraestrutura de apoio em todas as etapas, inclusive durante a realização do evento. A comunidade que frequenta a igreja participa ativamente da organização, arrecadando prendas, que serão vendidas, e alimentos que serão preparados para o dia da festa. Desde muito jovem, Cristina Soligon participa ativamente da organização da festa:

> Tem uma equipe, tem a reunião, tem uma equipe muito boa que cada barraca tem um responsável, além disso antes tem assim, antes da festa do dia quinze de agosto tem arrecadação de alimentos, cada paróquia pede às famílias, farinha, óleo, o que puder dar

com carinho, aí se juntam para fazer as coisas, arroz, as coisas da barraca. SOLIGON, Cristina. Entrevista concedida a autora da dissertação na casa da entrevistada no bairro Vila Izabel. São Carlos 2019.

Os espaços para venda de produtos e comidas são contratados com muita antecedência. A empresa de transporte público do município disponibiliza sua frota com ônibus a cada hora, saindo da Praça da Estação, no centro da cidade, diretamente para o Santuário, como mostra a figura 49. A Polícia Rodoviária fornece apoio ao longo de todo o trajeto da rodovia SP-215, enquanto que a Polícia Militar instala uma base no próprio Santuário para dar segurança e assistência a todos os participantes, além de uma unidade de pronto atendimento à saúde também instalada no local pela Prefeitura Municipal de São Carlos (ver figura 50). A comunidade católica da região, especialmente os sitiantes em volta do Santuário, se une e trabalha voluntariamente nas barracas que pertencem à igreja. Missas são realizadas ao longo de todo o dia e é registrado um grande volume de fiéis na Sala das Velas e na Sala dos Milagres. Muitas pessoas esperam por esse dia para pagar suas promessas, agradecer e homenagear a Santa. A festa conta ainda com shows, bingos e entretenimento o dia todo.

Figura 49: Frota de ônibus disponibilizada para atender participantes da festa.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2017).

Figura 50: Base da Polícia Militar e unidade de pronto atendimento no Santuário.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2017).

Do alto do morro é possível visualizar toda a dimensão da festa do dia da Santa, em que a igreja ainda é vista em destaque, apesar da grande quantidade de automóveis estacionados, como mostra a figura 51. Neste dia, a paisagem se transforma, e o silêncio habitual dá lugar a músicas, descontração, diversão, tudo em meio à fé e à devoção dedicadas à Santa.

Figura 51: Vista do alto do morro onde será construída a capela da Via Crucis.



Fonte: Ana Rita Corrêa (2018)

3.3.5 – Festa de Nossa Senhora Aparecida – Padroeira do Brasil

O dia 12 de outubro é celebrado em todo o país como o dia da Padroeira do Brasil, feriado nacional, de acordo com a Lei 6.802/80. Nesse dia, atingindo um público de aproximadamente cinco mil pessoas, o SNSAB dedica suas festividades em louvor a Nossa Senhora Aparecida, dentre elas a realização de procissão e a celebração de diversas missas, como consta nas publicações da Diocese de São Carlos em sua página na internet, noticiando a festa ocorrida em 2017:

> Logo às 6h foi celebrada a primeira missa. Depois houve a oração de terço conduzida pelos grupos do terço dos homens e das mulheres. Às 8h30 foi celebrada a segunda missa. Nessas duas missas pela manhã a participação dos fiéis foi em grande número. Na parte da tarde, às 15h30, ocorreu a procissão saindo da rotatória que dá acesso ao Santuário. Às 16h foi celebrada a última missa do dia também contando com a participação de um grande número de fiéis. Publicação da Diocese de São Carlos na página da Web em 13 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.diocesesaocarlos.org.br/comemoracoes-do-dia-12-de-outubro-no-santuario-diocesano-de-nossa-senhora-aparecida-da-babilonia/

Muitos fiéis fazem suas peregrinações ao Santuário também neste dia, como indica a Diocese: "mesmo sob sol forte muitos fizeram sua caminhada, da cidade até ao Santuário, para fazer suas orações diante da imagem". Diocese de São Carlos, (2017).

As festividades incluem uma praça de alimentação servindo almoço preparado pela equipe de eventos do Santuário e da Paróquia de Santa Izabel, e um show sertanejo para os participantes da festa, de acordo com o cartaz da figura 52, divulgando a festa em publicação da Diocese de São Carlos em 29 de setembro de 2017.

Figura 52: Cartaz de divulgação da festa de Nossa Senhora Aparecida no SNSAB.



Fonte: Programação religiosa e festiva do SNSAB em comemoração ao dia de Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil em 12 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.diocesesaocarlos.org.br/veja-a-programacao-de-algumas-paroquias-da-diocese-dedicada-a-nossa-senhora-aparecida/.

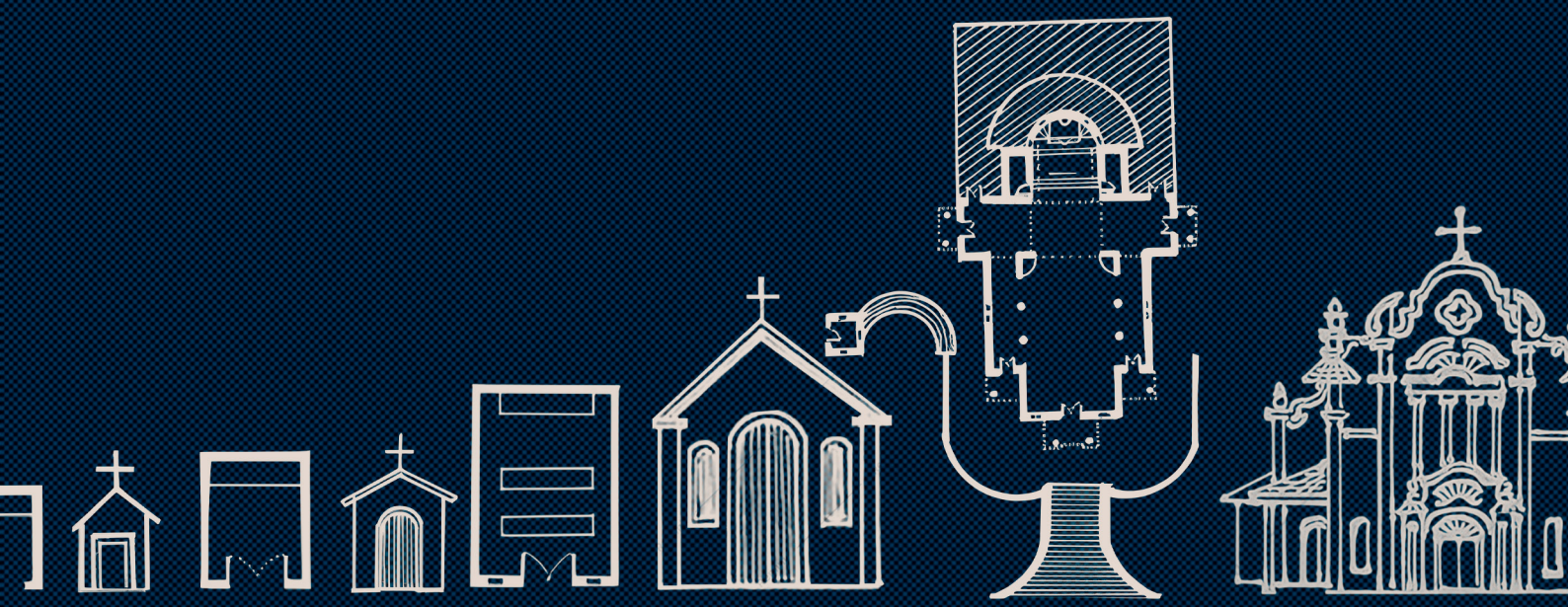
3.3.6 – Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição

O dia de Nossa Senhora Imaculada Conceição é celebrado no dia 8 de dezembro, principalmente pela comunidade Cristã Católica. O dogma da Imaculada Conceição, considerado como um dos mais importantes do cristianismo, afirma que a concepção da Virgem Maria foi preservada da mácula do pecado original. Segundo o calendário religioso brasileiro: "a festa da Imaculada Conceição ganhou caráter obrigatório no século XVIII, através da decisão do Papa Clemente XI. Porém, só recebeu o título de um dogma católico em 8 de dezembro 1854, pelo Papa Pio IX, sendo este o motivo da escolha do dia 8 de dezembro para celebrar a festa litúrgica" (CIPOLLINI, 2017 p. 05).

No SNSAB, notamos que as celebrações desta festa são em menor proporção que a Festa da Santa no dia 15 de agosto. A população que frequenta o local neste dia é formada por pequenos grupos que se deslocam a pé até o Santuário. São realizadas missas ao longo do dia e, em termos de infraestrutura de apoio, são instaladas apenas as barracas de alimentação. Esta festa de 8 de dezembro conta com um público menor e de caráter mais voltado às atividades exclusivamente religiosas.

É possível verificar, assim, que o SNSAB passou, ao longo dos anos, a incorporar diferentes significados, práticas simbólicas e vivências socioculturais, tendo bens materiais e imateriais como os pilares que sustentam a devoção à Santa. A igreja, a sala dos milagres, ou dos ex-votos, a sala das velas, o morro da *Via Crucis*, e o próprio túmulo do Tombolato, todos são intervenções materiais que geram memórias vinculadas ao mito do achado da imagem. As festas e as celebrações, por sua vez, confirmam e reforçam a variedade de elementos que estão contribuindo para a constituição de valores culturais, históricos, religiosos e turísticos do SNSAB.

O turismo cultural, mais especificamente o turismo religioso, tende a valorizar elementos dessa cultura local, que existem há muito tempo e se transformam em "produtos de consumo", seja comercial, cultural ou simbólico. Embora o SNSAB, enquanto bem cultural, de fé e de culto, não seja oficialmente chancelado pelo órgão de defesa do patrimônio cultural do município de São Carlos, o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Artístico e Ambiental (COMDEPHAASC), não impede que cada vez mais tenha o reconhecimento por parte da sociedade local, além de turistas e visitantes atraídos para o local, especialmente nos dias de festas e principalmente no dia da Santa, o dia 15 de agosto. A festa em homenagem à Santa permite que seja ultrapassado o limite de um evento religioso, se tornando também um "produto cultural" a ser consumido no âmbito de uma atividade turística religiosa, pelos que participam efetivamente da festa e, por consequência, promovem a consolidação do SNSAB como significativo expoente do turismo religioso sãocarlense.



Considerações Finais

Como vimos, é a partir do achado da imagem que se iniciam as primeiras peregrinações, rezas e devoções, seguindo em ritmo crescente e se firmando com um número significativo de fiéis ainda no final do século XIX. Posteriormente, em meados do século XX, surgem as festas, marcando de maneira indelével a memória coletiva local e da região. Uma história passada por meio de diversas gerações, que se fortalece desde seu início principalmente por meio da oralidade, naturalmente nos faz lembrar o achado da imagem de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba em meados de 1717[19]. Embora a imagem do Santuário Nacional tenha sido encontrada na água, alguns fatos não se distanciam muito, mesmo se estendermos nossas ponderações aos muitos casos de achados de imagem no Brasil e no mundo.

É neste sentido que podemos afirmar que os rituais que acontecem no SNSAB são parte intrínseca da manifestação de cultura popular local, materializados todos os anos por meio de diversas atividades, principalmente no dia da festa em homenagem à Santa, conforme pudemos constatar ao longo desta dissertação, em que o conhecimento do passado, vivenciado pelos mais velhos, é transmitido, em particular através da oralidade, para os mais novos e tem sido praticado até hoje. Ao compartilharem uma prática cultural e religiosa, assim, anualmente, em especial no dia da festa dedicada à Santa as mais de 40 mil pessoas que afluem ao local, dentre religiosos, devotos, peregrinos e curiosos, legitimam a vocação do SNSAB como patrimônio cultural.

Observamos que, independente da veracidade do mito, eles permanecem, se fortalecem ao longo dos anos, e alimentam o imaginário coletivo de achados de imagem e de seu poder milagroso. Além disso, mitos e lendas, nestes casos, contribuem para a tradição e a cultura de um povo, em que a religiosidade católica popular se conecta ao mistério do santo cultuado e o transcendente extrapola o sagrado, fenômeno que pode ser observado notadamente nos dias de comemorações

19 Ver mais em: BRUSTOLONI, Júlio J. História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Imagem, o Santuário e as Romarias. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

no SNSAB, porém seu significado extrapola o religioso, recebendo pessoas que nem são católicas, reforçando o turismo e sendo reconhecido como patrimônio cultural, conforme constatamos no processo de Inventariamento da Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Babilônia.

A imagem de Nossa Senhora, dessa forma, torna-se elemento primordial onde sua representação atua como elo de unidade devocional para os fiéis. E há de se considerar ainda a simbologia religiosa que a envolve, assegurando sua identidade tanto material, representada pela imagem de Nossa Senhora admirada e venerada pelos fiéis, como também imaterial, por meios intangíveis, são as chamadas práticas religiosas, como festas, procissões, peregrinações, celebrações, promessas. A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida tornou-se, portanto, a representação material da imaterialidade que envolve a devoção católica de Aparecidinha. Vamos mais além, ariscando dizer que sua popularidade é maior que a do Santo Padroeiro do município de São Carlos, São Carlos Borromeu. Verificamos que é muito comum nos veículos de comunicação, e até mesmo junto à população local, as referências a Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como *Santa Padroeira*, nos levando a acreditar que sua relevância aparenta maior reconhecimento entre devotos, fiéis e simpatizantes do que a do próprio padroeiro oficial.

Podemos afirmar dessa maneira que o mito já nasceu com essa vocação, porém sua consolidação se deu ao longo do tempo e o Padre Antônio Tombolato foi um dos agentes que mais se empenhou nesse sentido, mostrando ser uma pessoa de muita visão. Fez de um lugar afastado, que assumiu como "forma de castigo", um local importante e reconhecido centro religioso. Seu papel na consolidação do Santuário não acaba com sua morte, o túmulo sob a escadaria principal da igreja poderá tornar-se naturalmente um elemento imaterial de fé e devoção que junto à imagem da Santa será motivo de peregrinação, promessas e milagres.

A manutenção do mito segue sendo renovada, inclusive com novas práticas, atualizando e reafirmando elementos simbólicos que contribuem para sua preservação e fortalecimento, assegurando sua continuidade e seu reconhecimento pela população. Neste sentido, os totens inseridos no Caminho da Fé, principal rota do turismo religioso Nacional, (no qual, conforme vimos, São Carlos é parte da rota do caminho oficial) colocados entre a Catedral de São Carlos e o Santuário, é mais um elemento do patrimônio cultural, onde fé e devoção atuam na conservação e preservação do mito, tendo nas novas práticas religiosas e culturais os elementos que alimentam a religiosidade local, e fomentam o turismo religioso.

Outro aspecto a ser considerado se refere ao livro de registro dos ex-votos na Sala dos Milagres, que guarda em suas páginas depoimentos de milhares de pessoas que estão ali para pedir uma graça, ou agradecer por tê-la alcançado. Verificamos que os devotos não fazem seus pedidos exclusivamente a Nossa Senhora Aparecida da Babilônia, por mais que ela seja a Santa que motivou toda a constituição do santuário, outros Santos de devoção dividem as intenções dos devotos. Notamos muitas menções a diferentes santos de devoção, essa documentação primária ainda sugere uma vasta investigação e análise aprofundada, podendo gerar diferentes contribuições para

a compreensão de outras facetas deste fenômeno local.

Lembramos ainda que a Cavalgada teve seu início de forma espontânea, e assim como o mito do achado da imagem, vem sendo transmitido por gerações, mas a consolidação para que perpetuasse a Cavalgada se deu pelo envolvimento das famílias, num processo que se consolidou ao longo do tempo com o sentimento de pertencimento daqueles que ali estavam. Essa iniciativa resultou na Comissão Paixão Sertaneja, que atualmente é composta por diversas pessoas, dentre elas, há aquelas que permanecem na Comissão por gerações, como é o caso dos jovens Rycoff Aidar e Lauriberto Bertoco, em que de suas famílias partiram as primeiras inciativas. A Comissão Paixão Sertaneja atualmente realiza parcerias com empresas de expressão nacional, auxiliando em eventos sociais e filantrópicos. A creche Divina Providencia, criada por Padre Antônio Tombolato pertencente à Paroquia de Vila Izabel, é uma das beneficiadas pela atuação da Comissão, aliás, foi onde a comissão auxiliou um evento pela primeira vez com a Cavalgada Solidária em 2014.

Recentemente a Cavalgada Solidária ganhou projeção nacional e assegurou a visibilidade de suas ações sociais. Quando finalizávamos as revisões dessa dissertação, tivemos a oportunidade de constatar que no dia 16 de fevereiro de 2022, a Comissão Paixão Sertaneja foi homenageada durante uma sessão solene no Teatro Municipal de São Carlos em virtude do seu trabalho voluntário e caritativo em diversos segmentos no município. O evento contou com a presença do atual reitor do Santuário da Babilônia, Padre Everton Luchesi, que sobre a homenagem publicou nas redes sociais do Santuário que: "externalizo meu profundo agradecimento e manifestação de carinho por tamanho zelo nesse ponto turístico e religioso significativo da cidade, com os eventos que automaticamente retratam a preocupação com os fiéis devotos além de proporcionar mais dignidade as crianças da creche Divina Providência".

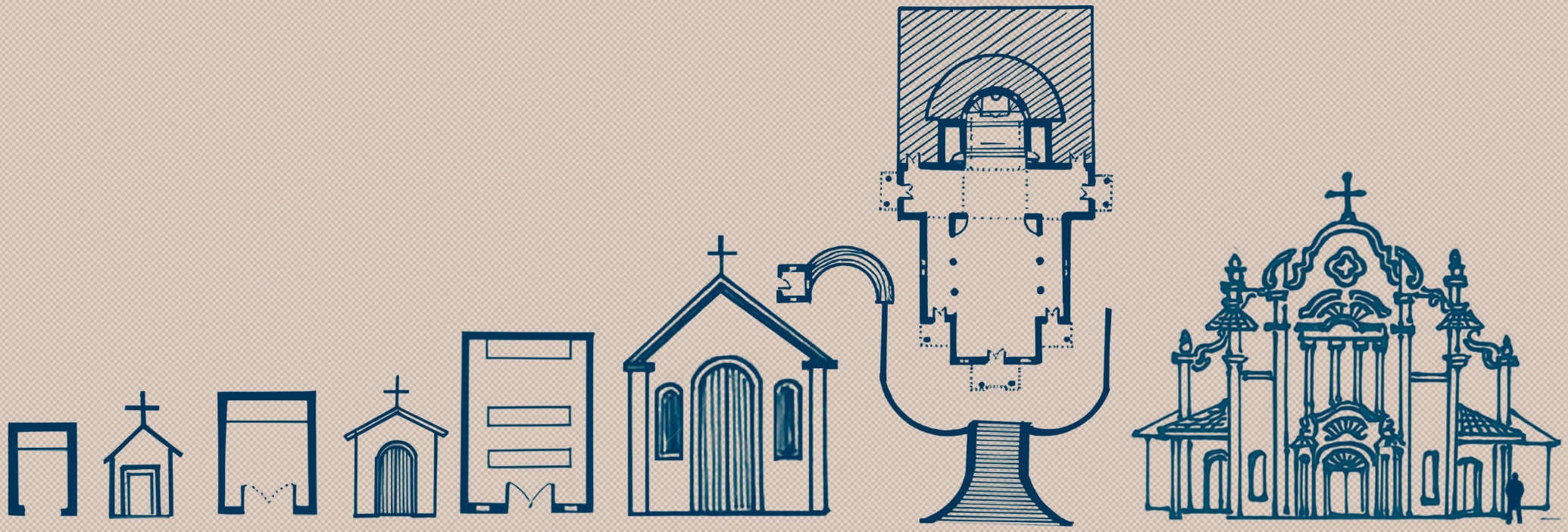
Ao afirmamos ao longo do texto que o SNSAB está em contínua transformação, temos ainda a acrescentar neste sentido o uso dos recursos das mídias sociais através das publicações na sua página do Instagram. Percebemos, assim, o intenso interesse em noticiar o trabalho de manutenção e conservação, onde o turismo é bastante estimulado pela administração do próprio Santuário. Observamos na recente publicação de 11 de fevereiro, sobre o primeiro encontro, noturno dos grupos de ciclismo "Luluzão e Tatu Peba", as iniciativas do atual reitor do Santuário, Padre Everton Liuchesi, publicou: *"Vale lembrar que o local tem sido ponto de encontro, turismo e destino de muitos ciclistas"*. A publicação ainda dizia que o reitor esta investindo em melhorias para acolhida e suporte dos ciclistas, e acrescenta que recebe significativo apoio do Departamento de Fomento do Turismo de São Carlos.

A participação expressiva da comunidade local no SNSAB acontece em vários âmbitos, inclusive no profano. Em 14 de janeiro de 2022, proprietários e voluntários de propriedades rurais da comunidade vizinha e alguns fiéis, se reuniram com seus tratores e implementos para promover a limpeza e a poda dos gramados e jardins do Santuário, contando inclusive com a participação do atual reitor Padre Everton Luchesi. O grupo ainda realizou a manutenção de diversos dispositivos de proteção ambiental como, por exemplo, os drenos de água de chuva, limpeza das cercas e início

da implementação de aceiros. O manejo do capim invasor nas áreas florestais também foi uma das atividades desenvolvidas, esta ação tem a finalidade de propiciar melhor desenvolvimento dos exemplares nativos, além de ser um preparativo destas áreas para futuros plantios de enriquecimento, previstos nos projetos socioambientais do Santuário. O grupo também deu o início à revitalização da "Trilha Via Crucis".

A ação deste grupo teve como consequência, um mês após, em 15 de fevereiro de 2022, a criação da PAB – Pastoral Ambiental da Babilônia, que, segundo divulgação da mídia social *Instagram* do Santuário, tem como objetivo cuidar de todos os assuntos de gestão ambiental, desde questões administrativas e processos junto aos órgãos ambientais regulamentadores, até projetos e campanhas ambientais junto aos fiéis. A Pastoral também tem por intenção abranger a coleta seletiva e gestão dos resíduos, manutenção das reservas ambientais e desportivos rurais, ações para economia de água e campanha de educação ambiental.

Embora muitos possam ser os caminhos para análises mais aprofundadas do local, nossas investigações tornaram possível reconhecer o Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como patrimônio cultural, construído ao longo do tempo por diferentes agentes, pessoas, grupos, ou instituições que possibilitaram a existência e a permanência de elementos simbólicos, que até hoje sustentam a memória coletiva em torno do achado da imagem, criando uma situação que permite a manutenção do mito e sua perpetuação através do tempo, e ultrapassando suas relações para além do santuário.



REFERÊNCIAS

ABREU, Tereza. Neuma. Martins. de. CORIOLANO, Luzia Neide Meneses Teixeira. Os centros de romaria do Ceará e o turismo religioso. *In*: CORIOLANO, L. N. M. T. (Org.). **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local.** Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 78-95

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, 196 p.

AMARAL, Rita de Cássia. **Sentidos da festa à brasileira.** *In:* Congresso Virtual de Antropologia y Arqueologia, 2000 Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm>. Acesso em: 15 de nov. de 2021

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. 8. ed. São Paulo: Ática.2000

ARAGÃO, Ivan Rêgo "**Vinde todas as pessoas e vede a minha dor**": a festa/procissão ao Nosso Senhor dos Passos em São CristóvãoSergipe como Atrativo Potencial Turístico em São CristóvãoSergipe. Dissertação (Cultura e Turismo). Universidade Estadual De Santa Cruz, Ilhéus. 2012.

ARANTES, Antônio Augusto. Introdução: cultura e cidadania. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília. n. 24, p. 9-13, 1996.

ARANTES, Antonio Augusto. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. **Revista da Cultura,** Brasília v.4, n 7.p.17, 2008 Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645608. Acesso em: 14 jun. 2011.

BENJAMIN, Roberto. Devoções populares não canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa. *IN:* **Revista folkcomunicação**. V.18 n.40, 2020 p.321. Disponível em: http://www.uepg.br/revistafolkcom/anteriores/revista01.pdf. Acesso em: 22 dez. 2022.

BENHAMOU, Françoise. **Economia do Patrimônio Cultural.** São Paulo: Edições SESC, 2012.

BENICASA, Vladimir. **Velhas Fazendas –** arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. São Carlos-Edufscar. São Paulo: Impressão Oficial do Estado, 2003.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias; ALMEIDA Maira Geralda de. Apropriação simbólica do território: o catolicismo em Sergipe. *In*: SEMINÁRIO REGIONAL NORTE E NORDESTE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2., 2012, João Pessoa. **Anais[**...] João Pessoa: [*s.n.*], 2012. p. 1-11.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Religioso. In: **A Economia das Trocas Simbólicas.** Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo, Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Joseane Paiva Macedo. Identidade. *In:* REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ Constituiçao.htm. Acesso em: 05 de set. 2020.

BRASIL. Decreto nº 80.978, de 12 de dezembro de 1977. Promulga a Convenção relativa à proteção do patrimônio mundial, cultural e natural. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/

legin/fed/decret/1970-1979/decreto-80978-12-dezembro-1977-430277-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 05 de set. 2017.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**: a longa duração. Trad. Ana Maria Camargo. *Revista de História*, v. 30, n. 62, p. 261-194, abr/jun 1965.

BRUSTOLONI, Júlio J. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**. A imagem, o Santuário e as Romarias. São Paulo: Editora Santuário, 1998.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMURÇA, Marcelo Aires; GIOVANNINI, Júnior Oswaldo. "Religião, Patrimônio Histórico e Turismo". **Horizontes Antropológicos**, Goiânia, v. 9 (20, p.): 225-247, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pessa Cintrão. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

_____ . O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. Tradução de Maurício Santana Dias. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Rio de Janeiro n. 23, p. 95 – 115, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. Alternativas contemporâneas para políticas de preservação. **TOPOS** - Revista de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.134-138, jan./jun.1999.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001

_____. **Convite à Filosofia**. 7 ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

_____. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CHUVA, Márcia. **Fundando a nação:** a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 313-333, jul./dez. 2003.

CIPOLLINI, Pedro Carlos. **O Dogma da Imaculada Conceição**: Ela apareceu repleta de graça. Disponível em: https://www.diocesesa.org.br/wp-content/uploads/2017/07/DOGMA-Imaculada.pdf

CÓDIGO de direito canônico, 4. ed. Lisboa [u.a.]: Conferência Episcopal Portuguesa [u.a.], 1983

CRISTOFOLI, Angelo R. **Conceitos de lazer no turismo e suas interpretações.** *In.* ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14, 2002 Santa Cruz do Sul. Anais [...]. Santa Cruz do Sul UNISC, 2002.
DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural:** recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder:** em São Paulo no século XIX. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIAS, Reinaldo.; SILVEIRA, Emerson. José Sena da. **Turismo Religioso:** ensaios e reflexões.

Campinas: 2003.

DIAS, Reinaldo. O turismo religioso como segmento do mercado turístico. *In*: Dias, R; Silveira, E. J. S. da. (org). **Turismo Religioso:** ensaios e reflexões. Capinas: Alínea. 2003. P. 7 -37.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder:** em São Paulo no século XIX. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. **A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo:** 1554 – 1987. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. Os nomes como marcadores ideológicos. *In*: – SOCIEDADE BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LINGUÍSTICA. **Acta Semiótica et Linguística** São Paulo: Plêiade, 1998. v. 7.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo. Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. Tradução Joaquim Pereira Neto, Revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes 2008.

FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FROSI, Vitalina Maria. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. *In*: **Métis**: história e cultura. Caxias do Sul, v. 1, n. 1 2002.

FONSECA, Maria Cecilia Londres. **O patrimônio em processo:** trajetória política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Hodônimos de Caxias do Sul e Bento Gonçalves: suas interfaces e correlações com o contexto histórico e cultural. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo.; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento**.** In: CHAGAS, Mário; ABREU, Regina (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-33.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **História**, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 27-46, 2012.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Até aos confins da terra**: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo. **A retórica da perda:** os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/Iphan, 1996.

GUERRA, Luciano. **O turismo religioso no mundo de amanhã**. Lisboa: Instituto de novas profissões. Gabinete de Estudos Turísticos, 1989.

Granato, Marcus; Ribeiro Emanuel Sousa; Araújo, Bruno Melo de. Cartas patrimoniais e a preservação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia. Informação & Informação. **Londrina, v. 23**, n. 3, p. 202 – 229, set./dez. 2018. http://www.uel.br/revistas/informacao/file:///C:/Users/user/Downloads/30997-167823-1-PB.pdf. Acesso em: 10 de dez. 2021

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARRIS, Ruth. **Lourdes**: la grande histoire **dês** apparittions, dês pèlerinages e des guérrisons. Paris: JC Lattès, 2001.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. **Celebrações populares**: do sagrado ao profano. *In*: CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA. Terra Paulista: Histórias, artes, costumes, v. 3 Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial; CENPEC, 2008, p. 169-209.

KOSBY, Marilia Floor. **Cruzamentos, territórios e patrimônio religioso**: sobre a doçura como referência Cultural nas comemorações de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas praias do Laranjal, Pelotas/ RS, em 2007.

KÜHL, Beatriz. Mugayar**.** Notas sobre a Carta de Veneza. **Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 287-320, dez. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anaismp/a/ShdGtFbB4jbpfQXMtd8Y4Pf/. Acesso em: 23 set. 2017

LARA, Camila de Brito Quadros. **O Patrimônio cultural religioso**: história e memória da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS / Camila de Brito Quadros Lara -- Dourados: UFGD, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1990.

_____. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

LIMA, José da Silva. Linguagens do patrimônio cultural e religioso na sociedade. *In*: CRUZ, Robson. **A transmissão do Patrimônio Cultural e Religioso**. São Paulo: Paulinas. p. 91-107, 2005.

LIMA, Tania Andrade. A arqueologia na construção da identidade nacional: uma disciplina no fio da navalha. Canindé, **Xingó**, v. 10, p. 11–26, 2007.

MALUF, Márcia. O aspecto barroco das festas populares**. Revista Olhar**, São Carlos, ano 3 nº 56 – janeiro-dezembro, p. 1- 6, 2001.

MARIA Helena Chartuni. **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10733/maria-helena-chartuni. Acesso em: 12 de dez. 2021.

MARTINS, José Clerton de Oliveira; LEITE, Liliana. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: MARTINS, C. (org.). **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006. p. 105-119.

MEDEIROS, FabríciaEvellyn Araújo. **Patrimônio, festa e tradição [manuscrito]**: a cavalgada de São José no distrito de São José da Mata – Campina GrandePB (1995 – 2020). / FabríciaEvellyn Araújo Medeiros. - 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A paisagem como fato cultural. *In*: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.

_____. A crise da memória, história e documento**:** reflexões para um tempo de transformações. *In*: SILVA, Zélia Lopes da (org**). Arquivos, Patrimônio e Memória:** trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p.11-29.

_____. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,** São Paulo, n.34, p.9-23, 1992.

_____. Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas culturais e políticas culturais. *In*: YAZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R.C.A. (orgs) **Turismo Espaço Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.
MONTES, Maria Lúcia. Entre o arcaico e o pós-moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira, **Revista Sexta Feira**, São Paulo, v. 2. P. 1 -13, 1998.

NÓBREGA, Zulmira. Cartografia da festa do maior São João do mundo: casas, bairros e distrito de Campina Grande-PB. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 7., 2011, Salvador. **Anais** [...] Salvador/BA: [*s.n.*], 2011. p. 1-15.

NOLASCO, Simone Ribeiro. **Patrimônio Cultural Religioso**: a herança portuguesa nas devoções da Cuiabá Colonial. Cuiabá: Entrelinhas; Editora da EdUFMT, 2010.

OLIVEIRA, Christian Dennys. Turismo religioso no Brasil: construindo um investimento sociocultural. *In*: TRIGO, L. G. G. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

OLIVEIRA, Luciane Monteiro; LOURES OLIVEIRA, Ana Paula de Paula. **Problemáticas da Gestão do Patrimônio e Políticas Públicas:** a educação na perspectiva de mudança paradigmática. Juiz de Fora, 2008.

_____. **Criação, experiência e manipulação do conhecimento revelado nos registros gráficos de crianças.** In: LOURES OLIVEIRA, A. P. P.; OLIVEIRA, L. M. (org.) Arqueologia e patrimônio de Minas Gerais: Ouro Preto. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. O catolicismo do povo. *In*: SANTOS, B. Beni dos; MEIHY, C. Sebe Bom; ROLIM, F. Cartaxo et. al. **A religião do povo.** São Paulo: Paulinas, 1978.

_____. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. Adeus à sociologia da religião. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2. p. 43-62, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PICCINI, Andrea. **Estudo da Habitação Rural e do Uso do Espaço Interno – Externo, Pelo Pequeno Produtor e Proprietário Rural**: O caso de Babilônia **–** Dissertação apresentada para o título de mestre no curso de Arquitetura e Urbanismo EESC –USP, 1991.

PIETRO Maria Bardi.: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.** São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa83/pietro-maria-bardi. Acesso em: 19 de jan. de 2022. Verbete da Enciclopédia.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**. São Paulo 2006, v. 26, n. 51, p. 115-140.

PEREIRA, João Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 66 -98, 2003.

PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. **Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio:** no debate cultural dos anos 1920 no Brasil. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2001.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RICHARDS, Greg. Turismo cultural: padrões e implicações. *In*: CAMARGO, P. de; CRUZ, G. da. **Turismo cultural:** estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus: Editus, 2009. p. 25-48.

ROCHA, Thiago Vinicius Cipriano, BELCHIOR, Maria Helena Cavalcanti da Silva. **A** Intersecção entre Peregrino e Turista Religioso: os diferentes caminhos ao sagrado. **Revista Turismo em análise** v. 2 n. 2 ago. 2016 Disponível em: filve:///C:/Users/user/Downloads/113341-Texto%20do%20artigo-223839-1-10-20160908.pdf Acesso: 17 de fev. de 2020.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Eduerj. 1996.

SANTOS, Marisa Veloso Motta. Nasce a Academia Sphan. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional***,* Brasília, n. 24, p. 77-96, 1996.

SILVA, Paula Junqueira. Cavalaria Jacuba e a valorização da identidade camponesa: patrimônio cultural e imaterial de Iporá/GO. XXI. *In*: **ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, 21, Uberlândia, 2012. Uberlândia: UFU, 2012. Disponível em: http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1349_1.pdf. Acesso em: 16 de set. 2021.

SOUZA, Elenice, Manzoni. **Patrimônio arquitetônico de Santiago/Rio Grande do Sul:** identificação e valoração. 2011. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

STAROSKI, Vivian.; OLIVEIRA, Paulo Rogério de. Em busca de um passado: a colonização e o mito de origem de Petrolância **(SC). Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 1-21, jan./jun. 2015.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e turismo: o Natal em gramado e canela. *In*: **Anais da Reunião Anual da ANPOCS, 22**. Caxambú, 1 1998. Caxambú: ANPOCS, 1998. Disponível em: https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt16-16/5160-csteil-peregrinacao/file Acesso em: 16 abr. 2021.

_____. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. Porto Alegre: **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre. v. 9, n. 20, p. 249-261, out. 2003. Disponível em: https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/28588-o-que-e-desenvolvimento-sustentavel/ Acesso em: 14 de abr. de 2020.

_____. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor Vincent. (org). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP & A. 2001. P. 9 - 40.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

TRUZZI, Oswaldo (org.). **Fontes Estatístico-nominativas da propriedade rural em São Carlos (1873-1940).** São Carlos: EDUFSCAR, 2004. Coleção Nossa História

_____. **Café e Industria:** são Carlos 1850-1950. 2º ed. São Carlos: UFSCAR

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Brasília: IPHAN, 2003. Disponível em: <Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf >. Acesso 14 dez. 2021.

_____. **Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.** Declaração Universal sobre a diversidade cultural, 2002. Disponível em: https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf . Acesso em: 25 de fevereiro de 2020.

ÁLBUNS E ALMANAQUES

AUGUSTO, Joaquim, (ed), **Almanach de São Carlos. São Carlos, o popular, 1894** (com a "contribuição do estatuto da história e geografia da cidade e Município de São Carlos do Pinhal" de Cincinato Braga). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Carlos: EdUFSCar, 2007.

AUGUSTO, Joaquim, (ed), **Almanach de São Carlos - 1905** - São Carlos, Aldina, 1904

CAMARGO, Sebastião, org – **Almanach de São Carlos para 1915** – São Carlos, Joaquim Augusto, 1915 Castro F. – almanach – Álbum de São Carlos 1916 1917. São Carlos. Artística, 1917. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Carlos: EdUFSCar, 2007.

MELLO, Antônio dias de (ed.). **Almanach de São Carlos – 1927**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Carlos: EdUFSCar, 2007 (Edição Fac Símile)

CAMARGO, José Ferraz – (ed.) **Almanack Annuário de São Carlos, 1928.** (Edição Fac Símile). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; São Carlos: EdUFSCar, 2007

ARQUIVO DA DIOCESE DE SÃO CARLOS

Livro Tombo Paroquia de São Carlos - 1887 – 1942

Livros de tombo da Diocese de São Carlos. De 1815 a 1890 e1862 a2003

Primeiro Livro Tombo Paroquia Sta. Isabel - 1962 -2004

Jornais da Diocese de São Carlos até 1936.

ENTREVISTAS ORAIS NÃO PUBLICADAS

AIDAR, Rickoff: depoimento [2020/2021]. Integrante da Comissão Paixão Sertaneja e organizador do evento Cavalgada da Nossa Senhora da Babilônia e Diretor do Departamento de Turismo de São Carlos - SP. Entrevistadora: CORRÊA, Ana Rita. São Carlos: IAU/USP-SP, 2021. Entrevista concedida à dissertação de Mestrado "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

BERTOCO, Lauriberto: depoimento[2020/2021]. Integrante da Comissão Paixão Sertaneja e organizador do evento Cavalgada da Babilônia. Entrevistadora: CORRÊA, Ana Rita. São Carlos: IAU/USP-SP, 2021. Entrevista concedida à dissertação de Mestrado "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

CLARICE: depoimento [2019/2021]. Participante da festa em homenagem à Nossa Senhora da Babilônia. Entrevistadora: CORRÊA, Ana Rita. São Carlos: IAU/USP-SP, 2021. Entrevista concedida à dissertação de Mestrado "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

JOÃO: depoimento [2019/2021]. Participante da festa em homenagem à Nossa Senhora da Babilônia. Entrevistadora: CORRÊA, Ana Rita. São Carlos: IAU/USP-SP, 2021. Entrevista concedida à dissertação de Mestrado "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

MARINA: depoimento [2019/2021]. Participante da festa em homenagem à Nossa Senhora da Babilônia. Entrevistadora: CORRÊA, Ana Rita. São Carlos: IAU/USP-SP, 2021. Entrevista concedida à dissertação de Mestrado "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

SOLIGON, Cristina: depoimento [2020/2021]. Colaboradora da festa em homenagem à Nossa Senhora da Babilônia. Entrevistadora: CORRÊA, Ana Rita. São Carlos: IAU/USP-SP, 2021. Entrevista concedida à dissertação de Mestrado "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

TOMBOLATO, Antonio: depoimento [2020/2021]. Padre e idealizador do Santuário. Entrevistadora: CORRÊA, Ana Rita. São Carlos: IAU/USP-SP, 2021. Entrevista concedida à dissertação de Mestrado "Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia como Patrimônio Cultural".

ANEXOS

1 - Contrato de locação do espaço do Santuário para uso comercial durante as festividades

INSTRUMENTO PARTICULAR DE CONTRATO ATÍPICO DE LOCAÇÃO DE ESPAÇO PARA USO COMERCIAL

I - IDENTIFICAÇÃO DAS PARTES CONTRATANTES

CONTRATANTE: MITRA DIOCESANA DE SÃO CARLOS, SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA DA BABILÔNIA, da **PARÓQUIA DE SANTA ISABEL**, entidade com finalidade religiosa sem fins lucrativos, com inscrição no CNPJ sob nº 45.356.292/0063-30 , situada na rua Padre Joaquim Cipriano de Camargo, nº 54, neste ato representada por seu Pároco, **Padre Marcos Eduardo Coró**, brasileiro, solteiro, maior, religioso, e **CONTRATADO**: *BRUNO HOFFMANN RODRIGUES*, brasileira, arquiteto, RG nº 41.988.382-4 e CPF nº 317.377.138-96, residente à Rua Josue Marques Martins nº 3745 - Vila Rancho Velo - São Carlos /SP.

As partes acima identificadas têm, entre si, justo e acertado o presente Instrumento Particular de Contrato Atípico de Locação de Espaço Comercial situado no Santuário Nossa Senhora Aparecida da Babilônia ***(Recinto Particular)****, objetivando reunir num mesmo local o maior número possível de barracas destinadas para a venda de produtos alimentícios e/ou outras mercadorias destinadas ou não à alimentação, que serão distribuídas segundo uma planificação prévia do espaço e condições e de acordo com os diferentes ramos de comércio e serviços.*

I - DO OBJETO DO CONTRATO

Cláusula 1ª. O objeto do presente contrato é o uso comercial pelo CONTRATADO de espaço pertencente à CONTRATANTE, local onde serão edificadas barracas para a venda de produtos alimentícios e/ou outros, em evento religioso e turístico a ser realizado no dia **15/08/2018 (quarta-feira)**, no período das 06h até às 18h, denominado "FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA DA BABILÔNIA".
A finalidade da parte comercial da Festa é auxiliar nas obras de reforma do Santuário e construção de melhores instalações para os fiéis, peregrinos e turistas que o visitam.

II - OBRIGAÇÕES DA CONTRATANTE

Cláusula 2ª. A **CONTRATANTE** deverá fornecer ao **CONTRATADO** todas as informações necessárias à realização do evento, devendo especificar o local previamente, bem como as condições para o perfeito planejamento e funcionamento das barracas.

Cláusula 3ª. A **CONTRATANTE** deverá ceder e delimitar o espaço em que será instalada a barraca do **CONTRATADO**, cabendo-lhe única e exclusivamente criar e desenvolver um mecanismo de distribuição dos espaços, bem como fornecer energia elétrica através da instalação de um ponto de energia no recinto, competindo ao CONTRATADO executar a sua distribuição interna de energia e iluminação, observando a capacidade de carga elétrica para a sua barraca, não podendo excedê-la em hipótese alguma.

Cláusula 4ª. A **CONTRATANTE** deverá efetuar o pagamento na forma e condições estabelecidas na cláusula 13 **(DA REMUNERAÇÃO E DAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO).**

III - DAS OBRIGAÇÕES DO(A) CONTRATADO(A)

Cláusula 5ª. É dever do **CONTRATADO** oferecer aos participantes da Festa um serviço de venda de *Lanche de Lingüiça e Bebidas*, de acordo com as especificações da **CONTRATANTE**, devendo iniciar suas atividades às 06h00 e terminar às 18h00 horas.
Parágrafo primeiro: Sob pena de responder pelas perdas e danos decorrentes, o **CONTRATADO** está obrigado a fornecer ao público do evento, produtos de qualidade, que deverão ser preparados e servidos dentro de rigorosas normas de higiene e limpeza, não podendo comercializar bebidas em garrafas de vidros, tudo em conformidade a legislação sanitária vigente.
Parágrafo segundo: Fica expressamente proibido a venda de bebidas destiladas e vinhos, bem como cervejas engarrafadas e as do tipo "litrão e latão", sendo apenas permitido a comercialização em latas ou garrafas de plástico.
Parágrafo terceiro: Deverá o CONTRATADO observar como valores mínimos para venda: **Água copo-R$ 1,00; Água Garrafa-R$ 3,00; Refrigerante Lata-R$ 5,00; Cerveja Lata-R$ 5,00; Cachorro-Quente-R$ 3,00;**

Espetinhos-R$ 4,00; Frango Assado-R$ 25,00; Pizzas-R$ 20,00 e Salgados-R$ 4,00. Os produtos não descriminados ficam a livre arbítrio.

Cláusula 6ª. O CONTRATADO será responsável em fornecer toalhas, pratos, copos, talheres, bandejas, gelo e demais utensílios necessários para o melhor desempenho da atividade comercial oferecida e pela manutenção e limpeza do seu espaço durante e no término do evento.
Parágrafo Único: Todo lixo ou detrito proveniente da barraca deverá ser armazenado pelo CONTRATADO e depois transportado e depositado por sua conta e responsabilidade nos horários e locais determinados pela **CONTRATANTE.**

Cláusula 7ª. O CONTRATADO está autorizado a instalar-se no local determinado, à partir das 16 horas do dia 14/08/2018 (terça-feira), a fim de montar a barraca com as dimensões e modelos padronizados pela **CONTRATANTE** e postar exclusivamente os serviços contratados, sendo-lhe proibida qualquer outra atividade, mesmo que exercida simultaneamente com a prevista, a não ser que a **CONTRATANTE** permita, por escrito, não podendo, porém, fazê-lo de modo a descaracterizar o tipo de comércio para o qual a barraca foi contratualmente destinada.
Parágrafo Único: Para não prejudicar o andamento do evento, a carga, descarga e circulação de mercadorias e bens de qualquer barraca só poderão ser feitas antes ou após o horário estabelecido para funcionamento das barracas e serão da exclusiva responsabilidade do **CONTRATADO.**

Cláusula 8ª. O CONTRATADO limitará toda a sua atividade e ocupação ao interior da barraca, não podendo ultrapassar os limites determinados previamente pela **CONTRATANTE**, e tampouco utilizar calçadas ou qualquer outra parte da área comum, de passeio ou estacionamento para colocar mercadorias, *stands*, quiosques, balcões, extensões, bancas, tablados, palcos, boxes, mobílias ou qualquer outro tipo de ocupação, mesmo que provisória ou precária, seja a título comercial ou propagandístico, decorativo ou outro qualquer.
Parágrafo único: Havendo descumprimento dessa cláusula, o **CONTRATADO** não mais poderá exercer as atividades contratadas, devendo deixar o recinto. Nessa hipótese não haverá a devolução do valor pago.

Cláusula 9ª. O CONTRATADO se compromete a fornecer cartazes dos serviços oferecidos, bem como afixa-los em local visível somente em sua barraca, não podendo conter dizeres como por ex: *"barraca em prol da igreja"*, *"barraca em prol da creche"* e outros, ou mencionar qualquer entidade social, política ou partidos políticos, salvo com expressa autorização da **CONTRATANTE.**

Cláusula 10ª. O CONTRATADO será o único e exclusivo responsável por todos os seus empregados que trabalharem no evento referido na cláusula 1ª, cabendo a ele o cumprimento das obrigações sociais, trabalhistas, previdenciárias, tributárias, entre outras, referentes à atividade comercial que executa.

Cláusula 11. O CONTRATADO durante a prestação dos serviços ora contratados, obriga-se a manter os vendedores ou empregados devidamente uniformizados e protegidos com máscaras, gorros e luvas, e outros utensílios necessários para o desenvolvimento da atividade, principalmente aqueles que deverão manipular gêneros alimentícios, garantindo que todos deverão ser portadores dos requisitos necessários de urbanidade, moralidade e educação no trato com as pessoas participantes da Festa.
Parágrafo único. Caso algum vendedor, assimilar ou empregado seja afastado em virtude de procedimento ou conduta inadequada, a critério da **CONTRATANTE**, o **CONTRATADO** poderá substituí-lo, sob devida autorização.

Cláusula 12. O CONTRATADO não pode, salvo com a expressa autorização da **CONTRATANTE**, alterar o local que lhe foi destinado para montagem da barraca, assim como transferir, sublocar, subdividir, agrupar, trocar o ramo de negócio previsto neste instrumento, colocando em risco o sucesso da Festa, motivo que ensejará a rescisão imediata do presente.

IV - DA REMUNERAÇÃO E DAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

Cláusula 13. O aluguel acordado para este Evento, será de R$ 700,00 (Setecentos reais), para instalação de uma barraca medindo 03 x 03 (três por três), e que deverá ser pago pelo CONTRATADO para o CONTRATANTE em moeda corrente nacional, na assinatura do presente contrato. **Barraca nº 14.**
Parágrafo Único. O **CONTRATADO** se compromete a comercializar seus produtos diretamente com o cliente.

V - DA RESCISÃO

Cláusula 14. O presente contrato poderá ser rescindido unilateralmente por qualquer das partes, desde que haja comunicação formal por escrito justificando o motivo, até 03 dias, antes da data prevista para o evento, sob pena de pagamento de multa no valor de R$ 350,00 (Trezentos e cinquenta reais).

VI - DAS PENALIDADES CONTRATUAIS

Cláusula 15. Salvo o caso de rescisão já previsto na cláusula anterior, fica estabelecido que o **CONTRATADO**, ao infringir a quaisquer cláusulas do presente contrato antes da realização do evento será desclassificado de imediato, ou se já instalada, deverá desmontar a sua barraca de vendas e deixar o evento imediatamente.

Cláusula 16. Se durante a realização do evento o **CONTRATADO** for surpreendido com qualquer com quebra das regras estabelecidas e acordada, mesmo que verbal, além da penalização contida na cláusula anterior, não mais será contratado em qualquer outro evento realizado pela **CONTRATANTE**, independente de medidas policiais e judiciais específicas, visando o ressarcimento de perdas e danos decorrente da ação empreendida.

VII - DAS CONDIÇÕES GERAIS

Cláusula 17. Para o sucesso da Festa, bom andamento dos trabalhos e tranqüilidade dos contratados, todas as atividades comerciais e de prestação de serviços serão rigorosamente fiscalizadas por fiscais identificados ou não e por membros da comissão instituída, sendo ainda admitido a investigação de qualquer denúncia anônima.

Cláusula 18. Qualquer alteração, modificação, complementação, ou ajuste do presente Instrumento, somente será reconhecido e produzirá efeitos legais, se incorporado ao presente contrato mediante Termo Aditivo, devidamente assinado pelas partes contratantes.

Cláusula 19. Para dirimir quaisquer controvérsias oriundas do presente Instrumento, as partes elegem o foro comarca de São Carlos, SP.

Por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento, em duas vias de igual teor, juntamente com 2 (duas) testemunhas.

São Carlos, 16 de julho de 2018.

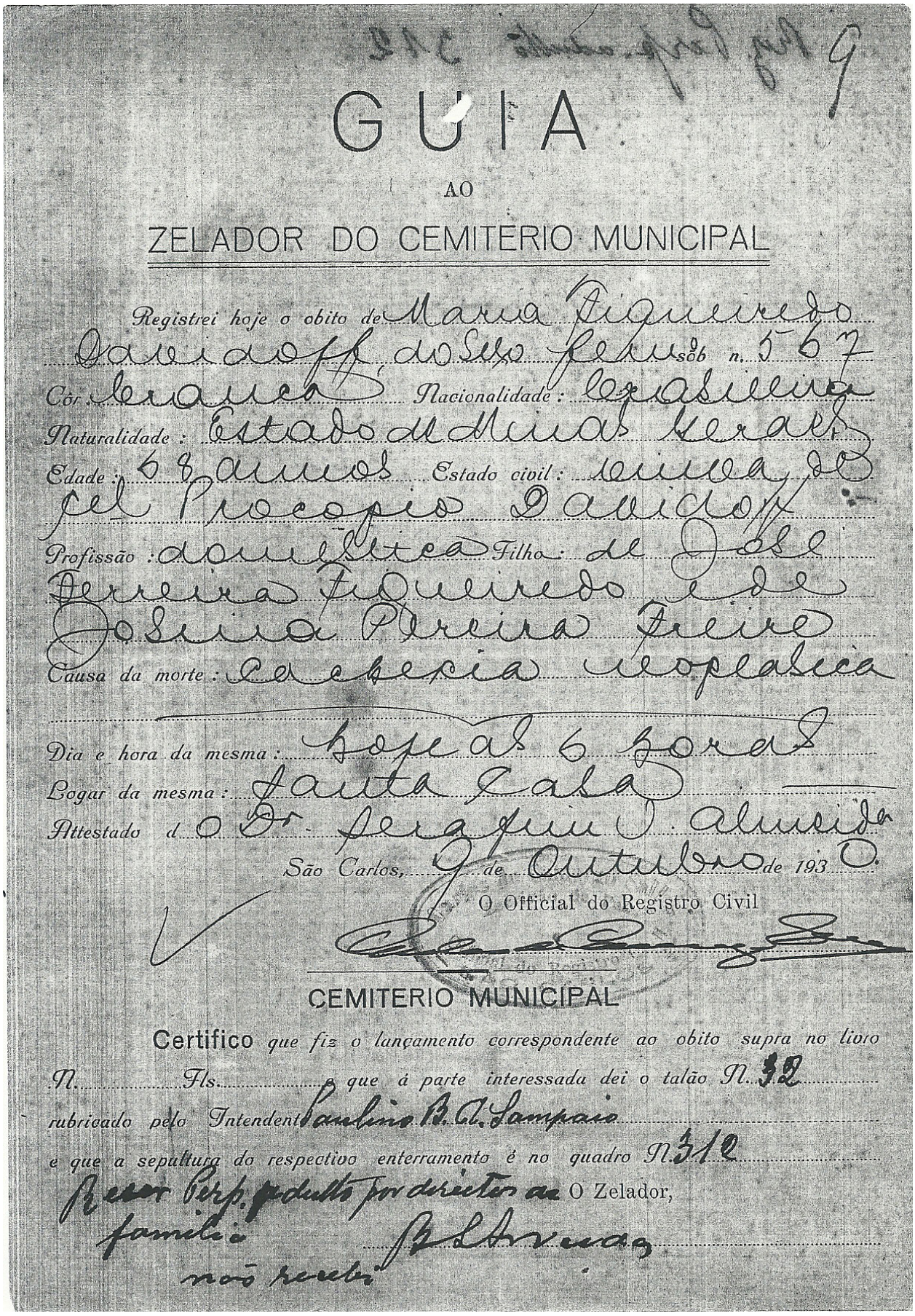
Padre Marcos Eduardo Coró
M.D.S.C. Paróquia de Santa Isabel
CONTRATANTE

CONTRATADO

TESTEMUNHAS:

José Wellington de Araújo
RG. 28.066.612-3

2 – Certidão de Óbito de Maria Figueiredo Davidoff, esposa de Procópio Davidoff



GUIA

AO

ZELADOR DO CEMITERIO MUNICIPAL

Registrei hoje o obito de Maria Figueiredo Davidoff do Sexo Feminino sob n. 567
Côr: branca Nacionalidade: brasileira
Naturalidade: Estado de Minas Geraes
Edade: 68 annos Estado civil: viuva do Cel Procopio Davidoff
Profissão: domestica Filho: de José Ferreira Figueiredo e de Josefina Pereira Freire
Causa da morte: Pneumonia hypostatica

Dia e hora da mesma: hoje as 6 horas
Logar da mesma: Santa Casa
Attestado d O Dr. Sergio D. Almeida

São Carlos, 9 de Outubro de 1930.

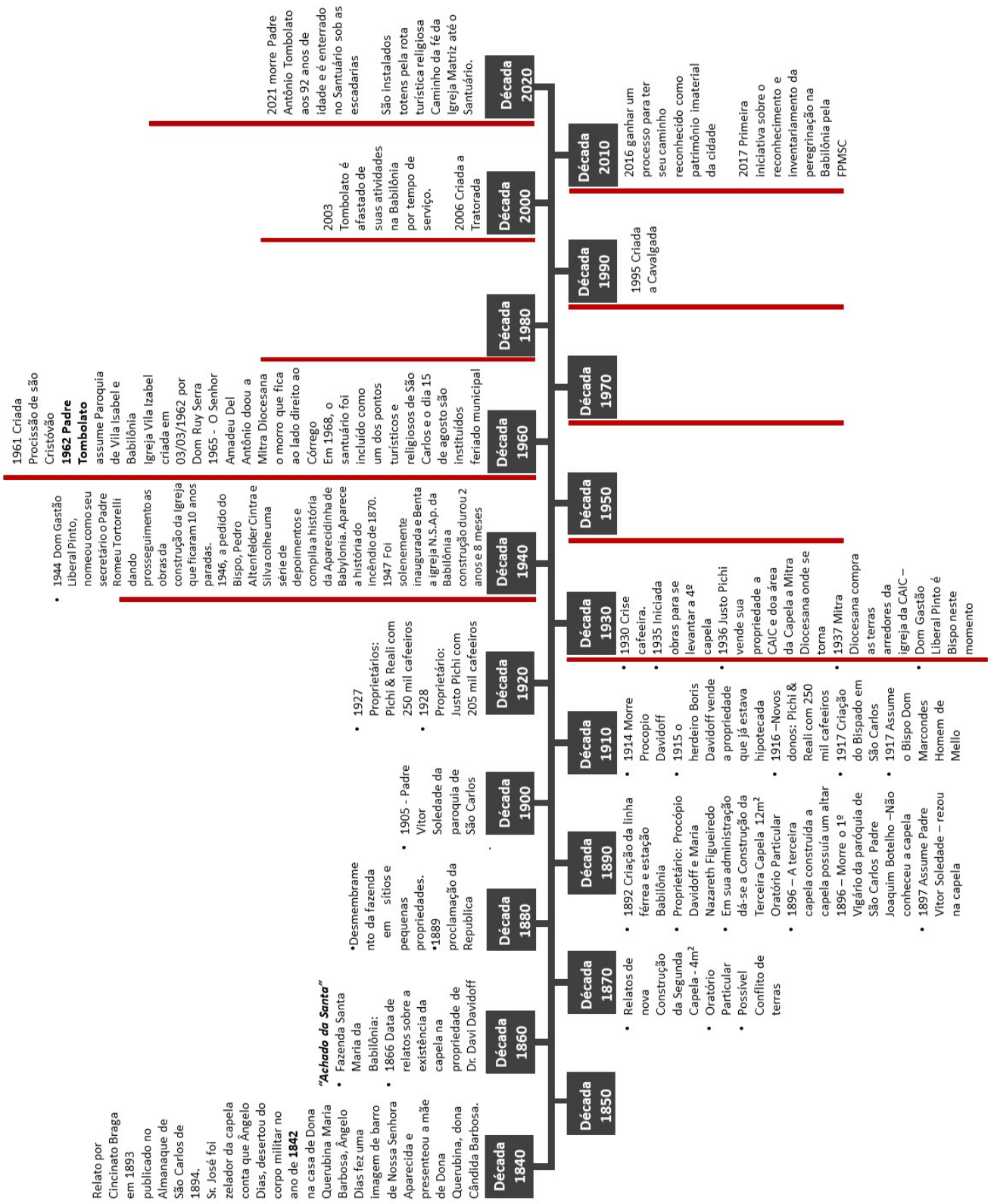
O Official do Registro Civil

CEMITERIO MUNICIPAL

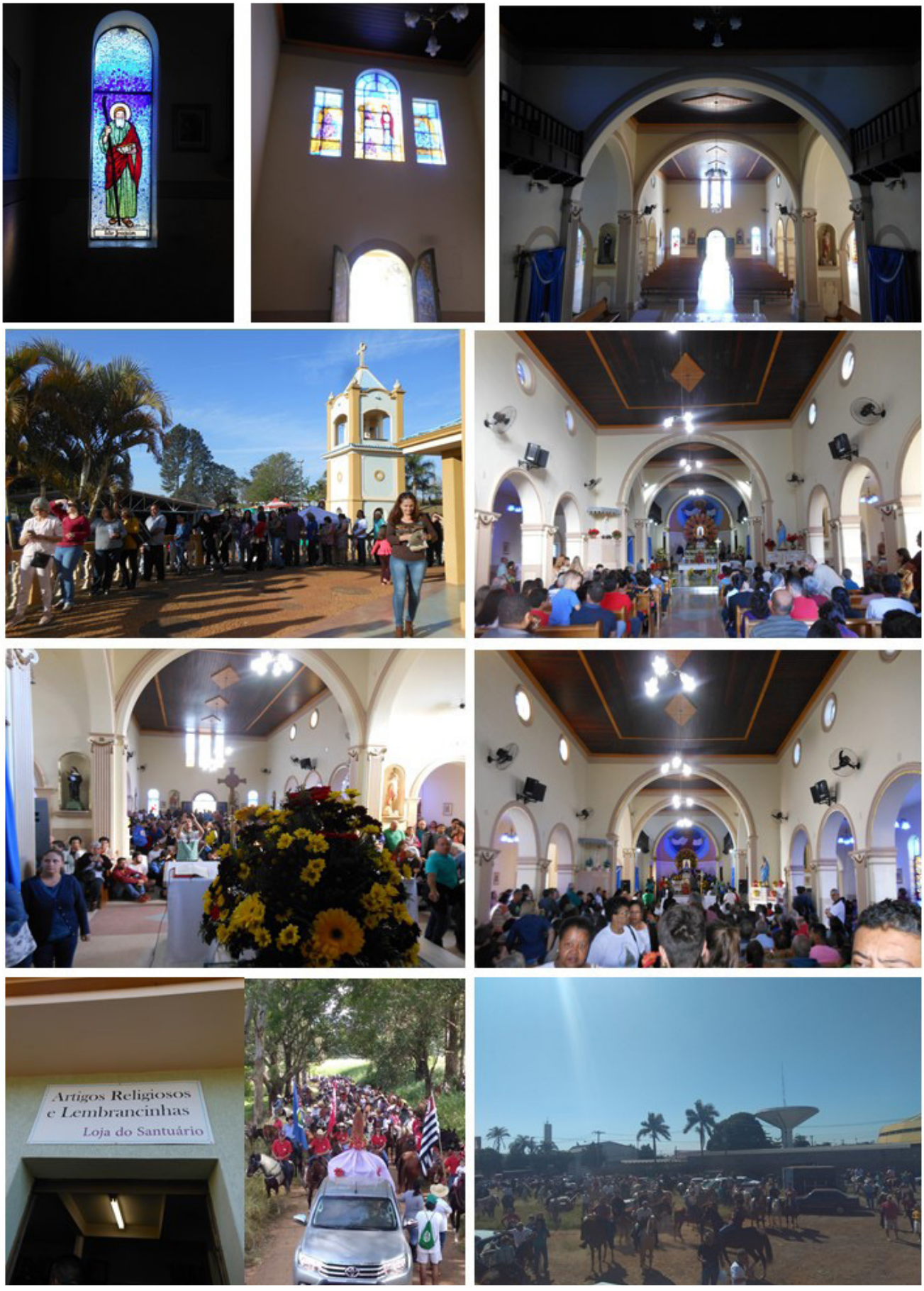
Certifico que fiz o lançamento correspondente ao obito supra no livro N. ..... Fls. ..... e que á parte interessada dei o talão N. 12
rubricado pelo Intendente Paulino B. C. Sampaio
e que a sepultura do respectivo enterramento é no quadro N. 312
Reser Perp. pedido por directos ao familia não recebi.
O Zelador,

APÊNDICES

1 - Linha do tempo elenca as transformações ocorridas no Santuário



2 – Fotografias da igreja e das celebrações realizadas no SNSAB



3 – Fotografias que evidenciam elementos intangíveis do SNSAB, como peregrinação, sala das velas e sala dos ex-votos



4 – Fotografias das festividades no SNSAB, entrelaçadas ao turismo religioso

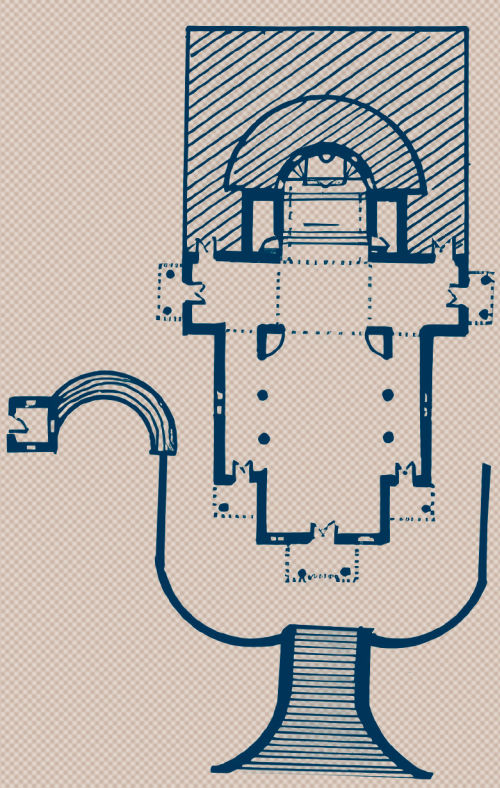















iau usp